

RECONHECIMENTO DE CIRCUNSTÂNCIAS PARA UM PROJECTO DE ARQUITECTURA



RUA DO HEROÍSMO, 333



Para o meu Pai, para a minha Mãe, para o meu Irmão.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Manuel Mendes, por ter entendido e me ter conduzido a esta investigação a esta abordagem do projecto e ao “CCStop”. Por ter potenciado o meu trabalho perante todas as dificuldades que fui apresentando e nunca ter desistido.

Ao mestre Anselmo Canha, para além de o seu texto “StopNonStop”, ser a base deste trabalho, as nossas conversas foram essenciais para o meu entendimento e compreensão do “CCStop” em tempo recorde. Ao seu acolhimento no e introdução ao “CCStop”, um mundo que me era completamente estranho e a dada altura passou a fazer parte de mim.

Ao arquitecto Nuno Cramês, por toda informação sobre o edifício, pela exposição do processo de legalização em que o CCStop se encontra e pela óptima entrevista.

Ao Nicola Henriques e ao Ricardo Areias que amavelmente me acompanharam na visita aos Silos.CR e ao CAAA respectivamente, e comigo partilharam as suas ideias.

À equipa da secção de Urbanismo do Gabinete do Município, do Arquivo, e sala de leitura da CMP que me receberam e colaboraram nas longas horas de pesquisa no arquivo.

Aos músicos do “CCStop”, cujos os nomes não arrisco enumerar, pelo vosso tempo, paciência, hospitalidade, amizade e interesse, tudo o que aqui encontrarem e vos fizer, melhorar as vossas condições de trabalho, ser mais felizes, é vosso. De vós vem, para vós volta.

Aos meus amigos e colegas, aos que estão mais distantes, a vossa preocupação e curiosidade pela execução deste passo final é sentida. Saudades vossas.

Aos meus mais próximos, que comigo viveram este trabalho de forma intensa, discutiram, apoiaram, ajudaram, e me fizeram continuar nos momentos mais difíceis, Ana Sofia, Arménio, Diogo, Maria, Pedro, Rapazote e Rui. À Adriana, Diana e ao Varela, pela grande ajuda na fase final deste trabalho.

Aos que foram a minha rede quando estava a cair, Luís, Castro e Teresa.

Aos meus pais e irmão, por entenderem as minhas longas ausências durante estes sete anos, e sempre me apoiaram.

A todos o meu profundo agradecimento.

RESUMO

O trabalho encontra cinco momentos distintos. No primeiro, a presente introdução, avançamos com a apresentação da investigação e do apoio que encontramos noutros projectos, onde reconhecemos um propósito semelhante. Procedemos ainda à apresentação do objecto de estudo, bem como a sua situação.

Na segunda fase são apresentadas as várias vidas que passaram pelo “CCStop”. A “Garagem Austin”, enquanto projecto modernista, onde procuramos reflectir acerca das problemáticas e questões levantadas por um edifício deste tipo. O Centro Comercial, a transformação dos espaços e consequente mudança das atmosferas vividas. Por fim, a alteração para o seu estado actual onde, através do trabalho de campo, procuramos enunciar as principais mudanças que este sofreu nos seus usos e formas. São ainda apontados os problemas da acústica presentes no edifício tendo em conta a sua nova utilização.

No terceiro tempo do trabalho enunciamos toda a metodologia e processo levado a cabo para o trabalho no terreno, as entrevistas, as conversas e a observação feita junto dos agentes sociais. O capítulo aqui apresentado procura lançar, desde já, pistas para formas de intervenção e de recolha de informação em abordagens semelhantes.

No quarto tempo, procuramos dar resposta à situação encontrada. Procuramos uma resposta a curto prazo, com propostas são de fácil execução, e que vão de encontro aos problemas apontados pelos músicos.

Por último, num segundo nível de projecto apontamos uma vontade, uma possibilidade de programa e de arquitectura para o futuro do edifício, a 4ª vida do “CCStop”: a passagem da marginalidade para a aceitação, com a transformação de um equipamento urbano.

De forma a sustentar a investigação exposta existiu o reconhecimento de várias situações que, oportunamente, utilizamos para suportar as nossas escolhas de projecto, e as nossas opiniões. Tratam-se de sondagens aos edifícios que visitámos e à informação que nos foi fornecida por parte de quem nos recebeu, apresentou o edifício e connosco discutiu sobre o trabalho.

ABSTRAC

The present dissertation is composed by five distinct moments. The first one, the introduction, advances with the presentation of the investigation and other supportive examples, where is recognized a similar purpose. It also introduces the case study as well as its situation.

The second phase presents the different lives that went by the "CCStop". The "Garagem Austin", as a modernist project, in a reflection about the different issues and questions that are related with this building typology. The Commercial Center, the space transformation and consequent atmosphere changes. At last, the alteration for its actual state where, through field work, the principal changes of its uses and shapes are enunciated. There are also pointed the acoustic problems presents in the building caused by its new utilization.

The third moment enunciates the methodology and process of the work field, interviews, conversations and observations done close to the social agents. The chapter here presented enunciates clues for possible ways of intervention and gathering of information in similar approaches.

At a fourth moment tries to answer the current situation. A short-term solution, proposals of easy execution that responds to the problems recognized by the musicians.

At last, at a second projectual moment, is presented a possibility of program and architecture for the future building, the fourth live of "CCStop", the transition of marginality to acceptance, with the transformation of an urban equipment.

Sustaining the this investigation there was recognition of various situations that were used to support our project choices and opinions – surveys of the buildings that were visited, information that was provided and of the people that received us, presented the building and argued with us about our work.

ÍNDICE

RESUMO, 7

ABSTRACT, 9

INTRODUÇÃO, 11

I, CIRCUNSTÂNCIAS DE PROJECTO, 13

Novas ferramentas de projecto, 13

Caso de estudo, 15

Situação Urbana, 18

Construção de um programa, 18

Apoio de trabalho, 19

Estrutura de trabalho, 19

II, NOTAS PARA A LEITURA DO “CCSTOP” NO SEU CONTEXTO

Encontro, 21

Ocupação, 22

Os espaços, 23

AS TRÊS VIDAS DO EDIFÍCIO, 25

I, ACOLHIMENTO DOS PRINCÍPIOS MODERNOS, 27

“Garagem Austin”, 27

Princípios modernos, 33

II, CONFRONTAÇÃO. CENTRO COMERCIAL STOP

Funcional, 37

Espacial, 43

Construtiva, 43

Formal, 45

III, OCUPA(ÇÃO), 47

“CCStop”, Espaço de experimentação, 47

Espaços colectivos, 47

O problema do ruído, 47

A Sala, 49

Tratamento das salas, 51

TRABALHO DE CAMPO, 61

I, METODOLOGIA E ABORDAGENS, 63

Abordagem inicial, 63

Questionário, 65

Relações, 67

II, PARTILHA E PROVOCAÇÃO, 69

Projecto Provação I, II, III, IV, 71

Receptividade, 72

RESPOSTA/PROPOSTA, 73

I, RESPOSTA À SITUAÇÃO ENCONTRADA, 75

Encontro das necessidades actuais e síntese das entrevistas, 77

Intervenções para um futuro do “CCStop”, 78

Renovação das Infra-estruturas, 81

Segurança, 82

Instalações sanitárias, 83

Compra e gestão de materiais, 84

Gestão de salas, 85

Espaços colectivos no “CCStop”, 87

Salas, melhoramento da acústica e da segurança, 91

II, CINEMAS STOP E DANCETERIA

Reciclagem das salas de cinema, 93

Adequação ao programa existente, 93

Segurança, 93

Proposta, 95

Danceteria, espaço comum para o futuro do “CCStop”, 97

Reconhecimento do potencial, 97

Proposta, 99

“RUA DO HEROÍSMO, 333”, 101

I, ACOLHIMENTO. CONFRONTAÇÃO. OCUPA(ÇÃO). FUTURO, 103

Palimpsesto, 103

“Rua do Heroísmo, 333”, 107

II, PROJECTO, 108

Abordagem, 109

Projecto aberto, 111

Proprietários como promotores da mudança, 113

Redistribuição de solos e de Salas, 117

Espaços comuns, redefinição da circulação e nova concepção espacial,
121

Revitalização urbana, 124

CONSIDERAÇÕES FINAIS, 127

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 129

FONTES DE IMAGENS, 136

ANEXOS, 137

ANEXO I, REFERÊNCIAS, 138

Silos.CR, 138

Espaço Maus Hábitos, 141

Visita ao CAAA, 145

Espaço do Tempo, 149

ANEXO II, RELATÓRIO DO RESULTADO DO INQUÉRITO, 150

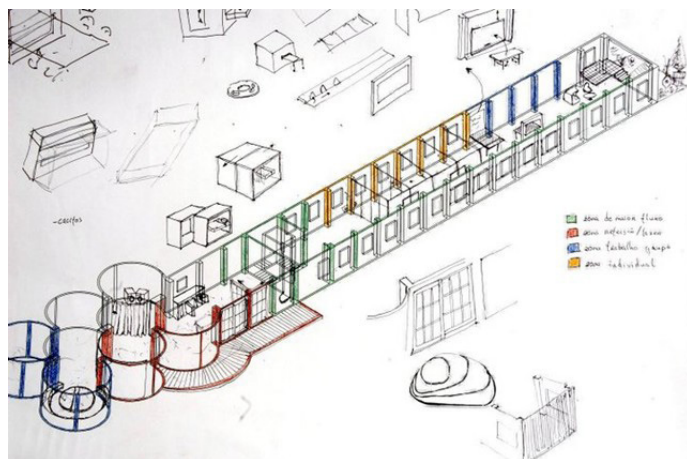
ANEXO III, ÍNDICE DE LICENÇAS

170/49 Arquivo Geral CMP, 152

294/80 Arquivo Urbanístico CMP, 153

INTRODUÇÃO





a) Diagrama do espaço "Silos.CR".

“O trabalho enquadra-se dentro de uma investigação genérica sobre o projecto de arquitectura. O trabalho converte-se numa estância prévia ao projecto, de onde se preparam os instrumentos necessários, as ferramentas e à vez, o trabalho tenta ser um projecto em si mesmo. Neste sentido temos tentado utilizar o texto escrito como ferramenta de um processo projectual novo para nós. A novidade desta nova ferramenta consegue que se revelem com clareza certos mecanismos projectuais do próprio processo e processos alheios.”¹

I, CIRCUNSTÂNCIAS DE PROJECTO

Fundamentámos o nosso trabalho tendo como referência o caso dos Silos Criativos nas Caldas da Rainha. Tendo como base um exercício académico os alunos foram convidados a abordar uma “nova filosofia geral do projecto”² e a propor, para a cidade, novos modos de reabilitação da mesma, através da reprogramação do que já existe e que se encontra em decadência.

Encontrámos, na alteração do paradigma da prática da arquitectura, um motivo para abordar o projecto de um novo ângulo. Ao contrário da tradicional encomenda procurámos, na cidade, oportunidades de intervenção, quer no património edificado, quer nas estruturas urbanas e, desta forma, apontar propostas que potenciem a vida urbana através da reciclagem de novos espaços e novas experiências.

“Através de uma análise comparativa das principais teorias relacionadas com o design e com o projecto de interiores durante o percurso do século XX, considerando exemplos significativos já realizados, mesmo os experimentais, evidencia-se uma nova função económica urbana fortemente relacionável com o design de ambientes que, através das suas merceologias³ especializadas poderão viabilizar processos contínuos de refuncionalização no interior da cidade versus uma metrópole mais sustentável. O tema do exercício pretende construir um quadro consciente, um crescimento qualitativo no entendimento cultural do projecto de ambientes, e da formação de um perfil profissional adequado aos novos contextos e desafios operativos exigidos pelo projecto da cidade do século XXI.”⁴

Novas ferramentas para o projecto

As ferramentas que nos foram fornecidas durante o percurso académico não são suficientes para suprir as necessidades do foro sociológico,

1 Aparicio, *La Construcción de La Mirada: Tres Distancias*, 21.

2 Rui Roda e Mónica Corrêa Mendes, *Briefing do Exercício Principal de Projecto III*, 1.

3 “merceologia s. f.- Parte da ciência comercial que se ocupa especialmente da compra e venda.” in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

4 Rui Roda e Mónica Corrêa Mendes, *Briefing do Exercício Principal de Projecto III*, 1.

essenciais para entender a realidade onde procuramos intervir.

A falta destas ferramentas provocou-nos, desde logo, a necessidade de colmatar essa lacuna, recorrendo a uma equipa de trabalho multidisciplinar (de que não dispomos) ou através da aquisição de alguma base teórico-prática das áreas em falta.

Encontrámo-nos, assim, numa posição distinta à que fomos habituados a trabalhar no contexto académico, não recebendo quaisquer indicações, programa, ou local a intervir. Começámos, então, por procurar situações onde pudéssemos pôr em prática as ferramentas adquiridas durante o percurso académico. Optámos por este caminho aceitando também que parte da prática do arquitecto não passa só pelo cliente que requer trabalho mas por uma postura que nos leva a reflectir sobre a cidade, os seus problemas e a apresentar formas de os resolver.

Repetimos a experiência que os colegas de Design de Ambientes da Escola Superior de Design das Caldas da Rainha [ESAD.CR] fizeram, e que culminou com a criação de uma infra-estrutura denominada de “Silos Contentor Criativo”⁵, sendo este, actualmente, o maior propulsor de pensamento, crítica e produção nas Caldas da Rainha.

No Porto, o nosso objecto de estudo focou-se no Centro Comercial Stop [“CCStop”], na rua do Heroísmo, edifício originalmente desenhado com funções de garagem, depois mutado para espaço de comércio e conquistando nas últimas décadas uma importante posição no panorama musical portuense, graças a bandas e nomes que por lá foram passando (ou ainda estão) como é o caso dos Repórter Estrábico, Ornatos Violeta e os vários projectos de Manuel Cruz, Pedro Abrunhosa, ou de locais, como é o caso do “Metalpoint”. Sobrevivendo à morte da sua função como espaço de comércio, e perdendo a fama de local inseguro, é agora um espaço onde grande parte das antigas lojas são salas de ensaio de bandas, sendo estas mais, ou menos, profissionais.

O “CCStop”, construído em 1980/83, sito na rua do Heroísmo, no Porto, é um antigo espaço comercial, resultante da conversão e ampliação de uma garagem modernista da marca Austin construída em 1949/52. Ambos os projectos são da autoria do Arquitecto Eugénio Alves de Sousa [foto pág. 15].

⁵ Após a produção do trabalho a cima mencionado um dos alunos, Nicola Henriques arrendou o edifício sobre qual a reflexão foi feita, os antigos Silos da Ceres e criou um espaço de experimentação e criação. Hoje o local é denominado de Silos Contentor Criativo. Mais informação no Anexo I.



a) Centro Comercial Stop, Rua do Heroísmo, 333. Porto

Caso de Estudo

A vida breve deste espaço comercial levou a que, gradualmente, as lojas fossem ocupadas por bandas de múltiplos repertórios, ainda que maioritariamente ligadas ao rock. Trata-se um edifício que não possui as características necessárias para a sua utilização actual, e que fruto de ocorrências desconhecidas não possui ainda licença de utilização. Ao longo deste trabalho de investigação foi-nos revelado que o edifício não se encontra legalizado, estando a decorrer os processos legais necessários e beneficiação do mesmo, de forma a cumprir os requisitos apontados pela lei em vigor, pela Câmara Municipal do Porto e pelos Bombeiros Sapadores do Porto⁶.

Por outro lado, quer o seu passado enquanto edifício modernista, quer as múltiplas transformações que o edifício teve ao longo da sua vida, sugerem-nos que o edifício tem capacidade de se reciclar. De antemão, sabe-se que a sua base conceptual, de princípio de planta livre, permite um largo espectro de ocupações, de utilizações e de organização do espaço. Assim, bastaria que surgisse aqui uma nova renovação que desse sentido às actuais práticas aqui acolhidas, para que se mantenha em uso, e não entrando em decadência.

O “CCStop”, a par de outros, enquadra-se num grupo de edifícios da cidade do Porto (como a Lota de Massarelos e Mercado do Bom Sucesso), que, quando desprovidos da sua função inicial, ou com a diminuição dos

⁶ Nuno Cramês, Entrevista com arquitecto Nuno Cramês, músico e arquitecto responsável pela legalização do “CCStop”.



Da esquerda para a direita, de cima para baixo.

a) Praça do Poveiros.

b) Jardim de São Lázaro;

c) Largo Soares dos Reis, Cemitério Prado do Repouso;

d) Largo Soares dos Reis.

e) Localizações, antes e depois do CCStop: X, "CCStop". A, Edifício Axa; B, Teatro São João; C, Coliseu do Porto, Garagem Passos Manuel e Espaço Maus Hábitos;

D, Estação Intermodal de Campanhã.

i, Avenida dos Aliados e Praça da Liberdade; ii Praça D. João I; iii, Rua de Santa Catarina; iv, Praça da Batalha; v, Praça dos Poveiros.

I, Jardim de São Lázaro; II, Campo 24 de Agosto; III Largo Soares dos Reis.



Da esquerda para a direita, de cima para baixo.
a) b) c) Rua do Heroísmo, edifícios adjacentes ao "CCStop";
d) Rua Lomba, alteração drástica de escala dos edifícios;
e) Edifício Industrial, Rua Frei Heitor Pinto;
f) g) Estação intermodal de Campanhã;

lucros, caíram no esquecimento, perderam o seu valor cultural e urbano, sendo depois renegados para o investimento privado como Centros Comerciais, tal como o que aconteceu com a “Garagem Austin”, ou reconvertidos em unidades hoteleiras.

Situação urbana

A situação⁷ urbana em que o edifício se encontra sugere-nos, também, que a sua transformação poderá influenciar grandemente a urbanidade desta zona do Porto. A actual vida do edifício ainda se encontra ligada a um estatuto de marginalidade, e a alguma indigência. A requalificação do “CCStop” enquanto equipamento para uma escala urbana poderia levar à reabilitação da zona da cidade que se encontra nas imediações deste, da mesma forma que a Casa da Música provocou alguma revitalização da zona da Boavista.

Para oriente do Largo Soares dos Reis, o Porto é uma cidade diferente daquela que conhecemos. Aqui não chegaram as reabilitações da Porto 2001, não existem espaços públicos caracterizados, a febre da baixa não abarcou aquela zona, não fazendo ainda parte dos locais da movida portuense.

Caminhando pela rua do Heroísmo encontramos lojas de montras vazias, edifícios em mau estado, existindo, por isso, um “Porto Oriental” esquecido, que, aparentemente, é apenas retomado na zona de Campanhã.

Construção de um programa

“Como construir um pensamento? (...) uma estratégia que consiste em “colocar perguntas” que só podem ser respondidas mediante a construção de um problema.”⁸

A reabilitação das condições de trabalho dos usuários do “CCStop” passará pela compreensão das necessidades dos músicos e pelo constante diálogo com estes⁹. Munidos de algumas ferramentas sociológicas procurámos entender as suas vontades, desejos e ideias para o espaço.

Desta forma, encontrámos nos intervenientes do “CCStop” a fonte para entender os problemas que hoje fazem parte daquele espaço. Foi a partir das suas histórias, desejos ou frustrações que encontrámos as questões do projecto e apontámos opções de alteração ao edifício.

7 “Deveríamos aclarar que preferimos denominar “situação” o que encontramos para o projecto cheio de fenómenos, tem uma determinada geografia: a palavra situação aclara-nos mais que é algo que também desde a percepção devemos explorar e pelo contrário, não é algo dado, exterior e consolidado.” in Aparicio, *La Construcción de La Mirada: Tres Distancias*, 212.

8 Ibid., 19.

9 O facto de o local já possuir uma utilização, uma vontade afasta-nos do trabalho dos colegas da ESAD.CR sendo necessário que as nossas ferramentas de análise necessitam de maiores cuidados.

Apoios de trabalho

“Escrever e desenhar é construir um objecto exterior a nós, um objecto à distância, e este é o começo da criatividade.”¹⁰

Para além das ferramentas sociológicas, encontrámos, logo no início desta investigação, um conjunto de ferramentas que nos permitiram começar o estudo: a escrita, o desenho, o diagrama, a folha de cálculo e a fotografia.

Tendo como princípio o registo das realidades que fomos encontrando houve a necessidade de criar um registo o mais completo possível das impressões, conversas, sensações dos sucessos e dos insucessos. O diário de investigação de campo tornou-se a base para o processo de investigação, sendo ao mesmo tempo, recolha e reflexão e, sempre que possível, convívio com os problemas existentes.

Para a informação que nos foi surgindo, a folha de cálculo e a possibilidade de, a qualquer momento e local, possibilitar a adição de informação, mantendo sempre possível a sua leitura, tornou-se o espaço privilegiado para arrumar a informação dispersa que fomos coleccionando.

O objecto de estudo apresenta múltiplas camadas de relações que apenas nos foram possíveis dispor através de diagramas, elementos que conciliam uma relação visual com a textual.

A fotografia foi de forma indiscutível o meio principal de congelar algumas realidades que fomos presenciando, e que se tornaram matéria prima para reflexão para o projecto de arquitectura. Partindo da fotografia, e de forma a comunicar com os nossos interlocutores uma possível previsão da realidade, encontrámos na simulação 3d uma ferramenta eficaz de comunicação das transformações efectuada ao espaço.

“São documentos da formação da imagem não só os esboços com que fixamos algumas ordens provisórias, mas também as anotações. Gráficas, e documentos com que indagamos e configuramos os dados do problema, pondo-os em discussão”¹¹.

Nesta dissertação, a investigação prévia ao projecto é ao mesmo tempo uma busca pelo entendimento total do local e a construção de uma ideia, um futuro para o nosso objecto de estudo.

10 Aparicio, *La Construcción de La Mirada: Tres Distancias*, 216.

11 Gregotti Vittorio, *Los Materiales de La Proyección*, 217.

a) b) Entrada no edifício antes da colocação dos novos portões.



Encontro

A primeira impressão que se tem do Stop é formada pela sua fachada de cores bizarras, pela escala que contrasta com os restantes edifícios da rua e pelas lojas vazias, como tantas outras na rua do Heroísmo.

Por dentro, aos olhos de estranhos, o Centro Comercial Stop é um espaço abandonado. Desde a entrada, onde se encontra o Rei dos Lanches e a Foto Stop, se sente este abandono, que não cria uma ideia positiva do espaço onde estamos, corroborado depois pelo odor a mofo (pela falta de ventilação) e pela escuridão, (pela falta de iluminação natural e pelas montras pintadas negro). Este espaço foi perdendo, progressivamente, a sua transparência, pela transformação da antiga Garagem, com a reutilização das rampas para colocação de lojas e redução da área de circulação dentro deste edifício.

Percebe-se que, aquando da modificação desta garagem modernista, nos anos 80, os materiais paradigmáticos desta época revestiram as superfícies: misturaram-se painéis de cortiça envernizada nos pilares com pavimentos em vinil preto pitonado e mosaicos, no tecto falso alternou-se o entre o vinil preto e entre o poliestireno. Recentemente a degradação deste último levou à sua remoção e as lajes e vigas foram pintadas a amarelo.

Hoje, o interior danificado, as escadas rolantes e ascensores avariados, as luminárias danificadas e uma panóplia de materiais que apenas fizeram sentido nesses longínquos anos 80, no contexto específico dos centros comerciais, saltam à vista.

Olhando para além dos espaços de circulação, repara-se que as instalações sanitárias são, em alguns pisos, inexistentes e, noutros, sem condições de usabilidade. Desde a falta de retretes à falta de água nas torneiras, acompanhados pelo cheiro a urina, aqui nem o que é básico funciona.

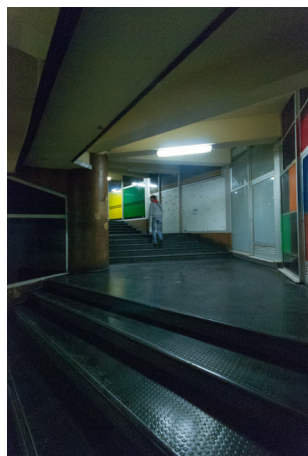
A Ocupação

A marginalidade, a insegurança da zona, que se reflecte no edifício, fizeram do “CCStop” um local onde gradualmente as bandas foram entrando e fazendo daquele o seu espaço de experimentação. Com as rendas baixas, entre os 125 e os 250 euros, o condomínio aufere cerca de um terço destas, o que, segundo foi possível apurar, é à justa para cobrir as despesas do “CCStop”.¹²

Esta fraca disponibilidade financeira, aliada a alguma desconfiança que os músicos não conservem os espaços¹³, faz com que exista uma grande inércia à execução de obras relativamente simples como o arranjo dos quartos de banho e às obras de conservação necessárias, que dêem

¹² Carlos Freire, Entrevista com Carlos Freire, Chefe dos Seguranças do “CCStop”.

¹³ Ibid.



Da esquerda para a direita, de cima para baixo.

- a) Átrio, piso R/C
- b) Corredor piso R/C
- c) Escadas em leque piso 1
- d) Átrio piso 3

ao "CCStop" um novo ar, removendo os elementos que o colocam numa esfera marginal.

No entanto, existem hoje dois grupos de pessoas no "CCStop". De um lado situam-se os músicos que querem fazer do "CCStop" um espaço cultural, aberto, de partilha, trabalho e ensino. Em oposição, outro grupo de utilizadores vê no "CCStop", e no seu aspecto, elementos que induzem à liberdade, à não existência de regras e vêem esta degradação como uma condição essencial para a prática musical ou para a criação um espaço *underground*¹⁴.

É importante também apontar que, neste contexto, a alteração e beneficiação dos espaços, os valorizam financeiramente, acabando por provocar o aumento das rendas e, assim, a diminuição da capacidade de permanência dos que arrendatários actuais. Com efeito, quando questionado um dos elementos dos "OliveTreeDance", este apontou que "se for preciso subir a renda para pagar custos de arranjos, mais vale deixar estar"¹⁵.

As vontades do "CCStop" são, em parte, de quem o habita. No entanto, pelo facto de os músicos não serem proprietários de espaços no "CCStop", estes usuários não têm direito de voto nas reuniões de condomínio realizadas.

Ainda assim, é recorrente a tentativa de criar uma associação de mú-

¹⁴ Termo utilizado normalmente na gíria quer da música quer outras áreas para designar algo que é alternativo em oposição ao mainstream.

¹⁵ Renato, Pedro e Márcio, Entrevista com os "OliveTreeDance", projecto com espaço no "CCStop".

sicos do Stop, existindo, no entanto, barreiras entre eles que, a cada tentativa de criação, surgem e impedem que se concretize. Em Setembro de 2012, alguns dos elementos mais activos, produziram inclusive os estatutos da Associação, mas, a falta de unidade, alguma má vontade¹⁶, e a crença que a criação de uma voz colectiva irá anular a anarquia essencial à criatividade¹⁷ fazem com que esta associação não se concretize.

Historicamente, em oposição a esta atitude, contrastou a união que surgiu quando o “CCStop” ameaçou ser fechado por não cumprir os requisitos de isolamento acústico para a fachada e por não ter licença de utilização. Nesse momento, os músicos conseguiram unir-se trabalharam juntos para obter os resultados desejados.

Os espaços

A sala é o espaço/unidade mais pequena do “CCStop”. Estas unidades são, por vezes, partilhadas sem que os vários músicos se conheçam, e outras desenvolvem comunidades, independentemente do tipo de música que tocam.¹⁸

Sendo um tipo de espaço que não foi feito para albergar o tipo de utilização actual, estas salas não têm preparação acústica, e mesmo tratando a sala, dificilmente se atingem os níveis desejados de isolamento. Esta característica, apesar de condicionar o trabalho dos músicos, permite também algumas “brincadeiras” entre as salas, chegando a haver diálogos entre músicos e instrumentos depositados entre paredes. É este tipo de relação que se estabelece com os vizinhos que, apesar de apresentar vários problemas, acaba por ser benéfico na construção de algo semelhante a uma comunidade. Também, estes problemas acabam por ser aceites, tendo em conta as rendas baixas, e nem sempre são vistos de forma negativa.

É neste contexto que o “CCStop” deve ser visto como um palimpsesto de usos, de pessoas, de bandas e géneros musicais desde popular ao *metal* passando por registos experimentais. Como refere Nuno, “no “CCStop” o filtro estético não existe, (...) e da mesma forma não existe filtro para a música, aqui toda a gente é aceite.”¹⁹. Aqui existe espaço para as inúmeras formas de expressão musical (e outras formas de expressão são bem vindas), projectos educativos e demais actividades.

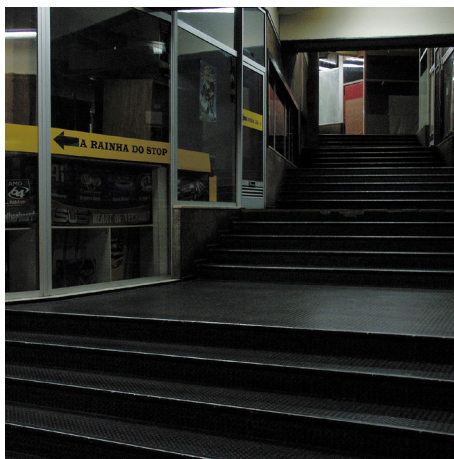
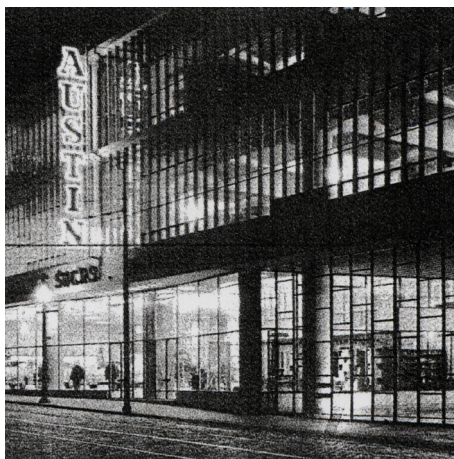
16 Aqui inclui-se os acontecimentos em reuniões acerca dos estatutos em que alguns elementos do público quiseram questionar e discutir ponto a ponto todos estatutos da Associação a criar sem apresentar alternativas, ver, Hugo, Entrevista com Hugo, músico e proprietário do “Metalpoint”.

17 Kiko Brandão, Entrevista com Kiko Brandão, músico.

18 Tiago Alves, Conversa no “CCStop” com Tiago Alves, estudante de design.

19 Nuno Cramês, Entrevista com arquitecto Nuno Cramês, músico e arquitecto responsável pela legalização do “CCStop”.

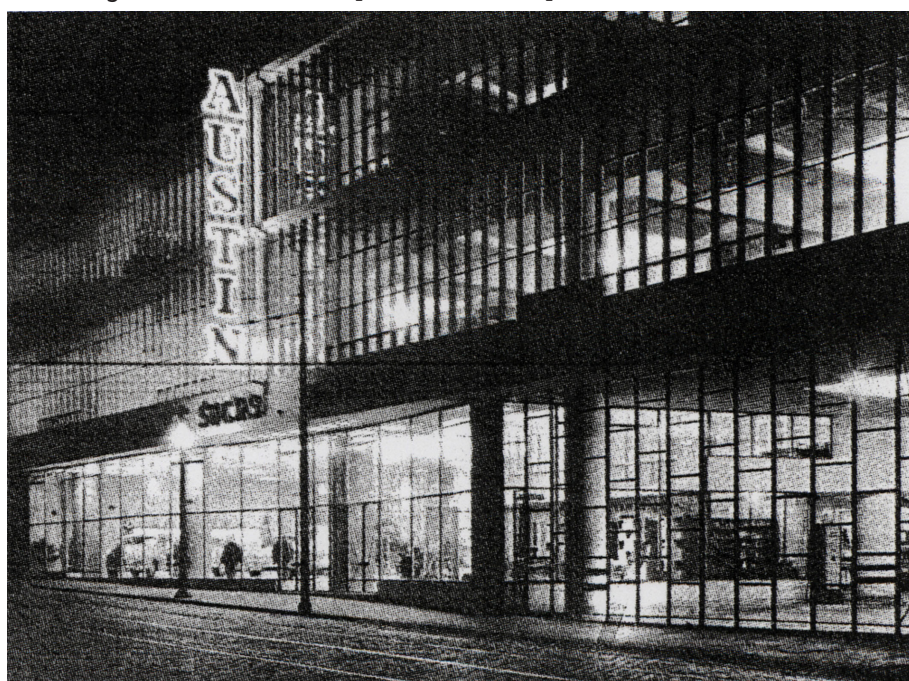
AS TRÊS VIDAS DO EDIFÍCIO



“Garagem Austin”.

Antes de ser um espaço deixado ao insucesso comercial e ocupado por bandas, o “CCStop” era um stand/estação de serviço da marca Austin da autoria do Arquitecto Eugénio Alves de Sousa e cujo o dono era a firma J.J. Gonçalves.

Este edifício que hoje temos na rua do Heroísmo com uma fachada bizarra²⁰ foi outrora um dos exemplos de arquitectura modernista portuguesa. Iniciada cerca de dezasseis anos depois da Garagem do Comércio do Porto [Comércio], da autoria de Rogério de Azevedo, dez anos depois da Garagem Passos Manuel [Passos Manuel], de Mário Abreu, e ainda con-



a) “Garagem Austin”,

temporânea do Edifício Fiat [Fiat], de Artur Andrade[ver páginas 28-31].

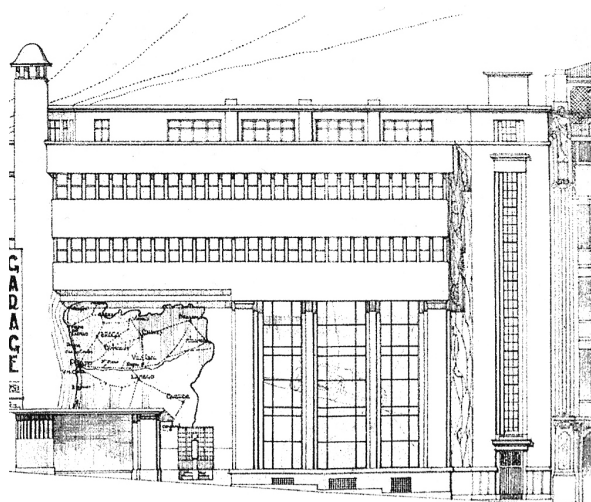
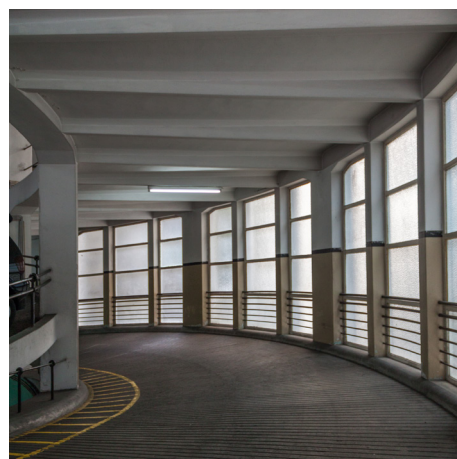
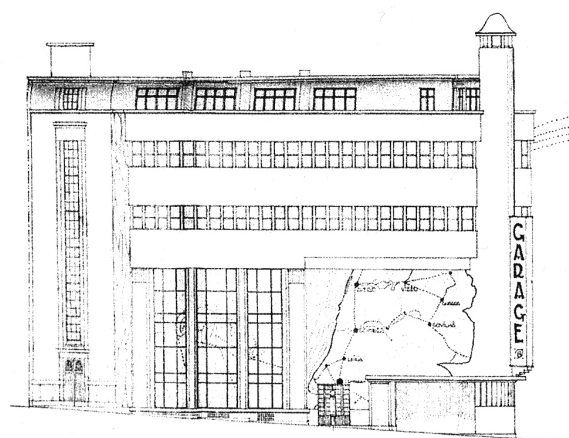
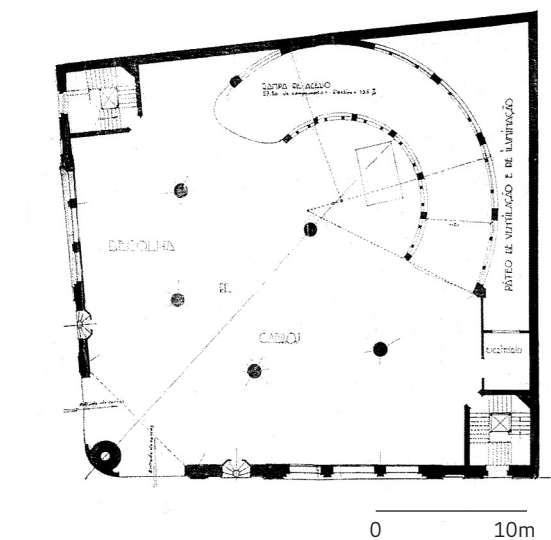
O projecto da “Garagem Austin” consistia na ampliação de uma garagem já existente cujas instalações se haviam demonstrado “insuficientes e incompletas”²¹. No entanto, as necessidades do programa fizeram com que o volume da ampliação fosse muito maior do que a já existente de forma da cumprir, “um verdadeiro programa de conjunto onde há elementos a respeitar, modificar ou mudar intimamente ligados a criar e a prever”²².

O edifício consistia em três pisos unidos com uma rampa e uma escada, a construção já existente definia o limite a Sul onde se encontrava a rampa. Na lado oposto, a entrada da rua do Heroísmo e a fachada Norte. Ambas as fachadas consistiam numa grelha de betão encerrada com vidro simples. A excepção encontrava-se no piso térreo da fachada Norte,

20 Anselmo Canha, *StopNonStop*, 2008.

21 Eugénio Alves Sousa, Licença 170/49, ““Garagem Austin””.

22 Ibid.



Garagem do Comércio

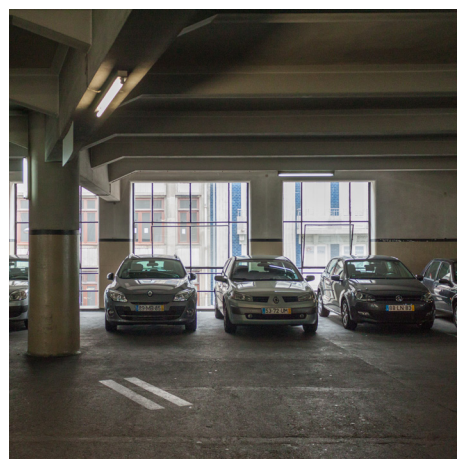
De cima para baixo, da esquerda para a direita.

- a) Planta rés-do chão;
- b) Alçado frontal;
- c) Alçado lateral.

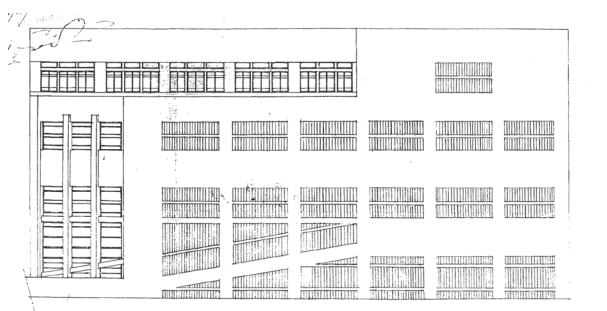
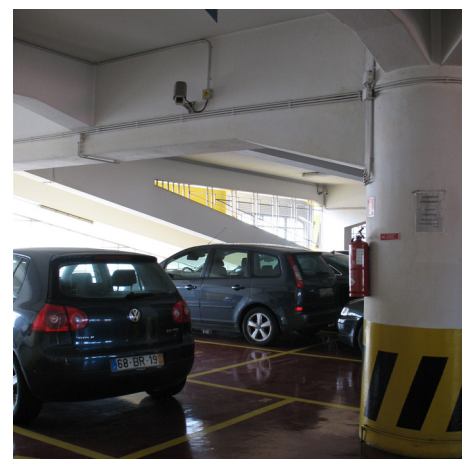
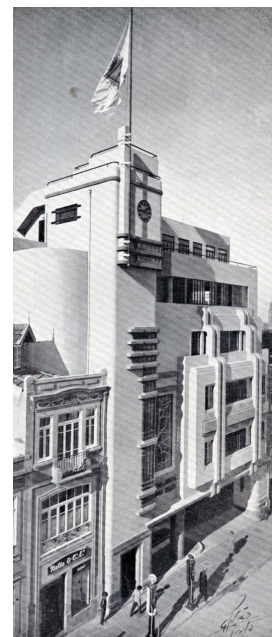
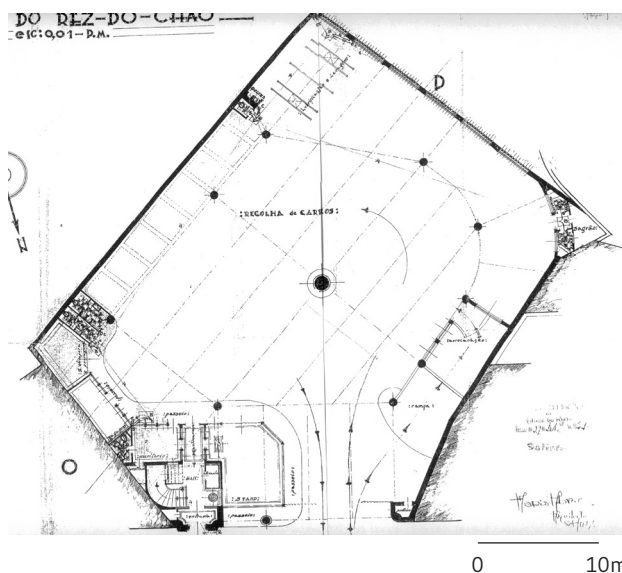
Inerente à mudança da vida moderna, as garagens colectivas são um dos equipamentos do modernismo. O tempo que separa os exemplos apresentados é notado na linguagem arquitectónica, no entanto mesmo espaçados, é possível apontar uma tipologia.

A Garagem do Comércio, do arquitecto Rogério de Azevedo, possui sete pisos, quatro deles garagem e os restantes escritórios. Todo o espaço possui iluminação natural, no miolo do lote esta é feita através de um saguão.

A Garagem Passos Manuel, do arquitecto Mário Abreu, divide-se por três pisos de garagem, um de serviços, e mais tarde foi adicionado um



d) e) f) Fotografias da Garagem do Comércio



Garagem Passos Manuel

d) e) f) Fotografias Garagem Passos Manuel

De cima para baixo, da esquerda para a direita.

a) Planta rés-do chão;

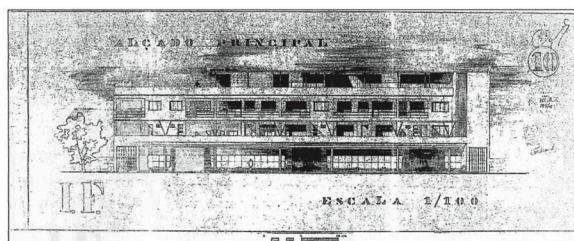
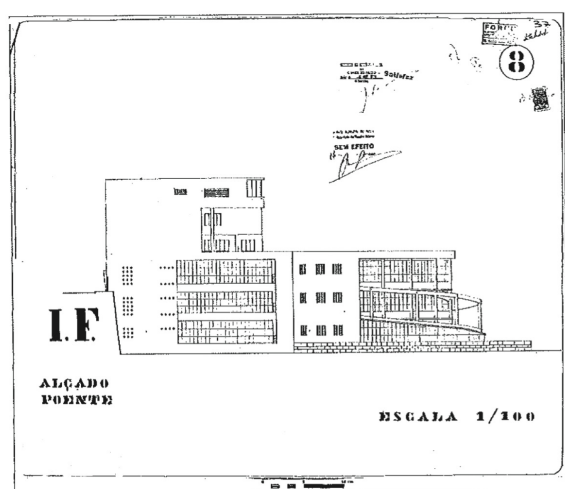
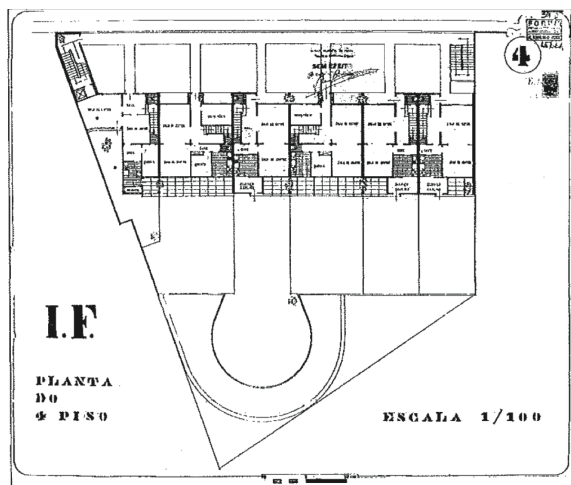
b) Alçado frontal;

c) Alçado lateral.

piso destinado a habitação.

O Bloco na Rua Latino Coelho, integra a Garagem Fiat, autoria do arquitecto Artur Andrade. Trata-se de um programa misto, habitação, à face da rua, e garagem na zona posterior.

A rampa das garagens revela-se um elemento plástico, a partir deste é gerada a composição do espaço, e é na Fiat e na Austin mais se evidencia. Na do Comércio, encontra-se adoçada à face do saguão, esta face é encerrada com uma grelha em vidro semelhante à existente na



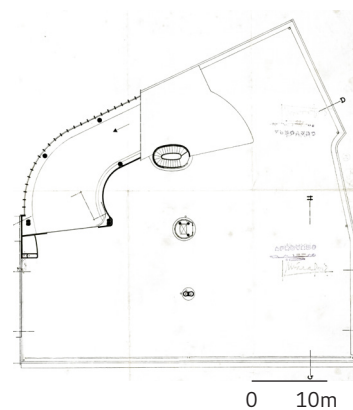
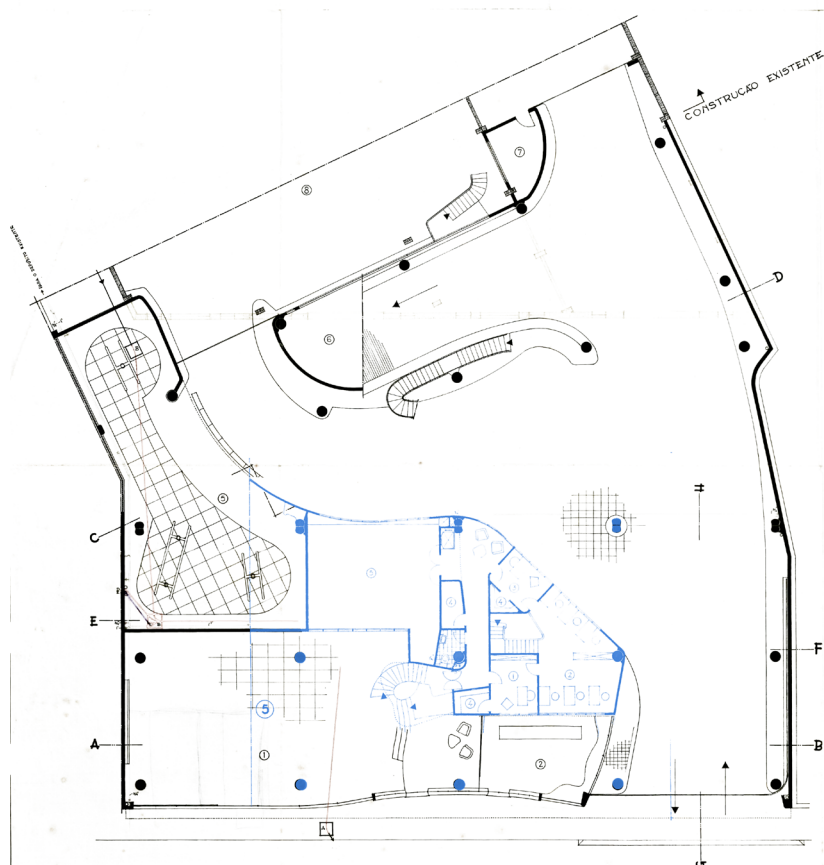
Garagem Fiat, Bloco Latino Coelho

De cima para baixo, da esquerda para a direita.

- Planta inicial;
- Alçado inicial;
- Alçado frontal
- e) e) Fotografias Garagem Fiat

Passos Manuel e na Austin. Já na Fiat, rampa dos automóveis descreve uma curva no exterior do edifício, e esta é encerrada por uma solução de caixilharia que dispensa a grelha de betão utilizada nos outros edifícios, e permite a entrada de maior quantidade de luz.

Comum aos edifícios encontramos estrutura de betão, pilar, viga e laje, estas repetem o sistema dominó. Os grandes vãos permitem a execução do programa modernista, o estacionamento dos automóveis. Inerente à sua função, a criação de um espaço amplo, e iluminado pelas fachadas



a) "Garagem Austin",
planta de cobertura.

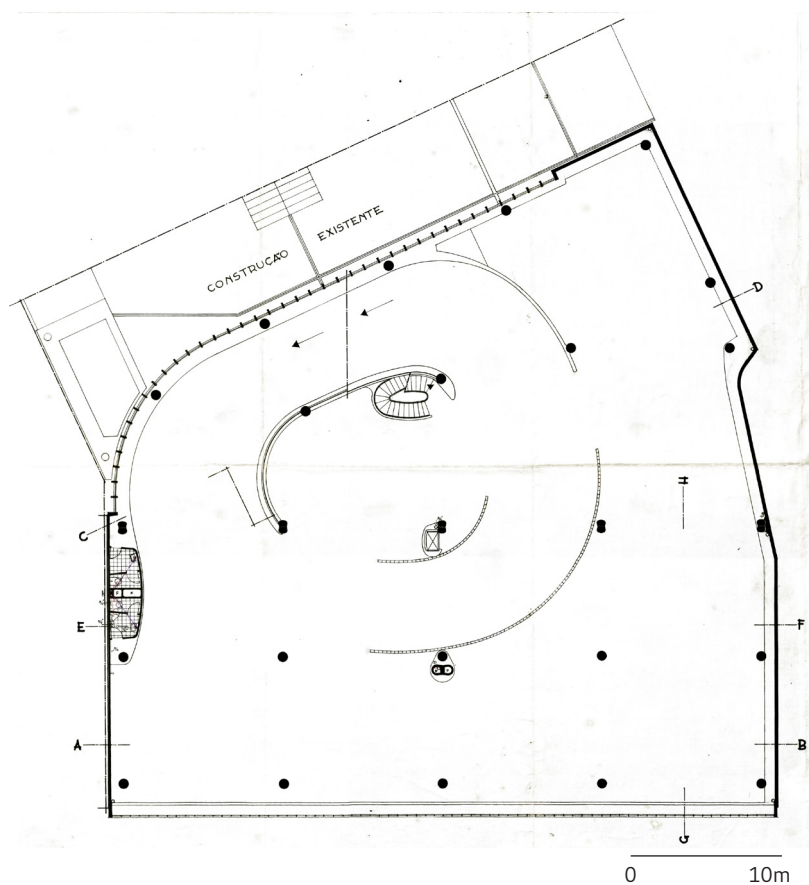
b) "Garagem Austin", planta rés-do-
chão.

Negro, projecto inicial.

1, Stand; 2, acessórios; 5, lavagem;
6 depósito de óleos; 7, arrecadação; 8
oficina existente.

Azul, aditamento.

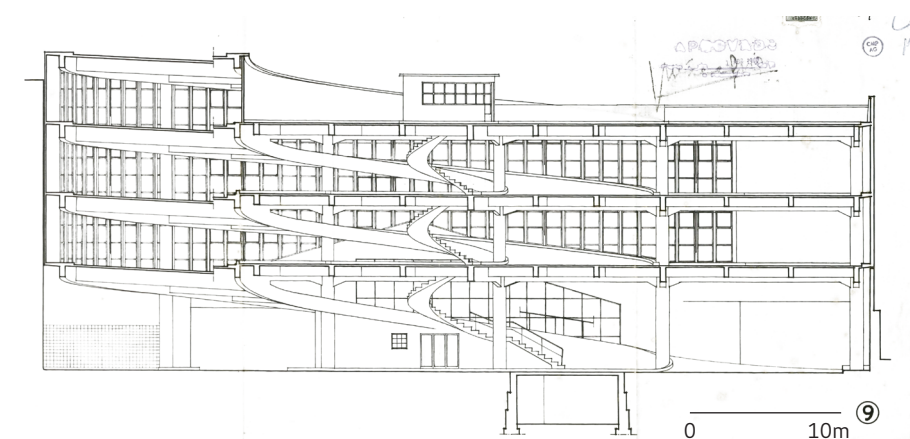
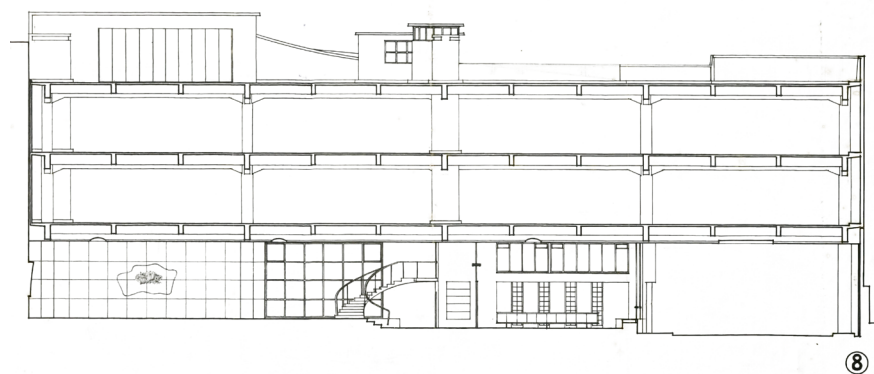
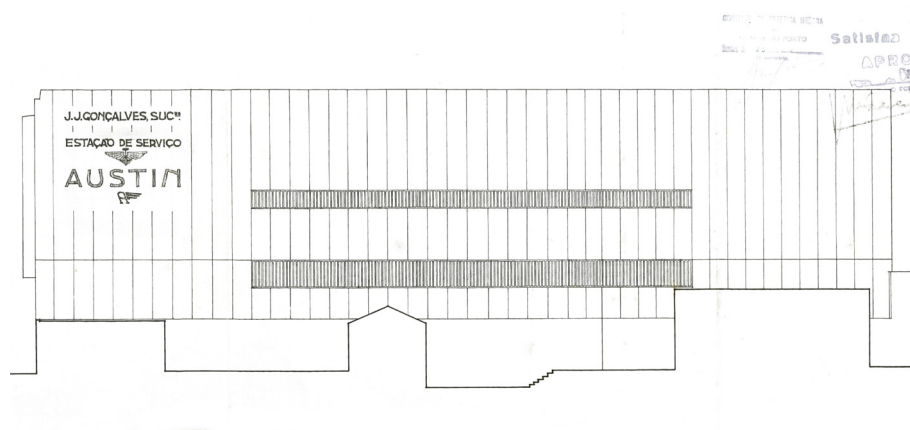
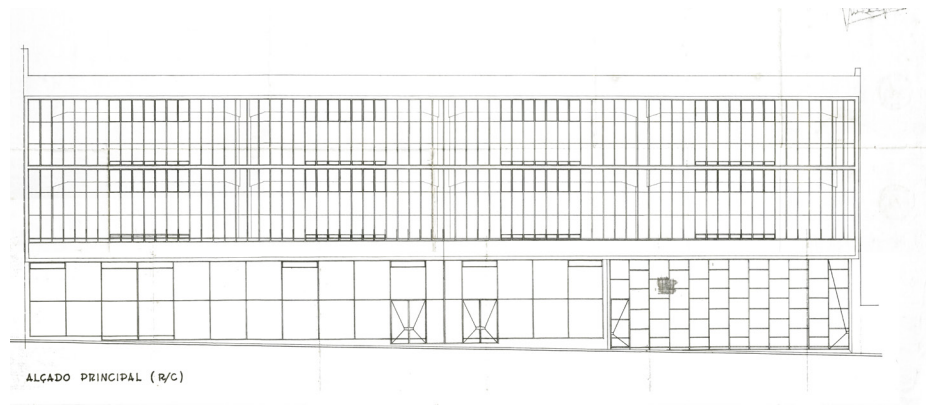
1, gerência; 2, escritórios; 3, Chefe
das oficinas; 4, arquivo; 5, arrecada-
ção.



c) Planta dos pisos 1 e 2.

de vidro, é transversal aos quatro exemplos.

Podemos assim apontar que esta tipologia é definida pela criação de uma estrutura em betão tipo dominó. As fachadas são encerradas com vidro, de forma a obter o máximo de iluminação natural em toda a sua profundidade. A sua função requer, que o acesso entre os vários pisos seja feito através de uma rampa para automóveis, existindo sempre um meio mecânico disponível para os transeuntes.



- a) Alçado Norte, Rua do Heroísmo.
- b) Alçado Sul.
- c) Corte AB.
- d) Corte CD.

onde havia sido criada uma composição com os elementos da caixilharia. No eixo da fachada é colocada a entrada dos transeuntes, este dispositivo descreve uma curva criando um nicho.

Na memória descritiva, já citada, Eugénio Alves de Sousa refere que o seu projecto/estudo foi feito tendo em conta, para além dos “princípios básicos da localização, orientação preocupações estéticas do presente implicitamente ligadas ao problema funcional e é contribuição bem fundamentada daqueles princípios, nasceu naturalmente uma construção essencialmente constituída por uma estrutura livre de betão armado com todas as suas possibilidades em competição com as naturais imposições de ordem construtiva, económica, regulamentar utilitária e comercial”.²³

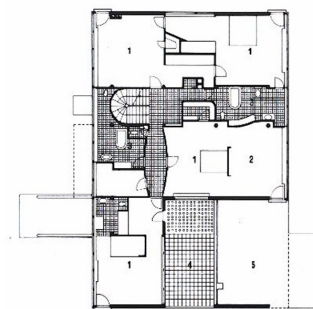
Princípios modernos

Enquanto edifício modernista procura aplicar os vários temas que pautavam esta fase arquitectónica. O autor refere a estrutura de betão livre, obtida com recurso a uma grelha de pilares que faz uma torção de forma a acomodar-se às preexistentes.

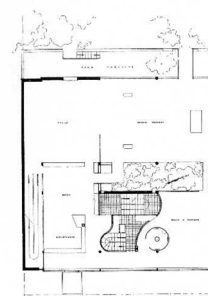
Representa também a grande mudança de paradigma da arquitectura modernista²⁴ que é apresentada num conceito de espaço completamente novo²⁵. A “Garagem Austin” é, à imagem da estrutura dominó, definida por um conjunto de planos horizontais onde estrutura e partição se encontram separados, os próprios pilares parecem ter uma componente plástica onde procuram alguma esbelteza.

Nos exemplos apresentados por Soriano²⁶ encontramos nas plantas, acima de tudo, uma composição plástica, na Garagem temos a concepção dos espaços através do movimento dos automóveis, um dos temas que levou à organização dos espaços²⁷ não atingindo o nível de composição destas referências, mas mantendo contudo alguns formalismos.

No rés-do-chão encontramos o maior esforço em jogar com as formas para cumprir os programa requeridos. Assim, para além da zona de manutenção dos automóveis, existe também o núcleo da administração e stand automóvel. Nos pisos seguintes é o desenho da rampa que se evidencia pela sua curva, “à planta livre falta-lhe profundidade. (...) introduz o conceito de promenade architectural através do uso de um novo elemento: a rampa. Um percurso fixo que liga os espaços de um modo narrativo”²⁸.



a) Villa Steiner.



b) Villa Meyer.

23 Ibid.

24 “Quando Le Corbusier enuncia, num dos seus 5 pontos para uma nova arquitectura, a separação de estrutura resistente e encerramento, não está a indicar apenas uma novidade construtiva (...) inicia uma formulação teórica de um novo princípio espacial que culmina as aspirações do movimento moderno”. In Soriano, *Sin Tesis*, 106.

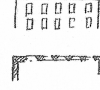
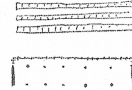
25 “A planta livre apresenta-se como a desintegração do sistema construtivo clássico. Até este momento o encerramento e a estrutura estão indissoluvelmente unidos enquanto muro de suporte e definição espacial. A construção do objecto era levada a cabo através do volume. Um alçado grosso, entendido como sólido moldava o vazio visível.” in Ibid., 104.

26 “Nas plantas da Villa Stein (Garches, 1927) ou Villa Meyer (Paris, 1925) de Le Corbusier, podemos ver como mostram uma condição estritamente plástica que não veríamos na planta de Palladio, e que possibilita a sua leitura como se se tratasse de um quadro purista.” in Ibid., 106.

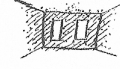
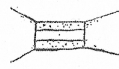
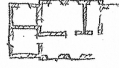
27 “O movimento chega a ser um factor principal na organização física” in Ibid.

28 Ibid., 111.

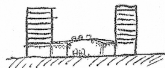
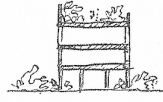
«LES TECHNIQUES SONT L'ASSIETTE MÊME DU LYRISME, ELLES OUVERENT UN NOUVEAU CYCLE DE L'ARCHITECTURE»



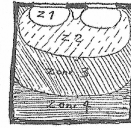
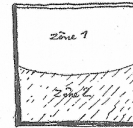
Jusqu'au béton armé et au fer, pour bâtir une maison de pierre, on creusait de larges rigoles dans la terre et l'on allait chercher le bon sol pour établir la fondation.
On constituait ainsi les caves, locaux médiocres, humides généralement.



Puis on montait les murs de pierre. On établissait un premier plancher posé sur les murs, puis un second, un troisième; on ouvrait des fenêtres.

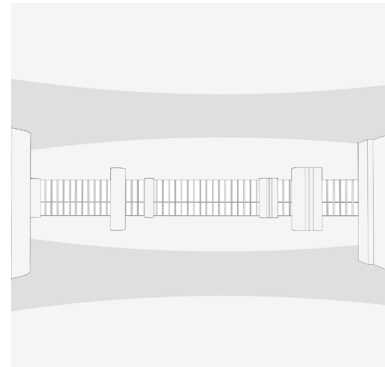
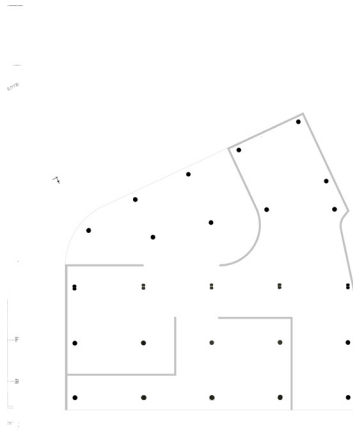
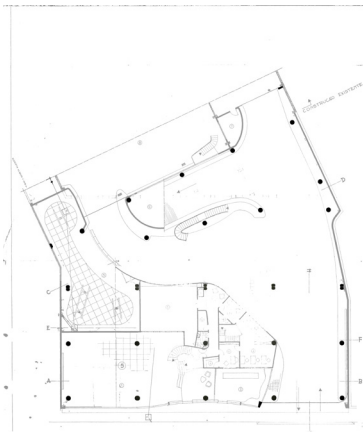
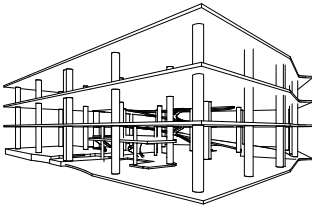
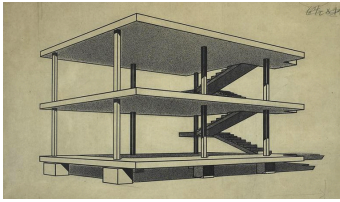


Avec le béton armé on supprime entièrement les murs. On porte les planchers sur de minces poteaux disposés à de grandes distances les uns des autres.
Le sol est libre sous la maison, le toit est reconquis, la façade est entièrement libre. On n'est plus paralysé.

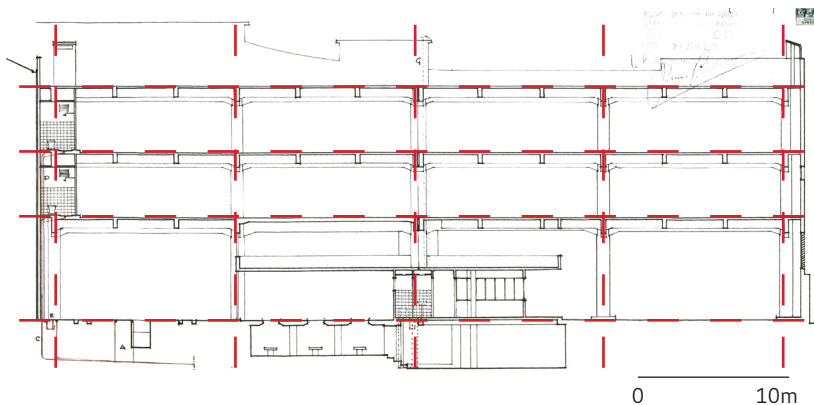


La table dit ceci: à surface de verre égale, une pièce éclairée par une fenêtre en longueur qui touche aux deux murs contigus comporte deux zones d'éclairage: une zone, très éclairée; une zone 2, bien éclairée.

D'autre part, une pièce éclairée par deux fenêtres verticales déterminant des trumeaux, comporte quatre zones d'éclairage: la zone 1, très éclairée, la zone 2, bien éclairée, la zone 3, mal éclairée, la zone 4, obscure.



0 10m



0 10m

- "Casa Domino", Sem local, Le Corbusier, 1914. Fondation Le Corbusier.
- 5 pontos da arquitetura, Le Corbusier. Le Corbusier, Vegap.
- "Garagem Austin" Domino
- Planta r/c "Garagem Austin", Grelha estrutural e elementos parietais.
- Grelha estrutural e possibilidades de uso.
- "Garagem Austin", Estrutura porticada e capacidade dos vãos, Corte EF.
- "Garagem Austin", simulação, entrada de luz pelas fachadas.

Na “Garagem Austin” a circulação entre pisos é feita através de um ascensor e uma escada encastrada na rampa. Esta última para além do efeito de narrativa supra mencionado é especialmente expressiva nos perfis do edifício quando rasgam em diagonal o desenho, e contrastam com o conjunto de linhas regrado dos pisos, bem como as grelhas dos alçados. Resolve ainda a complexidade da comunicação vertical quando une, até à cobertura, os vários pisos gerando a curva no alçado Sul, e criando concordância entre o alçado Sul e empena Este.

Esta nova forma de concepção espacial divide ainda as várias categorias e materiais que compõe o espaço, a estrutura, a divisória e encerramento com o exterior.

A primeira já enunciada foi possível através da introdução do betão armado na arquitectura como é enunciado nos 5 pontos da arquitectura de Le Corbusier²⁹.

As divisórias, sendo independentes da estrutura, tornam-se elementos leves, passíveis de serem facilmente alterados e com grande capacidade plástica.

Em oposição às paredes que actuavam como elementos portantes, o encerramento passou a ser feito através de folhas de vidro e a permitir entrada de luz nos edifícios.

O espaço contínuo foi também um dos temas do modernismo, no entanto a produção de grandes espaços abertos estava implícito na função do edifício.

O encerramento das fachadas Norte e Sul do edifício é feito da mesma forma, desprovido da sua função estrutural consiste num conjunto de grelhas encerradas por folhas de vidro que permitiam a iluminação do edifício em toda a sua profundidade. As grelhas em betão pré fabricado, na fachada norte descrevem vãos com 50 centímetros de largura com vidro simples dividido em duas partes por um montante uma partes de altura variável nos diferentes pisos.

A utilização da grelha nas fachadas não cria a mesma experiência de transparência que é proporcionada na garagem do Bloco na Rua Latino Coelho. No entanto, na fachada Norte, existem duas formas diferentes de encerramento. Estando o stand no piso do rés-do-chão, os panos de vidro são maiores, e contrastam com as grelhas do 1º e 2º piso assumindo que o volume é diferente do piso térreo para os restantes, procurando que a rua tivesse uma relação de continuidade com o espaço comercial.

29 Dos 5 pontos para uma nova arquitectura a planta livre, a criação da estrutura dominó é a base para que todos os outros pontos se possam desenvolver.

a) Entrada do CCStop. Piso sobre loja R/c. Manutenção da curva da “Garagem Austin”



b) Escadas em leque. Ocupação da antiga rampa.



II, Confrontação. Centro Comercial Stop

Após o 25 de Abril de 1974 a empresa J.J. Gonçalves encontrava-se com dificuldades financeiras³⁰ e em Junho de 1979 é iniciado na CMP os procedimentos para transformação da “Garagem Austin” em Centro Comercial.

Esta transformação ocorreu numa altura em que na cidade do Porto os centros e galerias comerciais apareceram em grande número³¹. Anselmo Canha destaca que na década de 80 existe uma relação entre os centros comerciais e as “aspirações à modernidade presente antes de mais nas classes mais favorecidas e nas gerações mais recentes”³² sendo a busca de um novo modo de estar alternativo em oposição ao que hoje chamamos o comércio tradicional.

Este equipamento comercial surge com a intenção de criar na entrada oriental do Porto um ponto de comércio, um ponto de paragem para quem por essa zona entrava na cidade, e esperava-se o sucesso que o Centro Comercial Brasília havia alcançado nesses dias³³.

A mudança de Garagem para Centro Comercial, levou à venda do edifício em fracções. As três maiores são o parque de estacionamento, o conjunto dos cinemas e a danceteria. A restante área encontra-se distribuída por múltiplos proprietários. Por último o condomínio gere as zonas comuns e as fracções expropriadas por falta de pagamento deste último.

Funcional

Na transformação para Centro Comercial, apenas foi aproveitado o núcleo da administração da garagem e o entre piso, preservação esta denunciada pela curva na entrada do edifício [fig a) pag anterior].

O espaço reservado à cave da “Garagem Austin” foi transformada em rampa de acesso ao actual parque de estacionamento que se encontra na parte posterior do edifício. O complexo posterior, (onde se encontravam as preexistências da “Garagem Austin”) foi demolido para dar lugar ao que, inicialmente, seria uma pista de *bowling* e sala de cinema sendo mais tarde aditado para possuir duas salas de cinema.

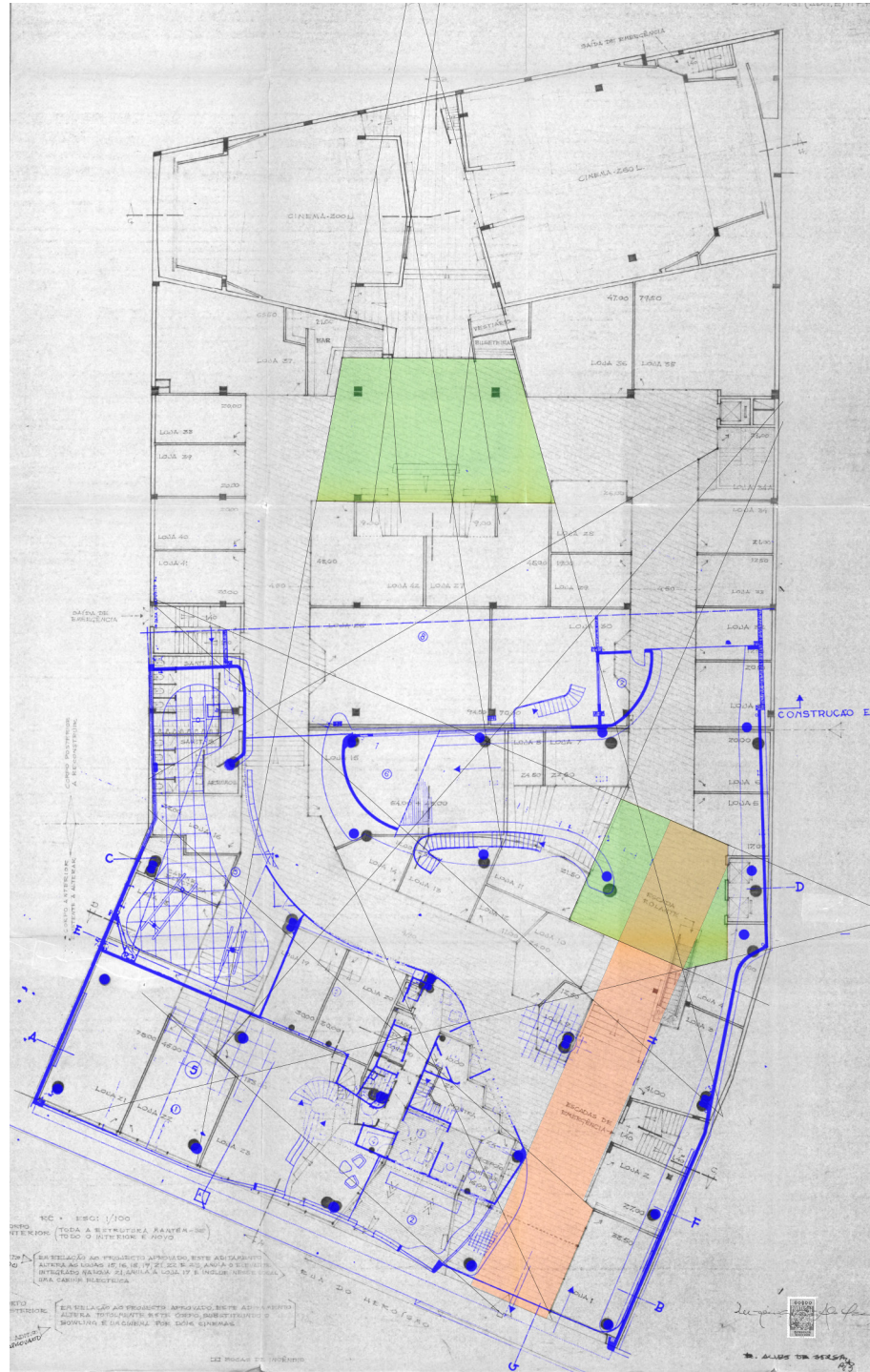
Construiu-se ainda um quarto piso, a danceteria, para o qual a estrutura já havia sido preparada na construção inicial. Neste quarto piso funcionou até recentemente a danceteria “Porto à Noite” e era o espaço que ainda pertencia à comunidade que mora nas proximidades do Edifício.

30 Anselmo Canha, *StopNonStop*, 2008, 24.

31 O Centro Comercial Stop foi inaugurado a 6 de Novembro de 1982. Dois anos depois, em Dezembro de 1984, surgiu o Centro Comercial Dallas, na Avenida da Boavista. Ainda no início da década de 80 surgiram o Centro Comercial Cedofeita, o Centro Comercial Foz e o Centro Comercial Campo Alegre, entre outros de menor dimensão. Antes destes, já o pioneiro Centro Comercial Brasília se tornara atracção turística desde 1976. *in* Ibid., 18.

32 Ibid., 19.

33 Ibid., 24.



↑ N 0 10m

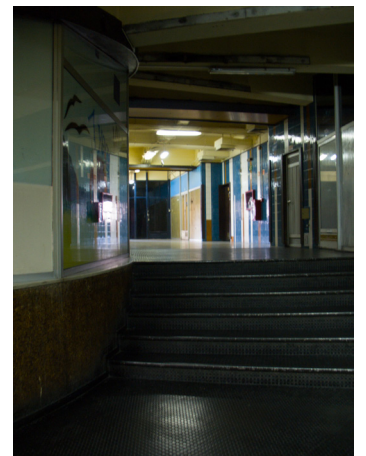
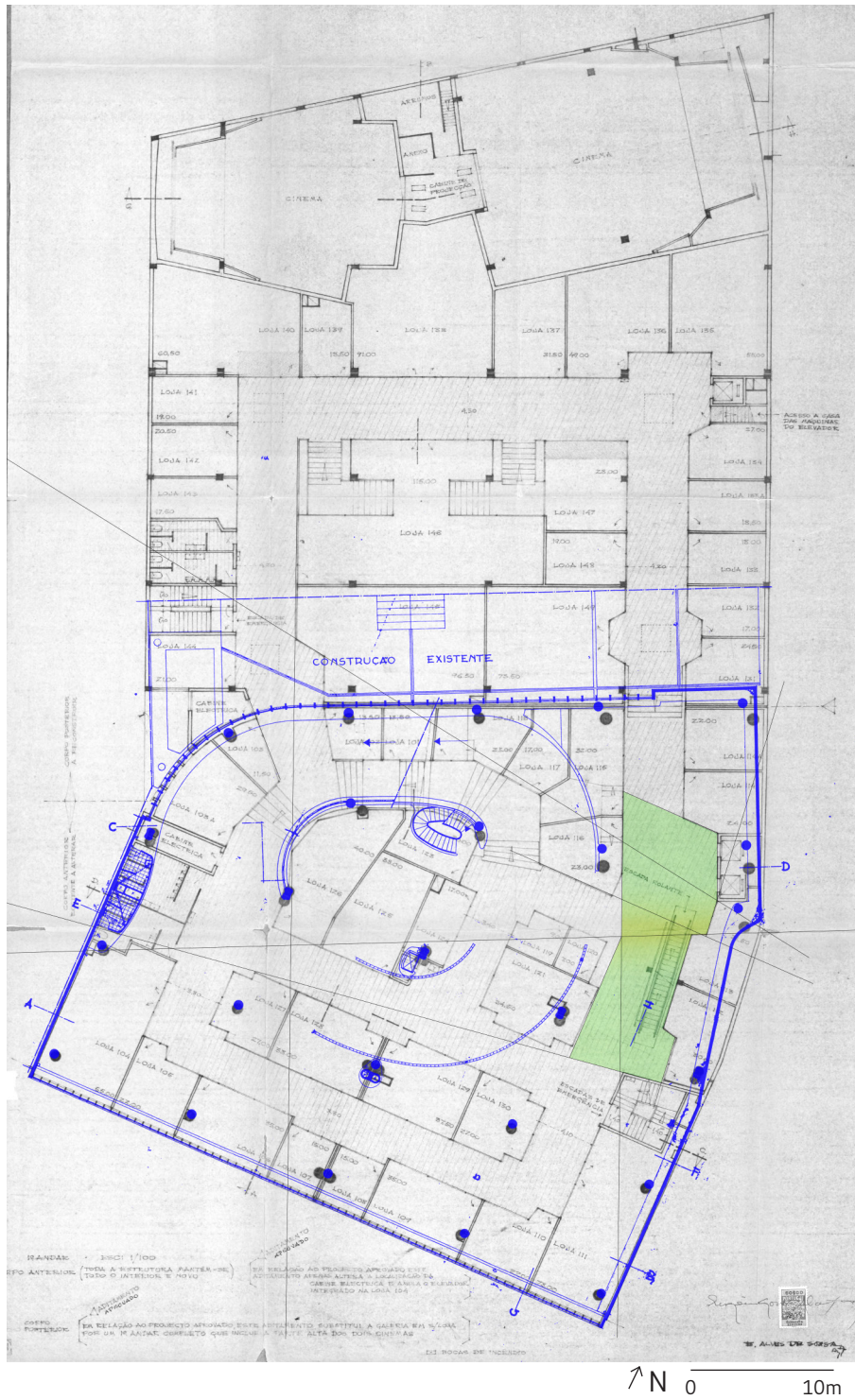
De cima para baixo, da esquerda para a direita.

a) Átrio piso R/c

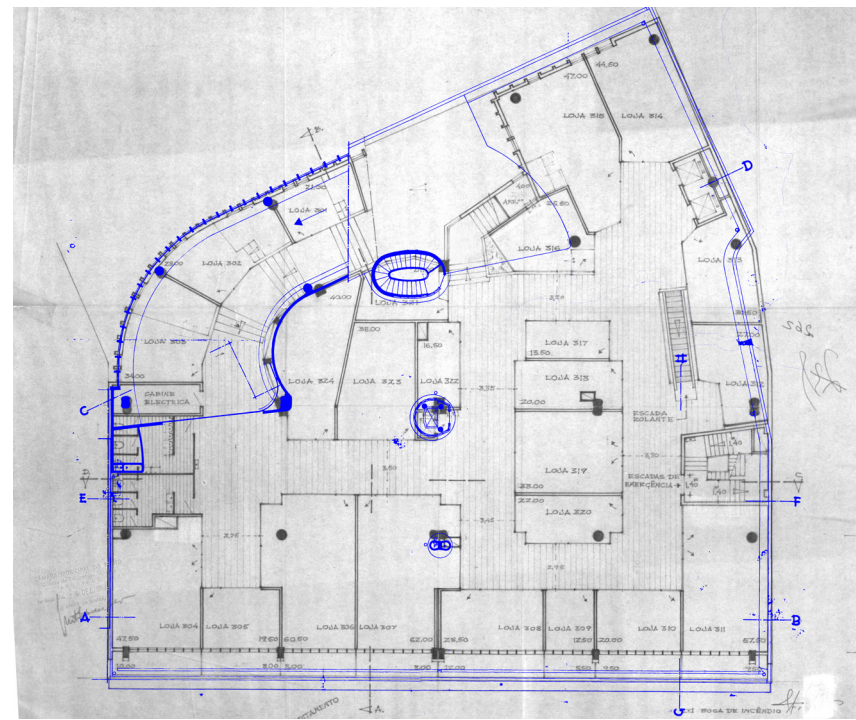
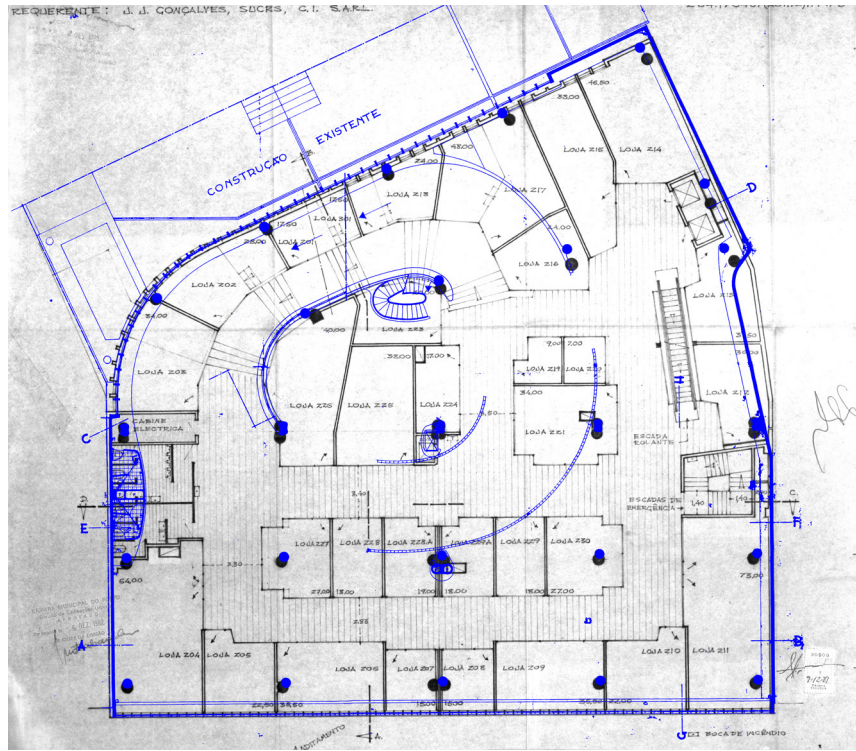
b) Átrio piso R/c

c) Escadas, elemento urbano junto aos cinemas

d) Planta do Centro Comercial Stop r/c. . Sobreposição com "Garagem Austin". Procura de relações no espaço através do desenho.



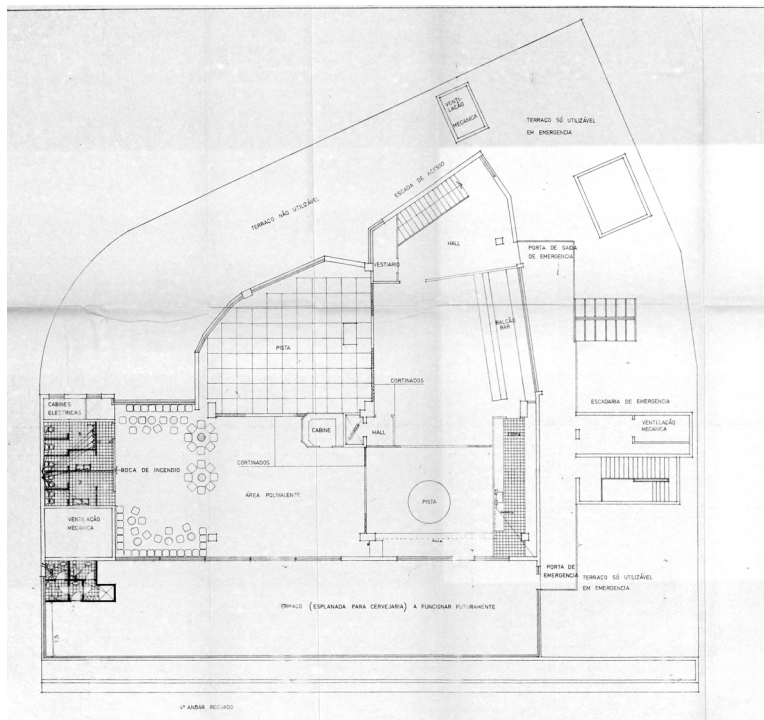
- Da cima para baixo da esquerda para a direita
- Planta do Centro Comercial Stop piso 1. Sobreposição com "Garagem Austin". Procura de relações no
 - Corredor piso 2
 - Corredor piso 2
 - Escadas, corredor piso 2



0 10m

De cima para baixo, da esquerda para a direita

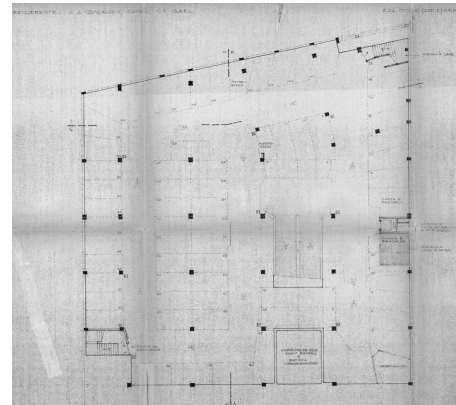
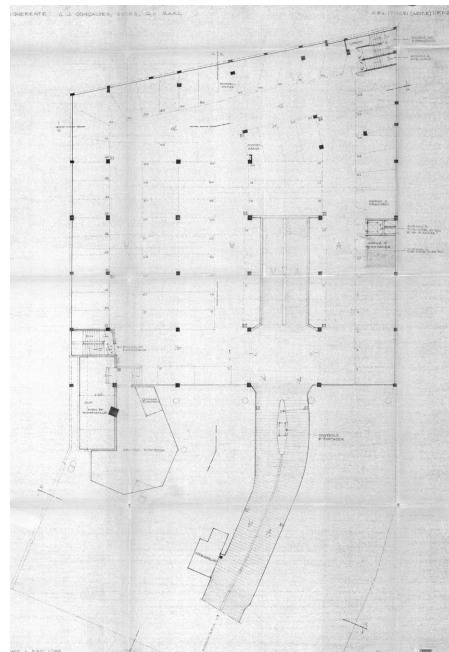
- Pormenores
- Pormenores
- Escadas rolantes
- Plantas do Centro Comercial Stop 2º e 3º pisos. Sobreposição com "Garagem Austin".



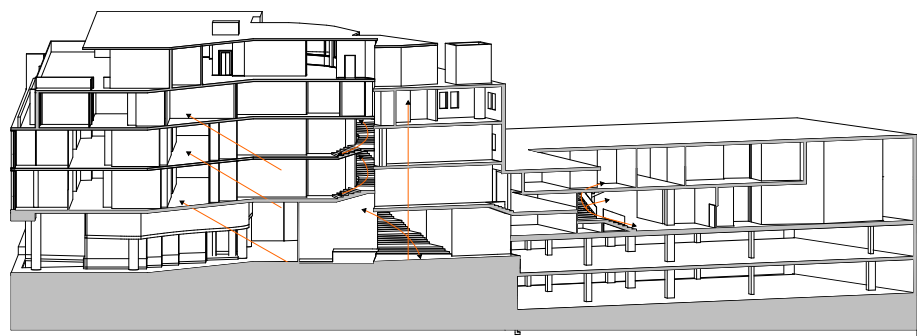
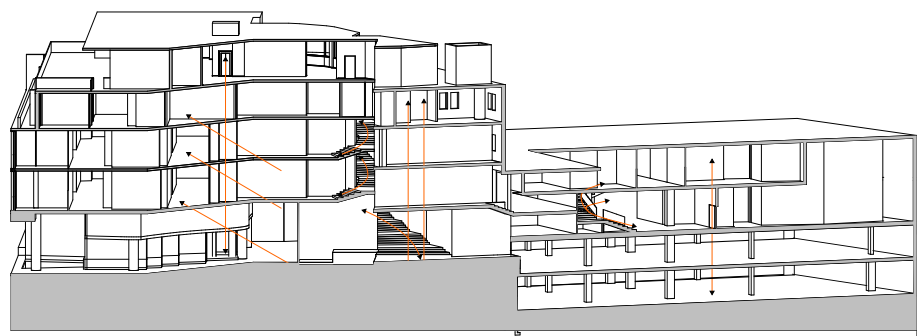
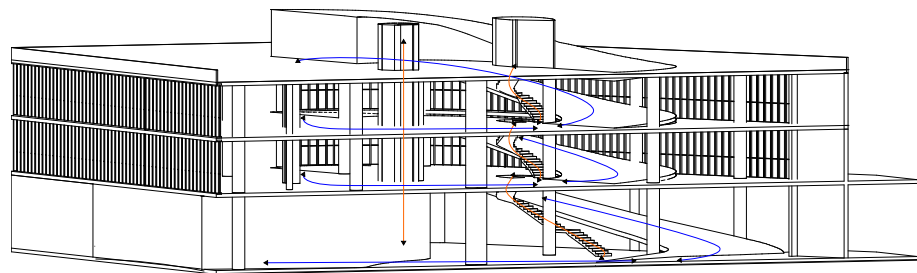
↑ N 0 10m



a) Planta do Centro Comercial Stop 4º Piso, Danceteria
b) c) d) e) Danceteria.



↗ N 0 10m



- a) Planta cave
- b) Planta sub-cave
- c) Circulação "Garagem Austin"
- d) Circulação Centro Comercial Stop
- e) Circulação CCStop

Espacial

O acesso entre os vários pisos é feito através de um conjunto de escadas instaladas na antiga rampa dos automóveis [dir. em baixo], através de um sistema de escadas rolantes e um conjunto de quatro ascensores, dos quais apenas um se encontra em funcionamento. Existem ainda duas caixas de escadas, uma delas, a Oeste, une o edifício do rés-do-chão à cobertura, outra a Este, desde a sub cave até ao primeiro piso. Na fracção dos cinemas existe ainda uma escada com acesso directo ao estacionamento.

Na antiga rampa, onde foram colocadas as escadas, foram também colocadas lojas. Tentaram que este local fosse o sistema nuclear na circulação em conjunto com as escadas rolantes. Enquanto a localização da rampa na zona posterior da Garagem era provida de sentido, a distribuição proposta no Centro Comercial não é a mais correcta, para a fluência das pessoas pelo espaço.

Apesar da circulação do edifício não ter sido determinante para o insucesso do Centro Comercial, a preocupação de otimizar o espaço disponível, e criar o número máximo de lotes para vender, terá contribuído para a sua decadência.

No rés-do-chão e no primeiro piso as lojas distribuíram-se à volta dos limites do Centro Comercial e no centro deste. Na parte anterior do piso 1, 2 e 3 agruparam-se pequenas ilhas de três a quatro lojas sendo o espaço de circulação permitido entre estas ilhas.

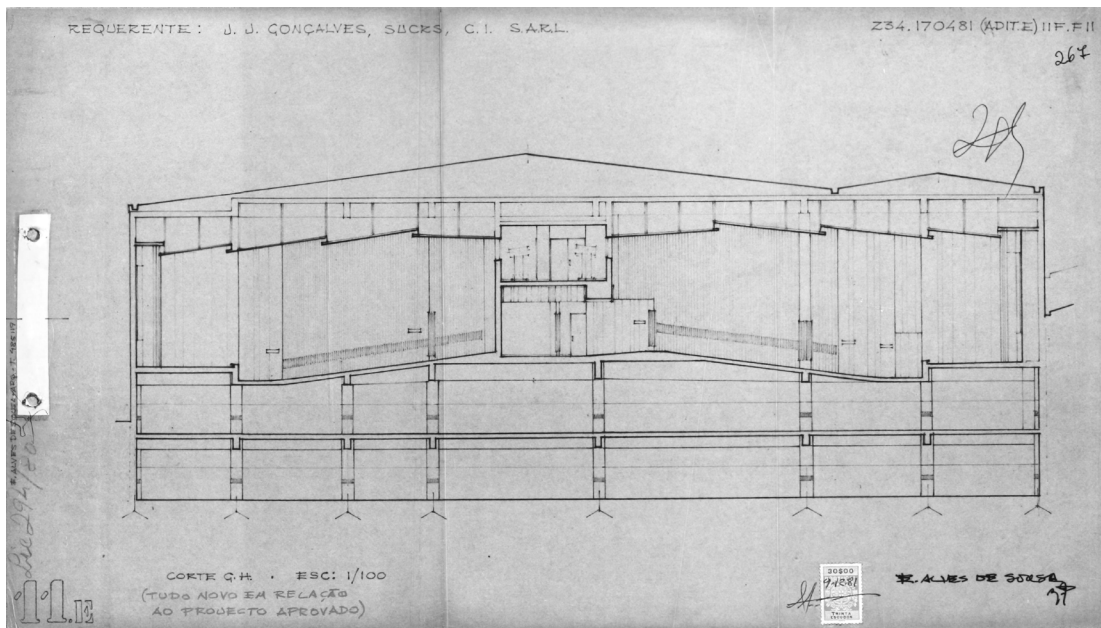
Esta ocupação máxima pode opor-se a outro tipo de abordagem, que hoje seria feita, atendendo aos espaços comerciais que têm sido criados. Assim, manteríamos a fachada sul em vidro, tal como era, e a rampa transformada em espaço de circulação, mas com a criação de vários espaços nos patamares intermédios.

Hoje, com a realidade das bandas, os espaços de circulação não têm os mesmos propósitos de anteriormente. Se, por um lado são apenas acesso às antigas lojas, por outro, é o mais próximo que existe como um espaço capaz de produzir momentos de paragem, pausa e convívio.

Construtiva

Os pavimentos das zonas de circulação variam entre mosaicos, nos percursos, e a borracha pitonada nas escadas que substituíram a rampa. No piso do rés-do-chão encontramos partes das zonas de trânsito com tecto falso em vinílico, e no restante edifício em placas de poliestireno extrudido. É neste espaço entre a laje e o tecto falso, que se encontram as infra estruturas de redes e de ventilação, estas últimas encontram-se desactivadas.

As lojas dividem-se em dois grupos: as que estão em contacto com o



a) Corte GH, Cinemas Stop.



b) Entrada para os Cinemas Stop.
Concerto Invicta BigBand. Janeiro de
2013.



c) Igreja de Santa Cruz, Coimbra.

exterior e as que se encontram no miolo do edifício. Em qualquer dos casos, a divisão com a loja vizinha é feita com uma parede com tijolo de 11, e a separação com o exterior através de um vidro em caixilho de alumínio anodizado³⁴.

Formal

Quer a planta quer o espaço deixaram de evidenciar a liberdade dada pela planta livre, que na garagem havia sido tão forte. Contudo essa preocupação, pode não ter sido eliminada da estratégia de projecto. No espaço da antiga garagem, o elemento pilar continua a ter algum destaque. São raros os momentos em que a parede o esconde, têm um tratamento diferente dos pilares no corpo posterior, e alguns alinhamentos sugerem nas lojas sugerem-nos uma ideia de memória do que fora a garagem.

Do antigo edifício perderam-se as curvas, que os movimentos geravam e foram colocadas vitrines, que chegam a descrever nichos, em algumas lojas, procurando reproduzir as lojas da rua da cidade.

Junto aos cinemas, foi criado um átrio cuja forma procura definir um trapézio. Este átrio é limitado por uma escadaria e dois pilares, que antecedem a entrada dos cinemas. Neste átrio pressentimos cuidado com o desenho, com os alinhamentos, com a criação de um espaço que pudesse ter as características de uma praça, gerada por um equipamento, com uma entrada monumental, um conjunto de características capaz de gerar uma nova situação urbana dentro do “CCStop”.

Tendo em conta todo o complexo, o conjunto dos cinemas é sem dúvida, aquele que mais complexidade formal existe no “CCStop”, e que mais interesse levanta. Se no restante edifício, a intervenção se pode sintetizar na construção de uma infra-estrutura de acessos, que servem um conjunto de fracções, nos cinemas encontramos a existência de um programa que leva à criação de temas de projecto.

A Danceteria construída de raiz no projecto do Centro Comercial é um espaço aberto que descreve a forma de L. Possui também grandes envidraçados a Norte que ligam à esplanada exterior no terraço do Centro Comercial. A utilização deste foi inviabilizado a partir do momento em que foi transformada em discoteca. Este espaço aberto era configurável através das cortinas que são enunciadas nos desenhos do projecto.

34 Eugénio Alves Sousa, Licença 294/80, Centro Comercial Stop, 4v.



a) b) c) d) Conjunto de fachadas de lojas.

III, Ocupa(ção)

“CCStop”, espaço de experimentação

A transformação do centro comercial e consequente nova vida do mesmo teve início com a mudança dos espaços das lojas para salas de ensaio, ou outros pequenos negócios relacionados com a música.

As lojas foram convertidas na sua função, modo de ocupação e contacto com o exterior. Como salienta Anselmo Canha, a loja passou para a esfera privada e o tratamento dado aos limites exteriores, opacos, escuros, que nada revelam do interior, protegem-na do exterior. Nos corredores escuros e vazios do “CCStop” já se sente por vezes a passagem para a esfera privada.

As fracções são agora alugadas por uma ou mais bandas, seja em regime de divisão de renda seja em sub-aluguer. Estes sistemas permitem que os custos do arrendamento, entre 125 e os 250 euros, das salas sejam mais facilmente comportáveis e produzam alguma fonte de receita para os proprietários. Apesar de as bandas terem trazido alguma estabilidade ao Stop e de trazerem alguma rentabilidade aos proprietários das fracções, nem todos aderiram a esta opção, de arrendamento a bandas.

A transição da esfera comum para o privado sente-se no Stop. Durante a investigação sentiu-se, por vezes, alguma dificuldade no contacto com os músicos. Bater à porta é entrar no seu domínio privado, onde podemos não ser desejados.

Espaços colectivos

No tratamento da relação com o exterior apenas alguns se arriscam a ocupar o espaço da vitrine. Um caso específico o estúdio do Manel Cruz que ilustrou todo o plano de vidro. Parte desta condição pode estar relacionada com a não apropriação dos espaços colectivos, “É muito raro ver estes habitantes a ocupar o espaço comum e, normalmente, apenas o fazem em horas tardias.”³⁵ Podemos encontrar dois motivos para a não utilização de espaços colectivos: a não existência destes locais ou a sua existência condicionada aos cafés do local.

O problema do ruído

O ruído produzido no interior do edifício levou a que um dos moradores desta zona apresentasse queixa, apresentando problemas relativos à falta de preparação acústica do edifício e com o estado legal do mesmo. Segundo o arquitecto Nuno Cramês³⁶, na abertura do Centro Comercial não foram entregues na CMP todos os desenhos necessários e, por conse-

35 Anselmo Canha, *StopNonStop*, 2008, 40.

36 Nuno Cramês, Entrevista com arquitecto Nuno Cramês, músico e arquitecto responsável pela legalização do “CCStop”.



a) b) c) d) Interiores de salas.

quência, não foram emitidas as licenças de funcionamento dos espaços.

Recentemente o arquitecto Nuno Cramês iniciou o processo de legalização do “CCStop”, projecto de segurança contra incêndios e, de forma a cumprir os requisitos acústicos, foram colocados dois portões na entrada e foram transferidos para o interior do edifício as bandas que se encontravam na fachada e não possuíam condições de fazer o tratamento acústico.

A Sala

“Quando uma Banda chega a uma sala, trata imediatamente de a tornar sua. Começa com a preocupação do isolamento visual e acústico. Cumprido o passo essencial da privacidade julgada necessária, passa-se à decoração e aconchego do espaço: o sofá quase omnipresente, os flyers e cartazes dos concertos próprios e das bandas de culto, os cachecóis, troféus, pichagens, mensagens e adereços, povoam a paisagem de referências visuais. Esta acção de apropriação avança com três ordens de questões: a da gestão dos recursos materiais, a da relação público/privado, e a da revelação de ingredientes constitutivos da estrutura da banda e da sua relação com sistemas associados.”³⁷

Esta alteração da sala tem dois propósitos, a de passar de um espaço inóspito para um lugar onde seja bom estar, conviver, trabalhar e produzir. É a criação de um domicílio de experimentação e de expressão. Os ocupantes procuram, na maioria dos casos, a personalização do espaço com elementos relativos aos seus concertos, performances, apresentações.

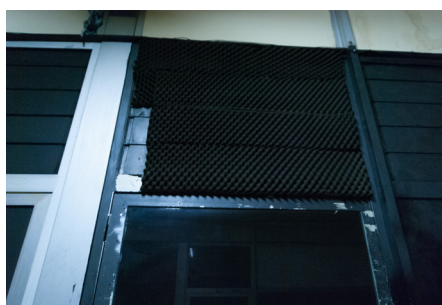
A célula é “o espaço para a experimentação e a pesquisa, para o erro, para o confronto, para a libertação. A privacidade é uma condição para a liberdade, tal como o é a sensação de conforto e de apropriação do espaço.”³⁸. Não podemos esperar, por isso, que todos os utilizadores do “CCStop” aceitem uma série de condicionantes que os obriguem a construir um espaço que não lhes agrade, ou, acima de tudo, não tenham uma ligação com ele, obrigando-os a seguir várias regras por motivos acústicos. Para outros o espaço de trabalho apenas faz sentido se lhes possibilitarem as melhores condições acústicas de trabalho.

Durante a visita a alguns espaços, um dos problemas que nos foi possível presenciar foi a falta de qualidade da instalação eléctrica. A situação destas parece ser de confiança desde as cabines de transformação até ao disjuntor das salas, troço da responsabilidade do condomínio e, que, por motivos de segurança, os técnicos da companhia eléctrica certificam-se da segurança da instalação³⁹. Dentro das salas, a qualidade da instalação é da responsabilidade de cada um, e, aqui, apenas a consciencialização pode conseguir levar a que os utilizadores se preocupem com o seu espaço.

37 Ibid., 52.

38 Anselmo Canha, *StopNonStop*, 2008, 51.

39 Segundo Carlos Freire, actualmente a EDP apenas conecta a luz se o espaço possuir os requisitos necessários. . Segundo a mesma fonte, o curto circuito que consistiu num descuido dos utilizadores, Sobrecarga de uma tomada eléctrica. In Carlos Freire, Entrevista com Carlos Freire, Chefe dos Seguranças do “CCStop”.



a) Elementos de controlo acústico
b) c) d) Erros comuns no isolamento acústico das salas.

Tratamento das salas

Parte dos utilizadores não tem preocupações com nenhum tipo de insonorização ou controlo, outros tentam, de alguma forma, melhorar o seu espaço, contudo não possuem o conhecimento técnico para o fazer e acabam por fazê-lo de forma incorrecta. Existem também usuários que têm algum cuidado com a insonorização para o exterior, com o controlo da reverberação, e com o som que produzem, assim como com a propagação para fora do seu espaço.

As soluções para este problema provêm da informação existente em fóruns na internet, ou através das conversas entre músicos. A esta informação juntam-se os meios que conseguem adquirir ou arranjar em estaleiros de obras ou despojos da construção. No limite, quando dotados de alguma capacidade financeira ou de organização, investem e contratam uma equipa para construir os elementos necessários.

O maior problema no controlo acústico das salas encontra-se no sistema de caixilho e vidro simples e na espessura das alvenarias. Apesar das desvantagens, o ruído das salas é um aspecto importante para o “CCS-top” e para caracterização deste, e é um elemento capaz de diferenciar e marcar o espaço.

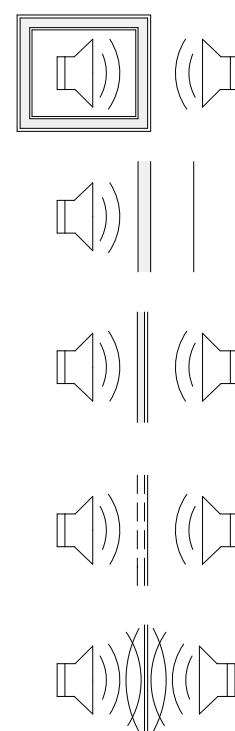
Assim, por fim, podemos constatar que o empenho que existe em controlar os aspectos do ruído que invade a sala e do controlo do som produzido está relacionado com o tipo de bandas, de agrupamentos, de músicos que lá encontramos, e que podemos definir com a ajuda da tese de Anselmo.

Existem, então, os profissionais que trabalham para música e professores, que, em alguma altura, investiram bastante dinheiro na sua sala/estúdio. Em alguns casos, como o do Manuel Cruz, existe uma caixa dentro de outra caixa. No entanto não é uma solução viável para a maioria das pessoas que estão no “CCStop”.

Outros, para quem a música é uma actividade de lazer, fazem um esforço físico e monetário para melhorar o espaço e, embora exista o desejo de conseguir boas condições, é difícil de atingir, uma vez que se torna incompatível ter uma sala alugada enquanto se reúnem recursos financeiros para a poder melhorar.

Enquadramos este último grupo de utilizadores nos que, não sabendo como actuar nem possuindo capital para contratar profissionais, utilizam os materiais que consideram ser os ideais e, assim, conseguem de alguma forma controlar ruído notando-se essencialmente uma redução do ruído exterior.

Também, durante as visitas ao “CCStop”, foi possível entrar em algumas das salas. Observou-se que parte destas alterações estão relacionadas com o tratamento acústico, ainda que em algumas das salas que visitámos não tenha sido alterada a disposição das divisões (nestas incluem-se as salas 4, 134, 114A, 221 e 223, que mesmo tendo o tratamen-



- a) Símbolos, graus de tratamento acústico
- Isolamento das salas.
 - Isolamento total.
 - Isolamento na fachada.
 - isolamento adjacente à vitrine.
 - Isolamento adjacente à vitrine não adequado.
 - Sem isolamento.



a) Elementos de absorção acústica.
b) Isolamentos acústico, sala 221.



to acústico referido não foram alteradas).⁴⁰

Através deste trabalho de campo, é possível desde já elencar algumas soluções utilizadas no tratamento da acústica dos espaços bem como da organização dos mesmos [ver pág.56-59].

Sala 30

A sala 30, dos Batucada Radical, possuía apenas alguns bancos dispostos em volta das paredes. Aqui ensaiam, à vez, grupos de cerca de 20 pessoas numa formação que no total tem cerca de 80 músicos. O espaço é extremamente pequeno para a sua dimensão. Encontrava-se isolada apenas com colchões de espuma de cerca de 5 cm cobertas por um pano preto. O orçamento disponível para a insonorização da sala é especialmente baixo.

Sala 36

A Dawn Pictures instalada na sala 36 apesar de não erguer nenhum elemento físico, dividiu o espaço em várias zonas. Definido pelo mezzanine, encontra-se o espaço de trabalho com os computadores. À direita deste espaço estavam arrumados/espalhados alguns objectos, e, na zona junto à montra, o espaço dedicado aos ensaios, estúdio de fotografia e vídeo.

Sala 39/40

Nas salas 39/40, André Pinto explora uma sala que aluga a músicos que necessitem de um espaço para ensaiar durante umas horas. As salas

⁴⁰ Não nos foi possível definir um conjunto de tipologias por a amostra ser pequena, apenas podemos apontar algumas tendências na ocupação dos espaços. Os levantamentos efectuados não são rigorosos nem tão pouco medido, tratam-se apenas de apontamentos gráficos que representam a organização dos espaços.

encontram-se unidas através de um vão numa parede de gesso cartonado. A primeira sala serve de espaço de convívio e arrumos, a segunda como estúdio.

Sala 114

A sala 114 apesar de possuir lã de rocha, visível a partir do exterior, esta não parecia fazer muito efeito, nem no isolamento, uma vez que a quantidade de som que saía continuava a ser extremamente elevada, nem do exterior para o interior, uma vez que o músico entrevistado possuía tampões nos ouvidos feitos com papel higiénico.

Sala 140

No primeiro piso a sala 140, o Estúdio do Bandido, o antigo estúdio do Manuel Cruz. O facto de ser um estúdio força a uma série de etapas até chegar à sala de ensaios. Temos, assim, em três etapas, a antecâmara de entrada, depois a zona de régie e espaço com um sofá, e depois a sala de ensaios.

Sala 202

Também a sala 202 é um estúdio. Este apenas foi permitido espreitar por fora. A sala está dividida em duas partes, uma régie e uma zona de ensaios (esta possui entrada de luz directa). Estando ainda em fase de montagem aquando da visita não se evidenciou a colocação de elementos como sofás ou similares.

Sala 221

Onde ensaiam os Supernada, foi contratada uma equipa para a construção dos elementos. Contudo, mais uma vez, o desconhecimento dos procedimentos correctos levou a erros, como a não criação de uma caixa de ar entre a lã de rocha e o vidro. Encontravam-se ainda elementos que permitiam a absorção e controlavam de alguma forma o som produzido.

Sala 223

Na sala 223, Rui e os amigos têm a preocupação de tratar o interior da sua sala de forma a ter as condições de reverberação ideais, bem como reduzir ao mínimo a transmissão de som para a estrutura do edifício. Neste caso preferiram reverberação mínima ou nula para que em pós produção possam colocar a reverberação desejada. Aqui para as várias superfícies utilizaram materiais diferentes. Para o chão utilizaram o revestimento utilizado nos parques infantis, que absorve as vibrações produzidas pelos

a) Utilização dos materiais inadequados ao isolamento acústico.



instrumentos, como é o caso da bateria, e que desta forma não é transmitido para a laje. Nas superfícies verticais, utilizaram elementos de absorção acústica que, colocados de forma estratégica, diminui a quantidade de peças necessárias.⁴¹

Sala 311

A Sala 311 tem um dos limites na fachada norte. Aqui encontram-se os “Re-timbrar” e os “Mikôbu”. Esta sala em virtude de ter acima de 20 músicos, segundo o António Serginho, possuiu alguma capacidade financeira. Esta capacidade permitiu que ao tratarem a sala pudessem gastar cerca de 700 euros em materiais para a construção de uma parede que barrasse o barulho mas permitisse a transparência. A construção foi feita pelos próprios. A parede possuiu uma estrutura em madeira, vidros duplos, e acabamentos também em madeira. No interior colocaram lã de rocha e manta acústica.

Sala 316

Na sala 316 foram utilizadas paletes que foram depois cheias com trapos e depois cobertos com panos. Este sistema até poderia ser otimizado se estes forem trocados por elementos de absorção acústica.

Sala 319

Na Sala 319, o controlo acústico foi feito com peças que para muitos seriam desperdícios. Conforme a zona da sala possuíam elementos diferentes para provocar o efeito pretendido. Atrás da bateria, as caixas de ovos serviam para reflectir o som produzido por esta. Na parede lateral partilhada com a sala 318, possuíam isolamento/absorção acústica feita com placa de cortiça e fibra de coco, da Amorim Isolamentos; estas peças foram conseguidas através da FEUP, em que, após o teste feito no gabi-

41 Rui, Entrevista com Rui, músico e produtor..

nete/departamento do LNEC, o Nuno conseguiu que lhe as oferecessem. Também nesta parede possuíam mantas acústicas.

Salas 212, 214, 230, 319 e 324

Fora destas situações específicas, podemos agrupar várias salas num tipo de estratégia por parte dos músicos. As salas 212, 214, 230, 319 e 324 têm em comum a sua localização fora da fachada norte. A utilização da antecâmara na entrada para algum tipo de uso seja como régie, espaço de arrumos ou, por vezes os dois, é comum e acaba por ser uma das soluções encontradas para resolver vários problemas. Por um lado, permite a colocação de equipamento para que possam fazer as gravações de estúdio, e, dependendo da destreza, conseguem-se bons resultados. Permite ainda a grande diminuição do ruído proveniente da porta de entrada na sala e a possibilidade de ter algum espaço para arrumar instrumentos das várias bandas que partilham o espaço.

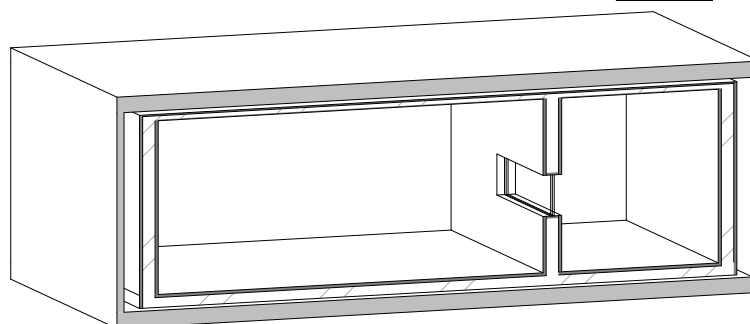
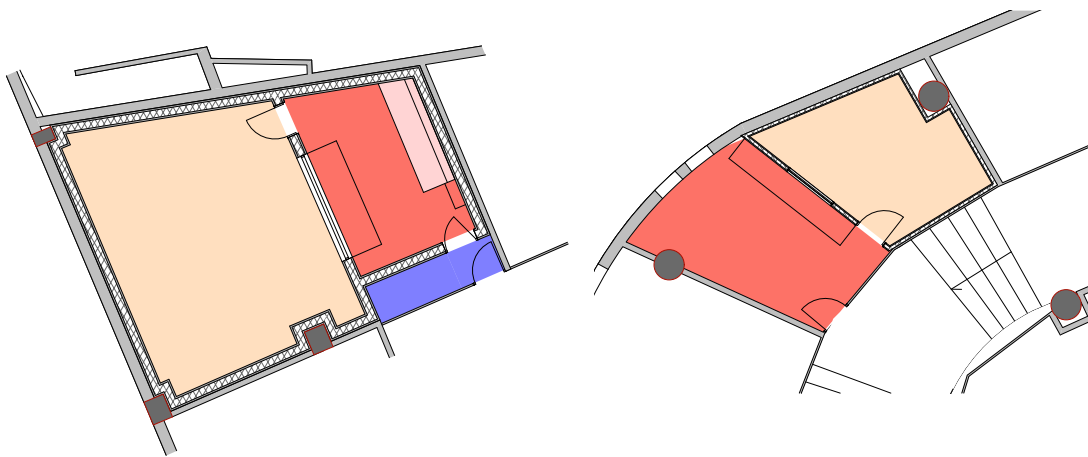
Tipos comuns de salas

Salas 304, 306 e 311

As lojas na fachada Norte forçadas a outras medidas de contingência e querendo manter as vantagens de ter uma face que permite a iluminação do espaço criaram um dispositivo entre a sala de ensaios e o pano de vidro. À data das visitas, em 24, estavam 8 salas ocupadas, e destas conseguimos visitar as salas 304, 306 e 311.

Nas salas 304 e 311, este espaço é utilizado para convívio. A colocação de um sofá e de uma mesa no centro transforma-os numa sala de estar, um espaço privado de convívio que o “CCStop” não fornece. Aqui levam-se os amigos para beber umas cervejas, e o acesso à varanda no terceiro piso aumenta ainda a capacidade do espaço e as possibilidades deste. No caso específico da sala 306, este espaço existe mas foi transformado em zona de trabalho/estudo.

Estas soluções trazem-nos sem dúvida as opções mais interessantes na evolução das salas em virtude das restrições acústicas.

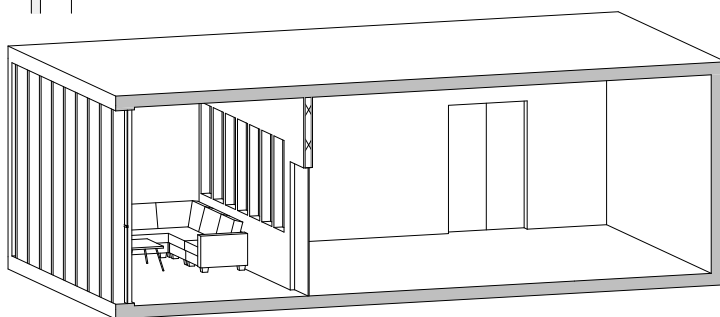
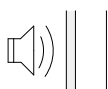
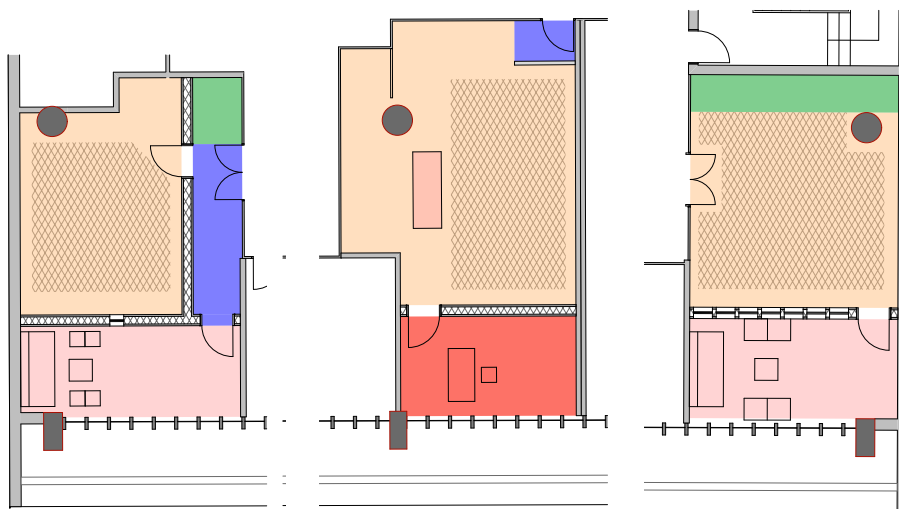


- Entrada
- Estúdio
- Convívio
- Régie / Trabalho
- Arrumos

Sala tipo estúdio de gravação, caixa dentro de caixa.

- a), Sala 140
- b), Sala 202.
- c) Diagrama, "caixa dentro de caixa"
- d) e) f) Gravação na sala 140.

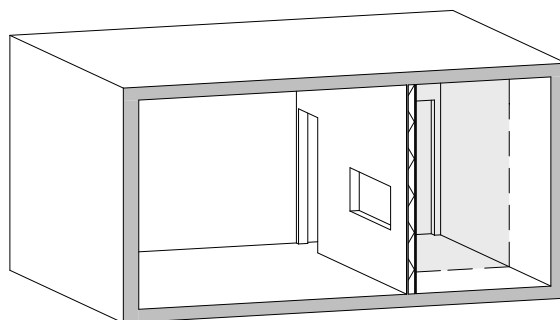
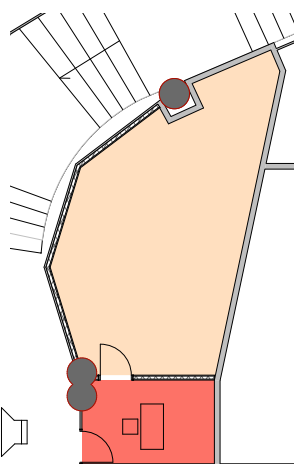
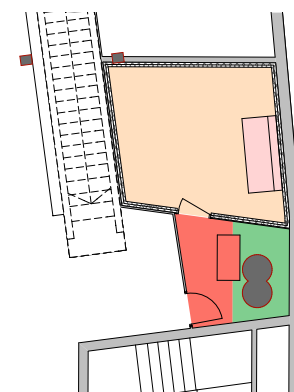
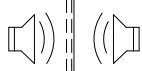
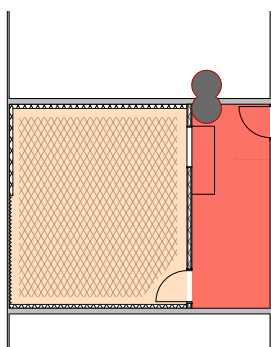
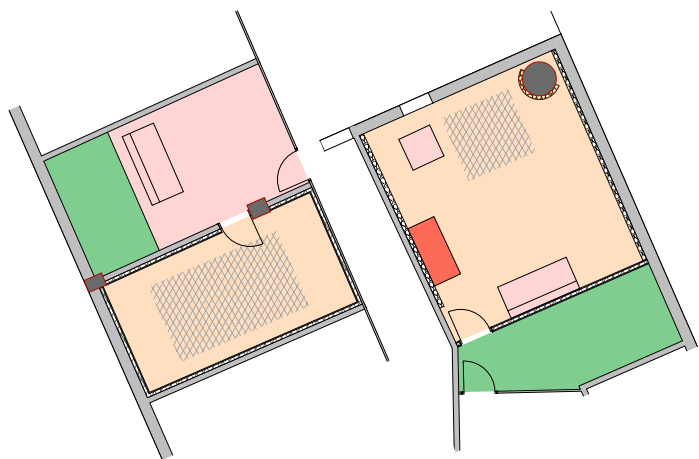




- Entrada
- Estúdio
- Convívio
- Régie / Trabalho
- Arrumos

Sala tipo, sala de fachada. Elemento isolante acústico.

- a) Sala 304.
- b) Sala 306.
- c) Sala 311.
- d) Diagrama, sala de fachada
- e) f) g) h) Ocupação da fachada.

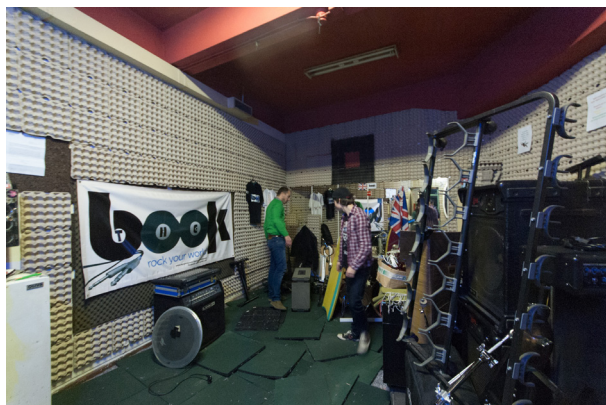
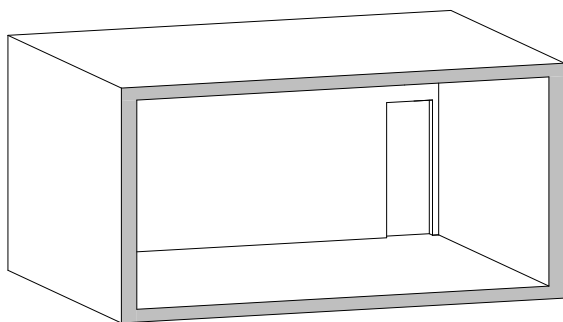
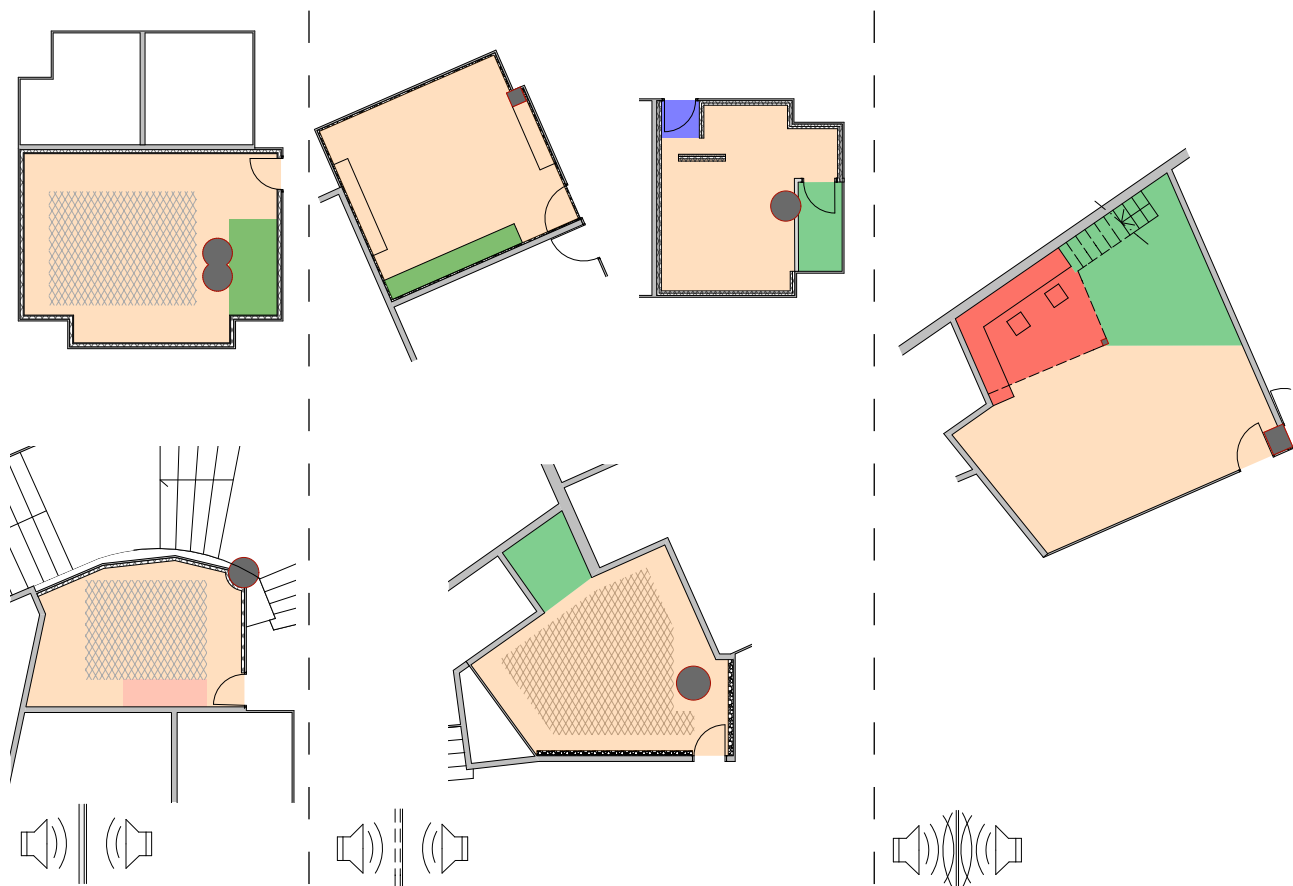


- Entrada
- Estúdio
- Convívio
- Régie / Trabalho
- Arrumos

Salas com antecâmara

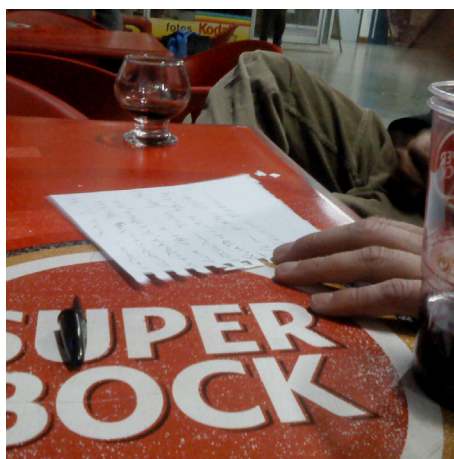
- a) Sala 39/40.
- b) Sala 214.
- c) Sala 319
- d) Sala 212.
- e) Sala 324
- f) Diagrama sala com antecâmara.
- g) h) Interior de salas





- Entrada
 - Estúdio
 - Convívio
 - Régie / Trabalho
 - Arrumos
- Salas simples.
- a) Sala 221
 - b) Sala 223.
 - c) Sala 30
 - d) Sala 230,
 - g) Sala 316
 - h) Sala 36
 - j) Diagrama, sala simples
 - h) Entrada para sala.
 - j) Interior de sala.

TRABALHO DE CAMPO





- a) Na Danceteria.
- c) Entrada e esplanada do café "Vitamina".
- d) "Metalpoint"

“Um método é uma estratégia integrada de pesquisa que “organiza criticamente as práticas de investigação”, incluindo, nomeadamente, sobre a selecção e articulação das técnicas de recolha e análise da informação.”⁴²

Os múltiplos contactos levaram-nos a iniciar uma grande recolha de informação, que foi necessário sistematizar num diário. Este tornou-se o documento mais relevante no momento de fazer a síntese dos factos encontrados e, na sua elaboração, surgiram muitas vezes oportunidades de reflexão sobre os temas encontrados⁴³.

A introdução ao “CCStop” foi-nos feita por Anselmo Canha, designer, músico que ensaia no “CCStop” desde 1996, e também investigador. Ao ser o nosso primeiro contacto e o principal em todo este processo, tomou o lugar de informante privilegiado⁴⁴. Este contacto permitiu-nos criar uma visão sobre o “CCStop” e eliminou pré-conceitos sobre o objecto. Mesmo assim, as primeiras abordagens à situação do “CCStop” foram feitas de forma insegura, ocasional e na maioria das vezes desestruturada (o caos que encontrado assim o pareceria requerer).

A abordagem era sempre similar: introdução do investigador ao entrevistado e introdução do trabalho a ser desenvolvido. Como forma de tomar alguma credibilidade referia-se o apoio do Anselmo. Na base estava ainda a honestidade perante os agentes sociais e quanto ao projecto e os interesses envolvidos.

Abordagem inicial

Esta abordagem descomprometida pode não ter sido a ideal para a recolha de informação. No entanto, os encontros ocasionais permitiram conhecer múltiplas pessoas⁴⁵: Ruca dos Supernada, Nuno Mendes, que detém agora o Estúdio do Bandido do Manel Cruz, entre outros. Este último contacto ocasional permitiu visitar um dos estúdios existentes no “CCStop”. Também, de forma ocasional, conhecemos António Serginho,

42 Silva e Pinto, *Metodologia das ciências sociais*, 129.

43 “Numa coisa os investigadores que praticam a pesquisa de terreno parecem estar de acordo: o principal instrumento de pesquisa é o próprio investigador. (...) Regista, diária e sistematicamente: (a) observações e informações, (b) reflexões teóricas e metodológicas, (c) impressões e estados de espírito. Neste “diário de campo” — incluindo remissões e fichas temáticas e a todo o tipo de anexos.” Ibid., 132.

44 “os informantes privilegiados têm uma visão particular das coisas, a qual o investigador tem que procurar captar e levar em consideração. E implica igualmente por causa daquela preponderância, lhes ocultam, nem, por maioria da razão, à visão particular destes últimos.” *in* Ibid., 138.

45 “As situações vão-se sucedendo, quase sempre com escasso controlo por parte do investigador; estão sempre a surgir, mais ou menos subitamente, possibilidades de observação inesperadas, não programáveis, singularmente significativas; está permanentemente à mão, e À vista uma realidade social complexa, em toda a sua espessura e diversidade. Perante isto, o investigador é obrigado a reagir em plena situação de observação, escolhendo dimensões de análise e indicadores, estabelecendo relações entre fenómenos realinhando focos de interesse e categorias classificatórias, intermutando procedimentos técnicos específicos.” Ibid., 133.

STOPESTRA V

26 Set 2013, Hard Club Porto

28 Set 2013, Teatro Viriato Viseu

28 Setembro, Viseu, Teatro Viriato, 21h30

Está assegurado para este concerto:

- Viagem dos músicos+instrumentos Porto-Viseu-Porto, em camionetas. Ida e volta no mesmo dia (horários a definir);
- Catering simples + Jantar no local

26 Setembro, Porto, Hard Club (hora a definir)

O ensaio geral fechado que fizemos na edição anterior toma agora a forma de concerto inserido na semana em que o Hard Club comemora o seu aniversário. É uma forma de simultaneamente rodarmos o concerto antes de Viseu, aproveitar visibilidade do aniversário do Hard Club, e ainda retribuir de algum modo o apoio que nos deram em edições anteriores.

Ainda estamos em negociação relativamente a detalhes logísticos tanto com o Hard Club como com o Teatro Viriato.

Tal como na Stopestra IV, há 2000€ para os músicos, oriundos do contrato com o Teatro Viriato. Dado que não existe possibilidade de cachet ou gastos logísticos no Hard Club, ficou decidido na última reunião de músicos que este valor seria gasto no decurso destes 2 concertos, dando as melhores condições possíveis aos músicos, nomeadamente pagando refeições no dia 26 de Setembro no Hard Club, almoço de dia 28 de Setembro em Viseu e ainda atribuindo uma verba à Dawn Pictures para filmar o processo de ensaios + 2 concertos. Todas as contas serão comunicadas.

AS INSCRIÇÕES ESTÃO ABERTAS! COMO O FAZER?

Devem inscrever-se no naipe que querem, enviando um email directamente para os facilitadores:

Para inscrição em **Baterias e Percussão** enviar mail para

TO: antonioserginho@gmail.com

CC: poliveira@casadamusica.com

Para inscrição em **Teclas, Sopros e Metais** enviar mail para

TO: ondamarela@gmail.com

CC: poliveira@casadamusica.com

Para inscrição em **Baixos** enviar mail para

TO: miguelsor@gmail.com

CC: poliveira@casadamusica.com

Para inscrição em **Guitarras** enviar mail para

TO: guitarras.stopestra5@gmail.com

CC: poliveira@casadamusica.com

Para inscrição em **Vozes** enviar mail para

TO: vozes.stopestra5@gmail.com

CC: poliveira@casadamusica.com

Para esta edição a Joana Araújo e o Peixe não podem liderar as vozes e guitarras. Estamos ainda a aguardar confirmação dos substitutos em diálogo com o Tim.

Nesta edição, por questões logísticas, o número de músicos vai ser menor (Atenção! Ainda um pouco menor do que o Anselmo inicialmente comunicou!)

11 Vozes, 13 Guitarras, 13 Baixos, 7 Teclas, sopros e metais, 21 Baterias e percussão (8 baterias + 13 percussões) = 65 músicos

65 músicos + 5 facilitadores + Tim = 71

Uma vez que há limite de inscrições, elas entram por ordem cronológica e fecham uma vez atingido o número limite de participantes em cada naipe.

Vamos lá deitar mais estas casas abaixo!

dos “Re-timbrar”. Foi-nos possível conhecer parte da sua banda o que permitiu ampliar consideravelmente o número de contactos no “CCStop”.

Procurámos, ainda, saber junto dos questionados quais os desejos que tinham para o “CCStop”, como tinham tratado do isolamento da sala. Procurámos, acima de tudo situar-nos na realidade deles.

Para além destas conversas com os músicos surgiu ainda a entrevista com o chefe dos seguranças, Carlos Freire. Estando a entrevista estruturada conhecemos a sua experiência e percurso no “CCStop”. Percebemos, na conversa, e confirmámos, em entrevistas feitas depois, que a visão dele para o “CCStop” se encontra esgotada naquilo que é hoje, sem visão para ser melhorado e beneficiar os músicos. Os seus interesses parecem limitar-se em manter a receita das lojas, e daí retirar o seu ordenado.

Em várias conversas foi possível definir dois grupos de utilizadores, os que têm a perspectiva acima descrita e outro grupo de pessoas que procuram manter a aparente marginalidade do “CCStop”.

Não foi caso isolado perguntar que desejos teriam para o edifício, o que desejariam mudar e ter como resposta “O Stop está bem assim, melhor é impossível”⁴⁶. Se por um lado mais do que a não mudança, a não existência de capacidade para criticar o espaço onde tantas horas passam, afecta a investigação que se faz.

Contudo apercebemo-nos que o que ali existe é por vezes uma alienação à realidade. Trata-se de usuários que vêm o “CCStop” apenas como um escape ao mundo⁴⁷ enquanto nós procuramos definir o que se pretende que o espaço seja. Um não lugar⁴⁸ onde existe o escape à realidade, o centro comercial, criando uma infra-estrutura de produção artística e musical, onde os músicos trabalham a tempo inteiro, fazendo as suas investigações. Neste universo antagónico, nestas duas realidades, surge a questão de o que é o “CCStop”, e que rumo se pretende que siga.

O questionário lançado na internet aos utilizadores do “CCStop” [Anexo II] revelou-se um insucesso, tal como acontecera com os convites à participação deixados por Anselmo⁴⁹. Após a experiência negativa de Anselmo e os alertas que haviam sido já dados sobre a distribuição física dos questionários, esta opção foi excluída da nossa metodologia.

Questionário

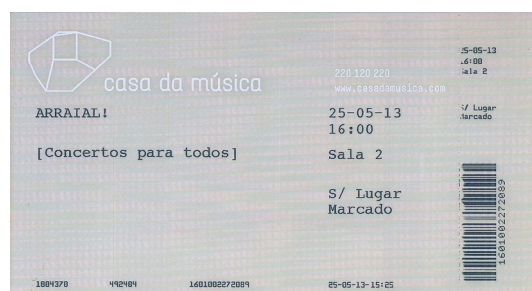
“Numa coisa os investigadores que praticam a pesquisa de terreno parecem estar de acordo: o principal instrumento de pesquisa é o próprio investigador. Observa os locais, as interacções verbais, as maneiras de fazer, de estar e de dizer, observa as situações, os ritmos, os acontecimen-

⁴⁶ Mamaqueen, Entrevista com os Mamaqueen, banda com espaço no “CCStop”.

⁴⁷ “Começando com o depoimento de alguns membros “mais disponíveis da colectividade” é nos revelado várias vezes que estes depoimentos são muito limitados e se apoiam em nos “operadores simbólico-ideológicos” em que existe “explicação do social pelo social” e ainda por vezes se revelam contraditórios.” in Silva e Pinto, *Metodologia das ciências sociais*, 56.

⁴⁸ “não-lugar” como definido por Marc Augé em Augé e Pereira, *Não-lugares*.

⁴⁹ Anselmo Canha, *StopNonStop*, 2008, 59.



- a) Convívio na esplanada.
- b) Cartaz/Programa de sala do concerto dos "Re-timbrar"
- c) Bilhete de concerto dos "Re-timbrar"

tos. Participa, duma maneira ou doutra, no quotidiano desses contextos e dessas pessoas. Conversa com elas, por vezes entrevista-as mais formalmente. É frequente arranjar “informantes privilegiados”, interlocutores preferenciais com quem contacta mais intensamente de quem obtém informações sobre aspectos a que não pode ter acesso directo. Quando existem, procura cartas, diários, registos de actividades e outros documentos pessoais.”⁵⁰

Procurámos, então, estabelecer relações com os utilizadores do “CCS-top”. Anselmo, que havia também tido o papel de investigador, forneceu-nos uma lista de pessoas organizada de forma a conseguirmos incidir facilmente sobre alguns grupos específicos dos utilizadores do espaço. A partir desta foi possível montar uma rede de conexões que permitiram, de forma relativamente expedita, estabelecer algumas relações.

Relações

Esta abordagem permitiu aprofundar a informação relativa aos espaços e aos utilizadores. O trabalho tornou-se complexo, a observação externa não nos fornecia as ferramentas necessárias, a pesquisa junto dos agentes sociais era difícil, requeria tempo e domínio, estando nós a entrar num universo onde não pertencemos e cujos relatos precisavam de ser estudados.

Aqui, em primeiro lugar, apenas conseguimos alguma informação dos seus intervenientes após nos relacionarmos com eles. Em segundo lugar estabelecer relações com os utilizadores é a única forma de conseguir actuar no “CCStop” com pequenas intervenções.

Foi através do estabelecimento destas relações, e tentando estar presente na vida das bandas, nos espaços que frequentam, indo aos seus concertos, que se procurou estabelecer laços de proximidade. Estes demoram muito tempo a estabelecer, é fundamental estar-se nos locais, arriscar, fazer-se convidado aos concertos ou eventos e, acima de tudo, manter sempre o espírito aberto.

“Pode dizer-se que a pesquisa de terreno é, em boa medida, a arte de obter respostas sem fazer perguntas. As respostas obtêm-se no fluxo da conversa informal e da observação directa, participante e continuada. Mais ainda. Por vezes algumas das informações mais significativas não são as que o investigador obtém através das perguntas que faz mas das perguntas que lhe fazem a ele. Isto acontece ao longo de toda a pesquisa mas é particularmente verdade nos primeiros contactos. Em qualquer caso, as perguntas sobre quem é ele, o que faz, o que quer o que pensa disto ou daquilo, as solicitações, os avisos — são fontes extremamente significativas de informação sobre os quadros de representações, os sistemas de classificações, os valores, as normas os sistemas de status e de papéis sociais.”⁵¹

50 Silva e Pinto, *Metodologia das ciências sociais*, 132.

51 Ibid, 138



a) b) Simulação sala de André Pinto e adjacentes.
c) d) Simulação instalações sanitárias

Entre investigador e agentes sociais existe uma relação de troca. O investigador necessita de apreender o máximo de informação possível e discernir se a informação que lhe está a ser dada é válida. Somos por isso enquanto investigadores compelidos a estabelecer uma relação de honestidade para com os nossos agentes sociais para que estes se sintam à vontade de nos exporem as suas histórias, os seus projectos e a sua vida no "CCStop". No entanto, Anselmo Canha advertiu-nos que, nesta relação de troca, poderíamos ser nós, investigadores, a ter maiores ganhos e não os músicos, neste diálogo.

Também, em trocas de emails com um dos músicos, surgiu, da parte dele, o receio de que este fosse mais um projecto, no qual, o objectivo fosse “sacar ideias aos músicos”.

Assim, torna-se difícil de estabelecer uma relação de confiança mas, como referiu Anselmo, é essencial para que possamos ter colaboradores que nos permitam levar a cabo algum tipo de actividade com repercussões no espaço.

Esta relação pressupõe uma troca e a esta partilha Anselmo designa-a de “retorno”. Não se trata de uma recompensa por nos ajudarem a construir o nosso trabalho, mas sim o trabalho em si, como retorno de formas, de ideias e de arquitectura.

Produzimos, então, um conjunto de imagens que procuraram, ao mesmo tempo, provocar e dar algumas ideias aos entrevistados, e cujo o objectivo era obter reacções, e juízos acerca da validade, ou não, dos espaços que lhes fornecíamos. Ao introduzir estas imagens na discussão, tivemos um meio para a iniciar, e de apresentar o nosso empenho na busca de soluções para os espaços.

Um dos momentos em que se conseguiu partilhar com os músicos alguma informação deu-se após o ensaio dos “Re-timbrar”, onde nos foi possível participar. Trocámos também algumas palavras com um dos elementos, que estava curioso quanto aos desenhos do “CCStop”, tendo rapidamente procurado a sua sala, o seu elemento de pertença ao “CCStop”, e ganhando noção da posição e sua relação com o todo.

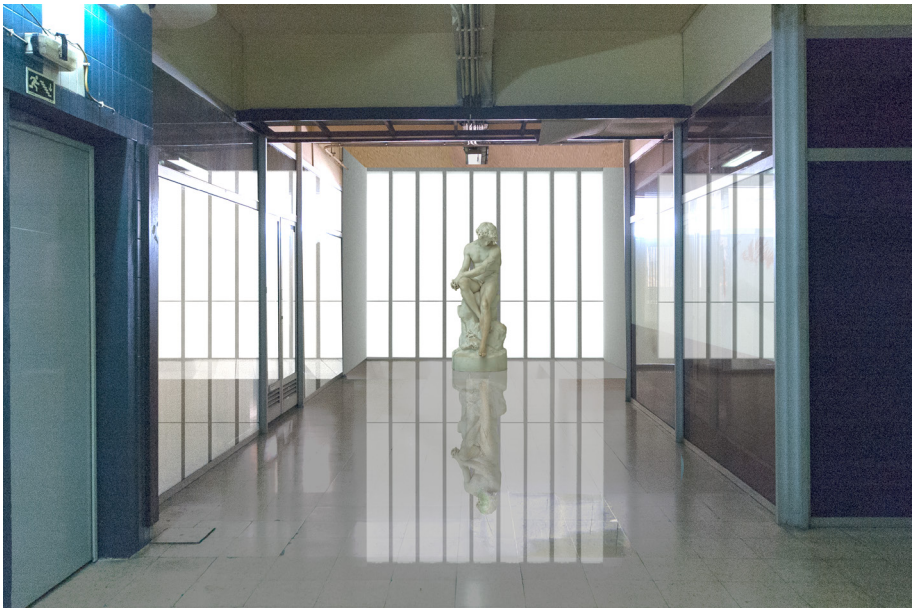
Decorrente da entrevista com André Pinto⁵², soubemos da vontade do músico em pintar, na montra da sua sala de ensaios, algum tipo de manifestação artística do domínio da pintura mural. Neste caso procurámos colocá-lo em contacto, sendo mediadores, com o Colectivo RUA⁵³. Com base em trabalhos já efectuados por este grupo foram feitas várias simulações da aplicação destes nas montras e espaços do “CCStop”.

Também na entrevista a Celeste, Rogério e João, a mostra de uma fotografia do banco no terceiro piso junto à sua sala de ensaio, provocou uma reacção positiva, vendo a abordagem como a forma ideal de criar um espaço novo num local que durante o dia possui iluminação directa através da clarabóia existente no terceiro piso.

Encontrámos, assim, nestas pequenas partilhas, uma forma de estabelecer relações com os músicos, que acaba por ser, mais do que investi-

52 André Pinto, Entrevista com André Pinto, músico e proprietário da Stop Store.

53 “Natural do Porto o Colectivo RUA é actualmente constituído por quatro elementos. Alma, Draw, DontLove e Mash partilham desde cedo o gosto pelo graffiti e “street art”, com o passar do tempo mas nunca descorando o graffiti, o colectivo tem vindo a explorar novos caminhos como a ilustração, o design e a fotografia, que fazem hoje parte dos seus quotidianos. Os seus trabalhos podem encontrar expressão em locais tão diversos como espaços de exposição ou nas ruas da cidade, no entanto desde 2006 foi a rua o local de eleição para expor toda a criatividade inculcada nos seus trabalhos.” In Colectivo RUA, “Colectivo RUA.”



gador/sujeito ou arquitecto/cliente, uma relação entre designer de soluções e utilizador.

A base para a produção desta estratégia de projecto foi encontrada nas primeiras conversas e observações que foram feitas no “CCStop” quer com Anselmo Canha⁵⁴, quer com Ruca⁵⁵. Anselmo apontou a necessidade de criação de uma praça para os músicos e, num apontamento dado por Ruca, a necessidade de luz e ar. A partir destas coordenadas, apostou-se em várias abordagens de transformação dos espaços do “CCStop”. Trabalhámos, então, em três tipos de abordagens diferentes, apresentando diferentes graus de dificuldade na execução das mesmas.

Projecto provocação I

A primeira pretendia a transformação de uma célula junto à fachada Norte, esvaziava-a e fazia dela um espaço de encontro, um espaço que poderia ser utilizado para exposições. A transformação deste espaço seria simples, bastaria a remoção dos caixilhos, instalação de uns bancos simples.

Projecto provocação II

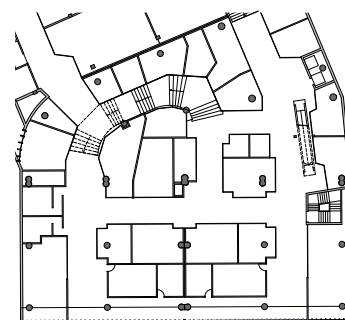
Numa segunda abordagem procuraram-se espaços com alguma amplitude. Nestes espaços foi simulada a colocação de objectos que pudessem levar a que os músicos os utilizassem como espaço de encontro.

Projecto provocação III

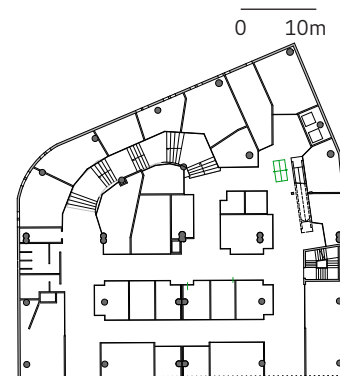
Na terceira abordagem procurou-se a destruição de lojas para a criação de espaços que trouxessem luz, profundidade de campo e diafaneidade ao espaço. No piso 2 foram removidas as lojas junto à fachada, com a excepção das dos extremos. Após a remoção destas, seriam construídas novas salas junto a outras já existentes. A recolocação de parte das salas seria importante para que se conseguisse diminuir as perdas monetárias. Esta abordagem permitiria criar um espaço novo entre a fachada e as salas de ensaio e recuperar a experiência de viver a fachada de vidro do antigo edifício modernista. Também, no terceiro piso, se considerou a remoção de duas lojas e a criação da praça.

Projecto provocação IV

Procurámos criar o espaço da praça que nos havia sido sugerido. As possibilidades deixadas pela estrutura pontual permitiram-nos começar a estudar formas de abordar as potencialidades do edifício modernista, depois exploradas no Plano de Projecto II.



a) Projecto provocação I, planta



b) Projecto provocação III, planta

Página direita. Da esquerda para a direita, de cima para baixo.

Projecto provocação I
a) Estado actual.
b) c) Simulações tridimensionais

Projecto provocação II
Múltiplos locais, átrios.
d) Situação actual.
e) Simulação.

Projecto provocação III
f) Situação actual.
g) Simulação.

54 Canha, Conversa com Anselmo Canha.
55 Ruca Lacerda, Conversa com Ruca, músico e produtor.

Receptividade

Numa fase inicial prevíamos que estas imagens-provocação seriam utilizadas como postais e que seriam distribuídas no “CCStop”, no entanto, isto poderia levar a vários problemas: descontrolo da informação produzida, mal entendidos perante o nosso projecto de investigação e falta de garantias de que iríamos ter retorno de opiniões dos músicos.

Esperávamos essencialmente por reacções que nos dissessem que aquele tipo de mudanças era o que procuram no “CCStop” ou por lado não eram as intervenções prioritárias para aquele local.

Tornou-se ainda uma ferramenta para mostrar algumas das potencialidades do “CCStop”, essencial para algumas confrontações com usuários que apenas aceitam o espaço como o conhecem.

Consideramos que parte dos entrevistados tiveram capacidade de criticar as alterações feitas ao espaço, através do meio que lhes fornecemos. Conseguiram abstrair-se da produção digital e imaginar-se naqueles espaços, nas possibilidades destes e nas condicionantes apresentadas pelos mesmos. Contudo, em alguns indivíduos, apesar de as receberem bem, provocavam também pânico, ao assistir às mudanças que sugeríamos para o “CCStop”.

As propostas apresentadas no Projecto provocação III e IV, destruiriam alguns espaços. Destes os proprietários auferem a renda mensal, ao demolir as fracções estes proprietários perderiam a sua avença, e o condomínio uma percentagem das suas receitas.

Para além da diminuição das receitas, iríamos eliminar alguns modos de habitar que o músicos desenvolveram ao longo desta ocupação. Estes factores levam-nos a concluir que alterações deste tipo, que procuram higienizar e domar esta situação não fazem sentido.

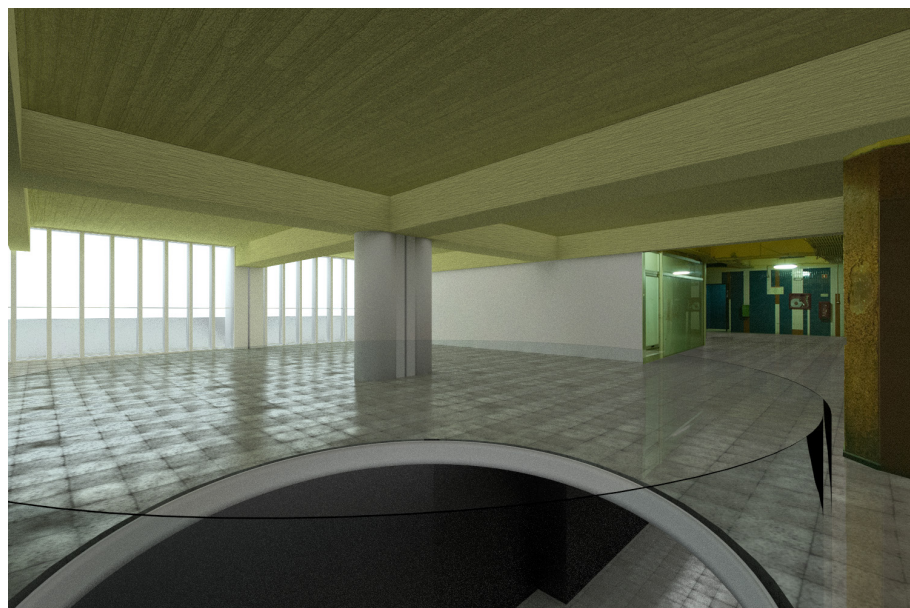
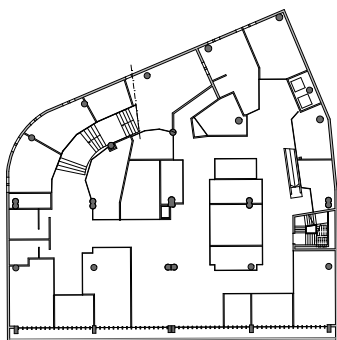
Projecto provocação IV

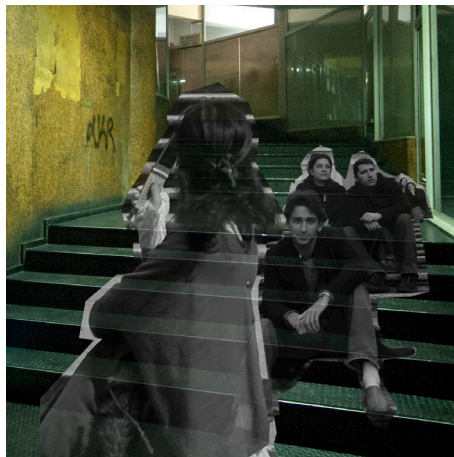
a) Planta.

b) Situação actual.

c) Simulação.

0 10m





Condicionantes sociais numa intervenção no “CCStop”

Faz parte da condição do “CCStop”, a existência de um colectivo incapaz de ser unido numa comunidade. À data, esta é definida apenas pelo edifício que partilham, e une-se apenas perante a adversidade.

O grau de pro-actividade varia e, se alguns têm sonhos para o “CCStop”, outros dão o seu contributo possível, encontram-se na indiferença, ou, ainda, apoiam-se as suas opiniões em rumores e boatos. No processo da criação da Associação de Músicos do “CCStop” foi possível observar todas estas posturas⁵⁶.

Das vontades para o “CCStop”, abertura versus manutenção da marginalidade, depende a estratégia que se procura para o futuro.

Com as condições existentes, ensaiar no “CCStop” é difícil, existindo pessoas a tocar paredes meias e ruído a invadir o espaço alheio. Se por um lado pode ser pitoresco fazer desgarradas entre paredes, por outro leva a que, frequentemente, não seja possível trabalhar.

Apesar da dimensão comercial ser diminuta o espaço continua afecto a horários comerciais e não às necessidades dos músicos. Apenas com a colaboração dos seguranças se torna a situação suportável e se permite que os músicos depositem na sua sala os instrumentos após os concertos.

Se, por um lado, a administração do “CCStop” colabora em alguns aspectos, esta parece falhar noutros. Consta que desligam o elevador e as luzes pouco depois na meia noite, existindo apenas um elevador em funcionamento, e, quando este avaria, não existem outras formas mecânicas de transporte de material pesado.

Quanto aos músicos, o estigma da marginalidade mantém-se, ainda que grande parte das pessoas que conhecemos no “CCStop” tenha formação no ensino superior e emprego. Utilizam o “CCStop” como espaço de liberdade, sendo o seu espaço, mantido com uma renda muito baixa, dando-lhes momentos de fuga à rotina e que podem manter sem penalizar o orçamento familiar. Outros que são músicos profissionais dividem a sua actividade entre as várias bandas/projectos que possuem, as aulas e a actividade de produtores.

Entende-se que, sem fundos, não exista forma de pagar as obras necessárias, e, quando a administração e proprietários se desligam do investimento e as entidades privadas também não se encontram disponíveis, resta apenas uma solução aos músicos: a associação mútua e a produção de eventos cujas receitas sejam a favor da beneficiação dos seus espaços.

A criação de uma Associação que represente os músicos seria essencial para que possam tomar conta do “CCStop”. Desta forma, à imagem da

56 Hugo, Entrevista com Hugo, músico e proprietário do “Metalpoint”.

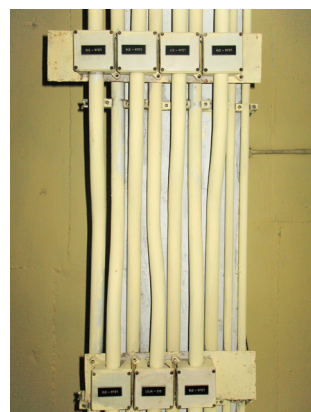
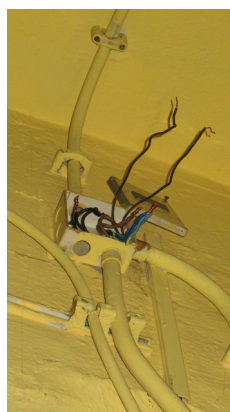
- a) Cobertura.
- b) infiltrações no 3 piso.



- b) Conduta e admissores de ar.
- d) Coberturas.



- e) f) g) Infraestruturas de redes.



situação na Fábrica do Braço de Prata em Lisboa⁵⁷, seria possível gerir o Centro Comercial, pagar os lucros a quem de direito são, colocar os elevadores a funcionar, colocar ventilação nas salas e transformar a antiga danceteria num local comum de encontro, de trabalho ou de ensino. Ao existir uma associação passará ser possível procurar apoios, como aconteceu com o CAAA.

Tal como o “CCStop” se encontra, apenas os seus utilizadores o podem transformar, quer seja através de processos de auto construção em que os músicos colaborem entre si, quer na dinamização do espaço. Defendemos que parte do espaço é o seu uso, e que a capacidade de ser dinamizado pelos próprios, parte do seu sucesso. Assim, procuraremos propor pequenas alterações que dêem ao espaço características que levem ao seu melhor uso e que potenciem o “CCStop”.

Encontro das necessidades actuais e síntese das entrevistas

Após a recolha das vontades e desejos que os músicos nos apresentaram e à construção do conjunto de respostas que consideramos importantes para que as suas condições sejam melhoradas percebemos que existem dois tipos de intervenções a efectuar.

Não existem recursos para aferir o estado da estrutura e não parecem existir motivos para desconfiar da sua estabilidade. O único factor encontrado e que pode levar à deterioração anormal desta, serão as infiltrações detectadas nas coberturas da danceteria e do terceiro andar do edifício. As infiltrações podem ter origem na deterioração das telas impermeabilizantes que, no caso da danceteria, podem estar relacionadas com a incorrecta instalação das antenas de comunicações móveis.

Das infra-estruturas existentes assumimos que se encontram num estado mínimo de conservação, visto os recentes procedimentos de legalização do “CCStop” não terem levantado problemas em relação a este aspecto do edifício.

No entanto, como podemos observar pelas fotografias, a instalação das luminárias nos espaços de circulação apresentam problemas, fazendo com que seja importante uma revisão destes sistemas. As redes de abastecimento de água também não parecem levantar questões. Pelo contrário, encontramos grandes falhas nos sistemas de esgotos, podendo estar alguns a verter para uma instalação sanitária actualmente desactivada, por não possuir o equipamento necessário.

O “CCStop” possuiu sistema de ventilação quer dos espaços de circulação quer das lojas localizadas no interior e que não estão em contacto com as fachadas Norte ou Sul. Este sistema de ventilação encontra-se desactivado, desconhece-se o estado das máquinas, bem como o das condutas. Uma actuação nesta infra-estrutura implicaria a sua total requalificação. Salientamos ainda que a ventilação e climatização dos espa-

ços do “CCStop” é independente das salas de cinema⁵⁸.

O sistema elétrico do “CCStop” está organizado de forma simples. Na cave está colocado o posto de transformação e a central elétrica. A última alimenta as cabines elétricas que existem em cada piso e de onde são distribuídas as infra-estruturas para as várias lojas. É ainda nestas centrais elétricas que se encontram os contadores da electricidade.

Datando a transformação do “CCStop” do início dos anos 80, não havendo registo de uma renovação das infra estruturas e, segundo alguns relatos, aponta-se como projecto para o futuro do “CCStop” a mudança da cablagem.

Não conseguimos reunir com o engenheiro Gustavo Costa que fez parte do “CCStop” durante alguns anos, de forma a compreender melhor qual o real estado destas.

Dos entrevistados surgem opiniões diversas: Carlos Freire apontou que até à entrada da loja o sistema elétrico está dotado de condições para o bom e correcto funcionamento das salas⁵⁹. A conversa com o arquitecto Nuno Cramês corrobora esta informação, apontou que a situação das instalações elétricas é, aparentemente, de confiança desde as cabines de transformação até aos disjuntores das salas, sendo que dentro destas a responsabilidade é dos inquilinos. Ao proprietário apenas é requerido que deixe o local para o quadro eléctrico e o ponto de luz no tecto. O arquitecto Nuno Cramês frisou ainda que a instalação elétrica da sala que partilha com outros músicos havia sido preparada por um electricista, a cablagem era nova e dispunha dos mecanismos de segurança necessários (fio terra e disjuntor)⁶⁰.

Em entrevista, Mafalda referiu que no terceiro piso não existia ligação terra, e, tendo em conta que a sala onde Nuno Cramês ensaia, também se encontra neste mesmo piso, apenas podemos presumir que poderá haver algum problema na sala em questão.

Intervenções para um futuro do “CCStop”

A intervenções a serem feitas têm três promotores diferentes, o condomínio, referente às obras de conservação do edifício bem como as infra-estruturas que a todos pertencem. Os músicos e os proprietários,⁶¹ o correcto tratamento do interior das salas para a nova utilização. Por último, cabe apenas aos músicos a dinamização do “CCStop” e dos eventos, mesmo que esporádicos, que nele podem acontecer.

Relacionado com as infra-estruturas apenas nos foi mencionado por

58 Anselmo Canha, *StopNonStop*, 2008, 4v.

59 Carlos Freire, Entrevista com Carlos Freire, Chefe dos Seguranças do “CCStop”.

60 Nuno Cramês, Entrevista com arquitecto Nuno Cramês, músico e arquitecto responsável pela legalização do “CCStop”.

61 Se os músicos precisam destes espaços para ensaiar, estes necessitam de estar tratados da forma correcta, caso não o estejam e não poderem ser usados o senhorio não poderá ter algum tipo de receita. Assim defendemos que deverá existir um acordo entre as partes uma vez que as obras feitas poderão passar para os inquilinos seguintes.

parte por Rogério⁶², que seria uma mais valia a existência de internet wireless no edifício.

Durante as conversas os músicos⁶³ foi-nos referida a gravidade das infiltrações na cobertura do edifício, como é comprovado pelo estado actual dos tectos, sendo estas obras de conservação do edifício da responsabilidade do condomínio.

Comum em todas as conversas foi a referencia à necessidade de reabilitar as instalações sanitárias, o a necessidade de algum isolamento acústico das salas e a falta de ventilação quer dos espaços comuns quer das salas de ensaio.

Embora, segundo o questionário, não existam muitos músicos preocupados com as montras das salas, também existe o oposto como é o caso do André Pinto⁶⁴.

Também Mafalda⁶⁵ partilhou connosco intenções para a alteração da imagem das montras⁶⁶ e para a criação de uma sinalética para o “CCS-top”, com tinta reflectora a assinalar o piso de saída dos elevadores e marcação dos degraus.

Da antiga danceteria, Anselmo Canha⁶⁷, o Hugo⁶⁸ e o Renato⁶⁹ apontaram várias vontades. Anselmo referiu o seu desejo de devolver a danceteria à comunidade, Hugo defendeu que esta, nos moldes actuais do “CCStop”, não faz sentido e o antigo uso por pessoas exteriores não é desejado pelos músicos⁷⁰. Já Renato referiu que idealmente a este espaço seria o local indicado para uma sala comum onde se poderiam reunir, sala de rádio/TV e estúdio de gravação.

Relativo aos usos, Rogério referiu a possibilidade de os músicos organizarem eventos ou workshops que integrem a comunidade, André Pinto e Mafalda defendem que para que o “CCStop” melhore é necessário que os músicos se envolvam e sejam eles a arranjar com os próprios meios.

Por último, Mafalda referiu ainda o problema da definição entre o público e o privado que ainda não se encontra resolvido: não existe entendimento de onde começa um e termina outro.

62 Celeste Bandeira, Rogério Soares, e João Carvalho, Entrevista com Rogério, João, músicos e Celeste, utilizadora.

63 Mamaqueen, Entrevista com os Mamaqueen, banda com espaço no “CCStop”.

64 André Pinto, Entrevista com André Pinto, músico e proprietário da Stop Store.

65 Mafalda, Entrevista com a Mafalda, música e estudante de arquitectura.

66 Entendemos no entanto que a alteração e a criação de uma regra nas montras foge da nossa competência enquanto arquitectos e entendemos ainda que devemos focar os nossos esforços em campos que nos pareçam mais pertinentes.

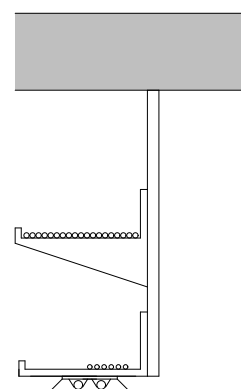
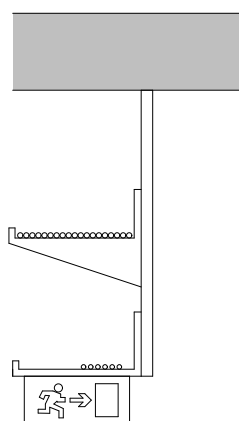
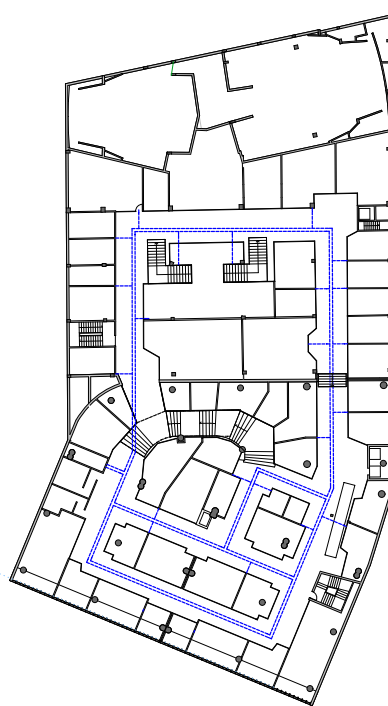
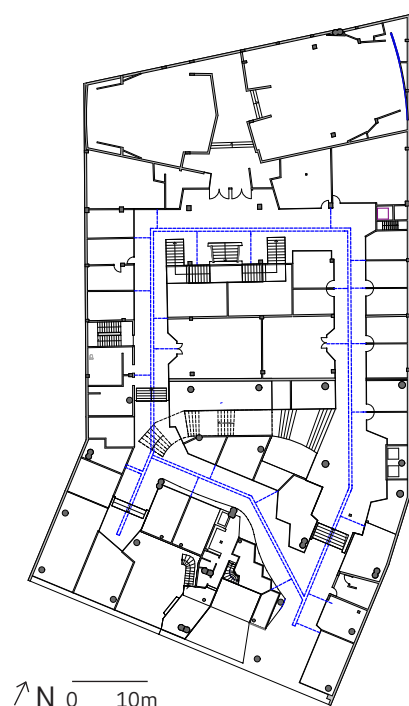
67 Canha, Segunda conversa com Anselmo Canha.

68 Hugo, Entrevista com Hugo, músico e proprietário do “Metalpoint”.

69 Renato, Pedro e Márcio, Entrevista com os “OliveTreeDance”, projecto com espaço no “CCStop”.

70 Um dos motivos que levou à construção desta opinião está sem dúvida ligado à abertura da nova danceteria Baila Porto no rés-do-chão do edifício, e com as pessoas que as frequentam.

a) b) Utilização de cesteiras no CAAA, Guimarães.



c) d) e) A azul, percurso das cesteiras.
f) g) Perfil, das cesteiras

Renovação das Infra-estruturas

Vendo o “CCStop” como um espaço de trabalho, procuramos dotá-lo das condições possíveis para que quem lá trabalha o possa continuar a fazer e que outros se possam sentir motivados a fazer o mesmo.

Não tendo uma opinião concreta e segura acerca destes temas restou-nos entender junto dos fabricantes qual a esperança média destes produtos. Em condições normais apontam uma esperança de vida de cerca 20/30 anos, já condições de baixa carga podem atingir os 50 anos sem graves problemas. Olhando para os sistemas existentes no “CCStop”, e para o estado de algumas partes, apostamos na mudança e requalificação das mesmas.

Para além da requalificação do existente é ainda necessário instalar a iluminação de emergência requerida pelo projecto de segurança, e adicionar soluções de infra-estruturas de redes. Estas poderão ser geridas pelo “CCStop”, a largura de banda ser distribuída de forma equitativa, ou ser apenas fornecido o local para que alguma empresa de telecomunicações coloque a instalação necessária, ficando a cargo dos músicos colocar, ou não, um sistema de telecomunicações.

Actualmente, no primeiro piso, as cablagens encontram-se suspensas. Ainda hoje este sistema faz sentido neste tipo de utilização, por isso, neste piso, seria apenas necessário remover e colocar novas cablagens. Em algumas partes estas suspensões encontram-se acima do tecto falso, o seu acesso é difícil e compromete a adição de outras peças. De forma a complementar o sistema existente optamos para adição de uma consola que sustente uma esteira, onde poderemos passar a cablagem nova necessária para as redes bem como a iluminação de segurança.

Nos pisos superiores, as cablagens encontram-se fixadas nos tectos e vigas, algumas passam mesmo por dentro de vigas, anulando qualquer preconceito que nos tenham falado na escola.

Nestes pisos optamos pela colocação de um sistema fixo ao texto que permita a colocação das infra-estruturas em vários níveis. Desta forma será utilizada uma solução que num nível superior nos permita ter em suspenso o conjunto de cablagem que irá alimentar as salas de ensaio, que raramente necessitará de intervenção, e num nível inferior, a iluminação normal, a iluminação de emergência e os sistemas de redes sem fios.

Segurança

Sendo a falta de segurança das instalações um dos aspectos apontados, recuperando a entrevista com o chefe dos seguranças este reforçou que a insegurança se deve aos próprios músicos que têm conhecimento do material de outras bandas, à existência de cópias de chaves que são emprestadas, ou ainda existentes nas salas alugadas, às quais não são trocadas as fechaduras e os antigos inquilinos furtam o material⁷¹.

Em conversa com Ricardo Areias, percebemos que os gastos na instalação de um sistema de vídeo interno podem ser relativamente reduzidos se não for adquirido material de grande qualidade⁷².

No entanto nada nos garante que seria proveitoso para o “CCStop” passar a ser vigiado, aliás iria anular alguns dos aspectos mais positivos para quem lá está. A liberdade ficaria condicionada: seria mais um espaço na cidade vigiado.

Em oposição à criação deste sistema interno de vídeo poderemos utilizar a mesma quantia de dinheiro e transformar os espaços de circulação ou de convívio. Atendendo à nova especificidade do “CCStop”, o controlo de entradas e saídas seria apenas feito na entrada.

71 Carlos Freire, Entrevista com Carlos Freire, Chefe dos Seguranças do “CCStop”.

72 Uma câmara de vigilância custa cerca de 60/70 euros sem iva, e um sistema de registo de vídeo para captação do vídeo cerca de 550 euros. De forma grosseira poderemos calcular que seriam necessárias cerca de 30 câmaras para todo os espaços, e dois gravadores. Isto totaliza cerca de 3200 euros sem impostos, a este seria necessário adicionar a mão de obra e demais instalações necessárias.

Instalações sanitárias

Actualmente, as instalações sanitárias do “CCStop” encontram-se bastante degradadas, logo desde a primeira visita ficou claro que seria uma das intervenções necessárias e durante as conversas foi sempre apontado como importante a resolver tal como no questionário que fizemos online.

Apenas as instalações sanitárias do rés-do-chão se encontram completas, nos restantes pisos parte delas encontram-se fechadas, o abastecimento de água está fechado e parte das cabines não têm retretes. Esquematisando, o que existe em falta encontra-se exposto no quadro a baixo.

Além da colocação dos elementos em falta é ainda necessário proceder à reparação de buracos, existentes quer parede quer na laje do tecto, reparação de alguns azulejos e colocação de tubos nos mictórios bem como as reparações necessárias no fornecimento de água dos mesmos.

Atendendo a esta nova utilização do espaço e à grande actividade física dos músicos nos seus ensaios, propomos a construção de balneários nas instalações sanitárias mais degradadas. Seriam necessárias obras de beneficiação para resolver os problemas apontados, construção das bases para duche, chuveiros e respectivas infra-estruturas. Uma vez que não existe instalação de água quente nas instalações sanitárias optamos pela colocação de um acumulador de calor elétrico. Mesmo não sendo uma solução que garanta água quente contínua torna-se a mais viável de instalar. Optamos ainda por colocar nestes espaços as instalações sanitárias de mobilidade reduzida.



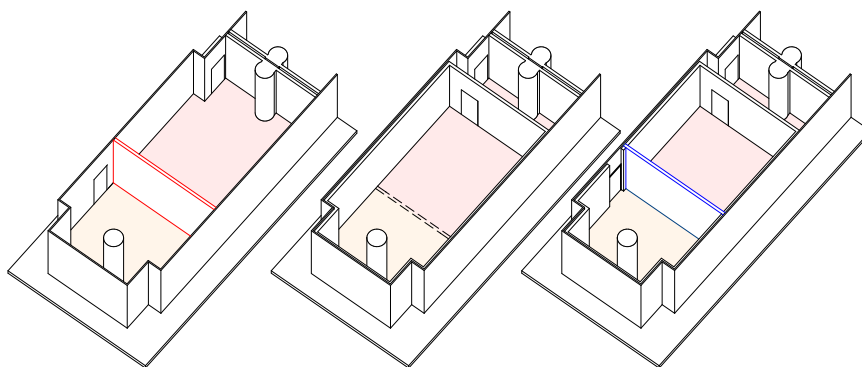
a) b) Levantamento das I.S.

	I.S. Femininas	I.S. Masculinas
R/C	Funcionais, adicionar um lavatório	Funcionais, adicionar um lavatório
1º Piso	Funcionais, adicionar um lavatório	Funcionais, adicionar um lavatório
1º Piso – zona anterior	Fechadas, presume-se que este- jam nas mesmas condições que as masculinas colocar aqui os balneários e para WC mobilidade reduzida	Bastante destruída, canalizações mal feitas, vertem dejectos das ca- nalizações pela necessidade de obras, local ideal para os balneários e para WC mobilidade reduzida.
2º Piso	Falta: 1 retrete completa, 1 auto- clismo, 1 lavatório	Falta: 1 retrete completa, 1 auto- clismo, 1 lavatório
3º Piso	Sem fornecimento de água Falta: 1 porta na entrada, 3 auto- clismos, 1 torneira para o lavatório existente, 2 lavatórios	Sem fornecimento de água Falta: 1 porta, 3 autoclismos, 1 tor- neira para o lavatório existente, 1 lavatório

Compra e gestão de Materiais

Um das soluções que encontrámos para facilitar o acesso a materiais de construção passaria por a administração do “CCStop”, para além de assumir que a música é a actividade principal, disponibilizar também recursos para que o continue, providenciando um espaço para armazenamento de materiais de construção. Esta opção é possível uma vez que em virtude do não pagamento do condomínio algumas das fracções horizontais passaram a ser propriedade do mesmo. Alguma destas, que pudesse ser menos interessante para arrendamento, poderia ser disponibilizada para armazenar materiais e criar uma bolsa de materiais de construção/ isolamento acústico. Estes poderiam ainda ser comprados pela administração do “CCStop” ou em compras conjuntas de forma a obter preços mais vantajosos.

Esta compra de materiais poderia ser acompanhada por um técnico que indicasse as melhores formas de aplicação dos materiais de forma a retirar deles o melhor rendimento, evitando situações de má utilização de materiais, como anteriormente exposto.



Gestão de salas.
Da esquerda para a direita.
Duas salas dois proprietários.
Uma sala dois proprietários
Volta à situação inicial, parede com
isolamento acústico.

Outro dos entraves que se encontramos está na dificuldade em trocar de salas ou mudar para salas maiores⁷³. Uma resolução simples encontra-se na permuta de salas. Esta poderia ser orientada através da associação, mas na inexistência desta, através de uma plataforma simples como um conjunto de anúncios colocados num local específico do “CCStop”.

O problema da propriedade horizontal e dos vários donos faz com que os músicos não consigam que o espaço acompanhe as suas necessidades. Assim propomos que havendo necessidade e oportunidade, seja possível unir várias salas numa. Entrando em acordo com os senhorios, cada um continuaria a receber o montante de renda que já recebia, assim como o condomínio iria manter também as suas receitas.

De forma a proteger os dois senhorios, os inquilinos deixariam uma caução, actualizada com alguma periodicidade no valor custo de uma parede de tabique em gesso cartonado com a resistência mecânica adequada e com isolamento o acústico necessário. Este valor poderia ainda ser revisto anualmente.

Recomendamos que a solução utilizada seja a proposta por Artur Alves Patrão na sua dissertação de mestrado.

“No caso de se decidir demolir a parede já existente, ter-se-á que utilizar uma solução mais complexa, constituída por quatro placas de gesso cartonado, duas de 10 mm (placas exteriores) e duas de 15 mm (placas interiores) e duas “folhas” de lã de rocha (30 kg/m³) com 40 mm cada. Este produto está catalogado como 10+15+(48+48)+15+10 com 2 ROXUL 208, tendo uma espessura total de 146 mm, com um espaço de ar total de 16 mm.”⁷⁴

Desta forma quando os músicos saíssem das salas e estas voltassem a funcionar de forma independente as condições de cada uma seriam melhores ficando quer os proprietários a ganhar com as obras, quer os músicos, quer o próprio “CCStop”, que assim daria mais um passo em frente.

73 Jorge Porto, Entrevista com Jorge Porto, Mestre do grupo Batucada Radical.

74 Artur José Alves Patrão, António Pedro Oliveira de Carvalho, e do Porto. Universidade, “Caracterização acústica de salas de ensaio - estudo de casos,” 100.



a) Alexander Platz, Berlim, Julho de 2011.



b) Piazza di Spagna.
c) Piazza di CCStop.



Anselmo Canha e Mafalda apontaram que um dos temas mais presentes no “CCStop” é a inexistência de uma separação do que é público e privado, esta condição força a que apenas restem como espaços de convívio o Café “Vitamina”, e respectiva esplanada, o interior do “Metalpoint”, e as escadas. A inexistência de uma praça levou-nos a procurar no Projecto locais estratégicos para a criação de espaços comuns e através de *renders* simular a existência destes.

Não sendo possível remover espaços tornou-se necessário encontrar a abordagem correcta para o “CCStop”. Este é apenas possível através de várias coordenadas que conseguimos assimilar ao longo do estudo que fomos fazendo, dos diálogos com os vários intervenientes, e com os elementos bibliográficos que fomos apreendendo.

I

Retomando algumas das bases de trabalho de Lacaton & Vassal, procurámos alguns parâmetros por eles definidos, e que nos parecem ser a base para respeitar o que existe no “CCStop”, e continuar com a definição do projecto que pretendíamos:

“É uma questão de nunca demolir, subtrair ou mudar as coisas, mas de apenas adicionar, transformar e utilizá-las.

É um trabalho cujo o objectivo, é a precisão, delicadeza, amabilidade e de ser atencioso: atenciosos com as pessoas, usos, edifício, árvores, asfalto ou superfícies relvadas, ao que já existe.

É uma questão de causar o mínimo inconveniente ou nenhum inconveniente de todo. É uma questão de ser generoso, dar mais facilitar mais utilizando e simplificando a vida”⁷⁵.

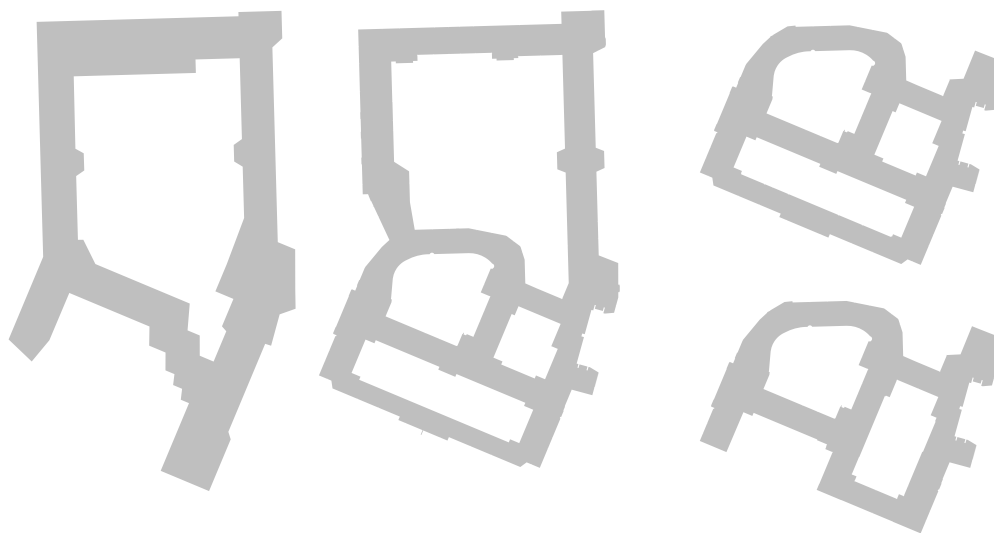
Trata-se de procurar uma atitude que não prejudique em nada o que existe, que não mude o que de bom tem o “CCStop”, que não seja tirano como a abordagem que fez da Garagem um espaço de comércio mas, como é o objectivo desta investigação o potencie e lhe dê mais possibilidades.

II

Também junto dos mesmo autores somos levados a tomar em atenção os usos que os músicos fazem dos espaços de forma a programar a sua utilização num futuro próximo.

“Em Berlim as pessoas não aceitam a Alexander Platz, um tipo de praça que consiste num espaço aberto rodeada de edifícios de grande altu-

75 Druot, Lacaton, e Vassal, *Plus*, 29.



a) Espaços de circulação no CCStop

ra. É uma ótima praça mas as pessoas não a aceitam. É difícil para os políticos aceitar que os espaços públicos não são feitos ou criados. Não é porque alguém não o desenhou ou porque não o qualificou. Antes de tudo é necessário tomar atenção aos usos, uma vez que é isso que precisam de ser legitimados. E isto não quer dizer que não se possa intervir de forma mínima. (...) Estes pedaços funcionam muito bem porque permitem às pessoas que os usem livremente. Estes espaços necessitam de manutenção mínima (...)."⁷⁶

Em oposição a fornecer-lhes uma construção autista às suas necessidades, recordámo-nos os vários momentos em que, no "CCStop", vimos músicos, sentados no chão a fumar um cigarro, sentados numa guarda da escada rolante ou nas escadas, que pelo "CCStop" abundam.

III

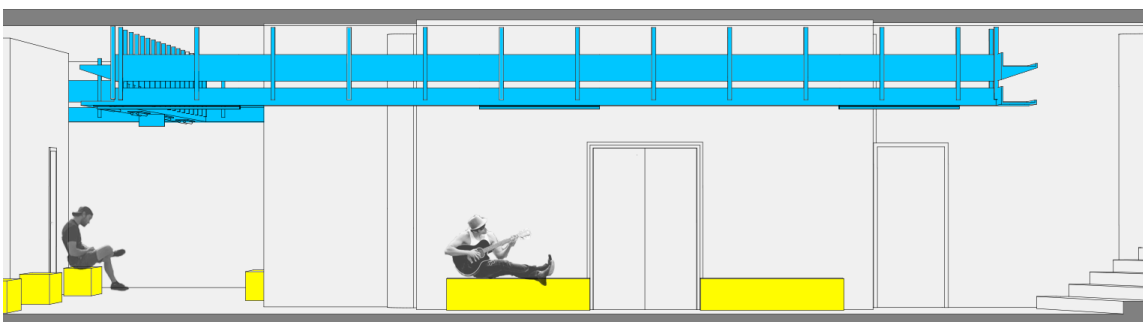
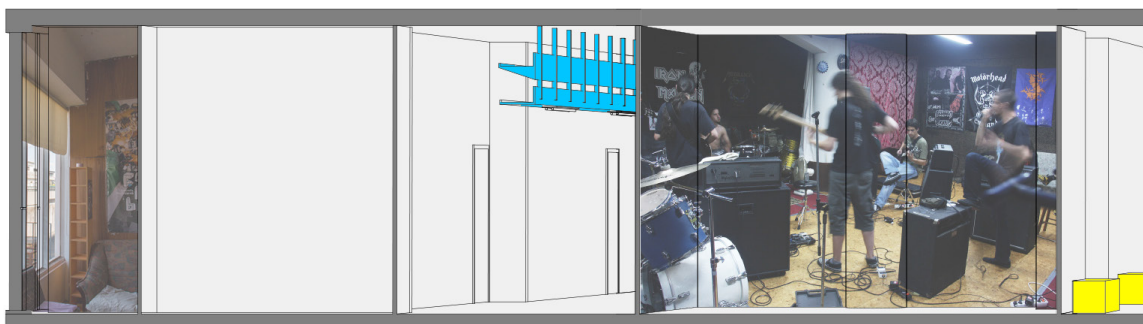
Passámos ainda a ver os espaços de circulação do "CCStop" não como espaços de circulação que outrora alimentaram espaços de comércio, mas como artérias, ruas de um sistema urbano, uma continuidade de rua, que alimenta espaços em propriedade horizontal, como se de casas se tratasse e que se viram para dentro de elas próprias, mas que se servem da rua para suprimir uma série de faltas que a casa não consegue responder. É neste conjunto de faltas que a rua da cidade ganha dinamismo.

Estas três premissas permitem-nos olhar de forma diferente sobre o material recolhido e ver os problemas do "CCStop" como uma falta de dinamização das ruas existentes. Assim a questão passa a ser como dinamizar, como destabilizar nos seus usos um espaço para este ganho de interesse, para que ganhe irregularidade, tal como nas ruas da cidade.

Fazendo um mapa dos espaços de circulação do "CCStop" passamos a encontrar algumas bolsas de circulação que, pela sua dimensão/proporção/relação com as ruas adjacentes, suscitam ter um carácter diferente das ruas estando aptas a sofrer alterações.

76

Ibid., 89-91.



a) A vida no CCStop. Criação, potenciação de um espaço vivível..

Apostámos então na criação de um elemento que invada o espaço e passe a ser usado, um objecto que possa ser colocado na frente das lojas. Apostámos em algo que tenha a capacidade de ser banco, de ter um compartimento onde se possa colocar o lixo, um objecto que dê resposta a vários problemas.

Assim, tal como numa casa em que no rés-do-chão existe uma mercearia que invade parte da rua para mostrar os seus produtos também as ruas do edifício passariam a ter com alguma frequência pessoas que discutiriam o que estão a produzir, aproximando o privado ao público. Fazendo parte da dinâmica do grupo sair da sala de ensaio, ir ao corredor, descansar, o banco é transformado num momento de transição de ambiguidade, que possa traduzir-se em novos usos, novas oportunidades.

Ao fomentar o uso dos espaços colectivos, estes passam também a ser transformados pelos utilizadores, as montras escuras possam deixar de fazer sentido e a dinamização natural do espaço seja uma realidade.

A necessidade de uma praça continua a ser uma necessidade. Consideramos a recuperação do espaço junto aos cinemas como espaço de convívio. Defendemos que este foi projectado com o intuito de ser um espaço de agrupamento e pudemos viver este espaço quando os cinemas foram utilizados, em Janeiro de 2013.

Num paradigma associado à noção de praça convencional “como assinala P. Virilio, o espaço público foi substituído pela imagem deste”⁷⁷ apostamos na definição do espaço público através do uso que os músicos façam dos espaços, “restituir o “corpo a corpo” como verdadeira construção de um lugar público. Um espaço não necessariamente qualificado por suas formas, senão pela sua capacidade para beneficiar a relação com o vizinho, (próximo), em contraste com o afastado.”⁷⁸.

Recorrendo à Piazza di Spagna, em Roma, apostamos nas escadas como local onde é possível o agrupamento de algumas pessoas. No entanto, esta ocupação é apenas viabilizada se as salas permitirem algum tipo de ambiente propício ao encontro, através da diminuição do ruído.

No “CCStop” encontramos as distâncias já existentes entre as montras, e nestas adicionamos os elementos criados, os bancos. No tecto, a revisão feita às infra estruturas, com a adição da esteira, das novas luminárias e das indicações de emergência.

77
78

Dubois e Morales, *La Ciudad y Los Cuerpos*, 39.
Ibid.

Salas, melhoramento da acústica e da segurança

Existindo já informação, produzida pelos engenheiros Gustavo Costa e Artur Alves Patrão, acerca do isolamento acústico de salas, este deverá estar disponível no “CCStop”. A esta informação deve ainda ser adicionado o ensino quer a aplicação dos materiais, quer de algumas regras de segurança na aplicação de elementos como os painéis de lã de rocha.

Relativamente ao relatório e projecto da InAcoustics este é, sem dúvida, o mais complexo e a solução mais cara e consideramos que não nos apresenta o balanço necessário entre um compromisso de custo benefício vantajoso para os músicos do “CCStop”. Não nos arriscamos a dizer que as medidas apontadas pelo projecto da InAcoustics é excessivo para os fins, mas temos a certeza que no caso actual do “CCStop” não é praticável.

Podemos apenas aconselhar que na zona da fachada sejam arrendadas as salas a usos que não espaços de ensaio, apostando no aumento da multi-funcionalidade do “CCStop”, através da inclusão de ateliers partilhados a estudantes.

Para as salas que se encontram no miolo do edifício, consideramos que devem ser adoptadas as soluções disponibilizadas pelo Engenheiro Artur Alves Patrão, recuperadas pelo Engenheiro Gustavo Costa, e que aqui voltamos a fornecer.

Dentro das salas aconselhamos uma inspecção por parte de um electricista à instalação eléctrica de cada sala. Esta solução, apesar de ser onerosa, é a única forma de minorizar os riscos de incêndios.

Por motivos de segurança poderia, até, considerar-se a instalação de dispositivos de detecção de fumo dentro das salas, no entanto estes podem entrar em conflito com o uso dado às mesmas. Seria apenas uma forma de salvaguardar os bens materiais uma vez que de forma geral os materiais utilizados possuem grande carga de incêndio⁷⁹ como é o caso dos tecidos sem tratamento ignífugo, em alguns casos colchões e outras espumas sem tratamento ignífugo e, por isso, sujeito a grande risco de incêndio, como ocorreu em Julho de 2012⁸⁰.

79 Valor definido através da massa do objecto pelo seu valor calórico em Mega Joules [MJ].

80 É necessário salientar que este acontecimento apenas não tomou maiores proporções porque aconteceu durante o dia. Basta a instalação eléctrica de uma das salas mal feita, ou o sobre aquecimento de algum sistema durante a noite para que tome proporções maiores.



a) Entrada para o conjunto dos cinemas.



b) Sala 1.

II, CINEMAS STOP E DANCETERIA

Reciclagem das salas de cinema

Vários músicos nos referiram a sua vontade em fazer dos cinemas um espaço que lhes esteja disponível para utilizar enquanto sala de concertos. Esta vontade é legítima e, de facto, os espaços apresentam algumas condições para que esta actividade aconteça.

A transformação destes espaço em local de exposição dos músicos é apenas possível perante a transformação do “CCStop” para uma vertente de maior abertura à cidade, sendo ainda necessário a procura de um público que esteja disposto a descobrir as bandas.

Se por um lado, os cinemas já possuem uma série de valências, como o bar, a bilheteira e o vestiário, outros aspectos destas salas levantam-nos várias questões relacionadas com a sua segurança.

As duas salas teriam funções diferentes, assim uma estaria afecta a concertos e espectáculos onde o fizesse sentido o público assistir de pé, e o outro ficaria afecto a outro tipo de acontecimentos.

Se por um lado a criação dos chamados espaços intermédios é da maior importância para a vida cultural da cidade⁸¹ seria necessário que um mecenas investisse na divulgação e dinamização deste espaço. Actualmente este espaço é propriedade da Zon, sendo vital mostrar ao seu proprietário que benefícios teria ao ser mecenas do “CCStop” e transformá-lo em espaços de concertos.

Adequação ao programa existente

Consideramos, no entanto, que a escala dos cinemas não se adequa a uma sala de carácter intermédio, de apresentação de bandas. Tende a ser um espaço mais contido e que procura provocar um ambiente designado por “intimista”, de grande proximidade com o público, como é o caso do espaço para concertos no “Maus Hábitos”, cuja sala de espectáculos possui uma lotação de 120 pessoas sentadas ou 170 de pé. Tendo em conta os espaços para concertos no “CCStop”, o “Metalpoint” e o “Spot” acabam por cumprir melhor esta função.

Segurança

Especulando sobre a utilização dos cinemas enquanto espaço para concertos, lembra-se que seria necessário legalizar o espaço e fazer alterações de forma a que este respeite os actuais regulamentos para o tipo

81 Daniel Pires, Entrevista com Daniel Pires, proprietário e gestor do Espaço Maus Hábitos.

de edifício em questão⁸². Apesar da necessidade de segurança dos seus utentes, este espaço não faz parte do projecto de segurança contra incêndios feita pelo arquitecto Nuno Cramês, por ser uma fracção do edifício. Assim, esta será a única intervenção onde nos munimos dos regulamentos para redefinir alguns parâmetros do projecto, sempre tendo em conta a segurança dos seus utilizadores⁸³.

Começamos por considerar que existindo duas salas de espetáculos, uma de 260 lugares sentados e outra de 200, optaríamos por na sala maior retirar os assentos fixos de forma a aumentar a capacidade do espaço e dar-lhe uma lotação de 400 pessoas⁸⁴.

Segundo as normas actuais são necessárias duas saídas de emergência, para o efectivo⁸⁵. Encontramos nesta sala duas saídas de emergência, e, embora uma delas tenha ligação à cave, seria sempre possível abrir neste percurso uma saída para as traseiras do “CCStop”. Ainda, a porta de entrada possui 6 unidades de passagem⁸⁶ enquanto são necessárias 5⁸⁷. Com as duas saídas de emergência, totaliza as necessárias 7 unidades de passagem.

Sendo o efectivo da sala 2 mantido em 200 lugares, utilizando os mesmos cálculos usados anteriormente não seriam necessárias alterações nas saídas.

Tivemos a oportunidade de entrar duas vezes neste espaço e podemos observar que o chão e parte das paredes são revestidos a alcatifa, e não sabendo o grau de combustibilidade dos materiais utilizados, (informação não existente na memória descritiva) e necessitariam de ser revistas por uma equipa especializada. Em opção poderemos remover todos os materiais de revestimento existentes e dotar as salas de isolamento sonoro e das características de acústicas que perderá, aquando da sua remodelação.

Tomando que todos os factores de segurança são possíveis de resolver com recurso a sistemas de segurança aconselhados pelos técnicos responsáveis e que a segurança estaria garantida, a transformação deste espaço traria valor para o “CCStop”.

82 Tipo VI «espectáculos e reuniões públicas», corresponde a edifícios, partes de edifícios (...), destinados a espectáculos, reuniões públicas, exibição de meios audiovisuais, bailes, jogos, conferências, palestras, culto religioso e exposições, podendo ser, ou não, polivalentes e desenvolver as actividades referidas em regime não permanente, nomeadamente teatros, cine-teatros, cinemas, coliseus, praças de touros, circos, salas de jogo, salões de dança, discotecas, bares com música ao vivo, estúdios de gravação, auditórios, salas de conferências, templos religiosos, pavilhões multiusos e locais de exposições não classificáveis na utilização-tipo X.

83 Como referiu numa aula algum dos professores no meu percurso académico, nenhum arquitecto procura ter nas suas obras elementos que possam levar à morte de algum dos utentes.

84 Com base no cálculo do efectivo previsto no regulamento de segurança contra incêndios. Espaços reservados a lugares de pé, em edifícios (...), salas (...) de espectáculos (...), auditórios, efectivo 3 pessoas por metro quadrado. Embora a lei permita que o espaço atinja a lotação até 600 pessoas, optamos tomar como máximo de ocupação duas pessoas por metro quadrado fazendo um total de 400 espectadores.

85 De 51 a 500, uma por 500 pessoas ou fracção, mais uma. Diário Da República, 1.ª Série — N.º 250 — 29 de Dezembro de 2008, 9066.

86 Unidade de passagem [UP], largura do vão da saída de emergência tendo como base a regra, “1 UP = 0,9 m; 2 UP = 1,4 m; N UP = N × 0,6 m (para N > 2)” in Ibid., 9124.

87 De 51 a 500 Uma por 100 pessoas ou fracção, mais uma. Ibid., 9067.

Seria ainda necessário verificar o funcionamento dos sistemas de ventilação e de ar condicionado dos actuais cinemas da responsabilidade do seu proprietário.

Também as acessibilidades teriam de ser revistas uma vez que o acesso ao cinema é feito sempre por escadas seria necessário a alteração destas para rampas.

Proposta

A transformação dos cinemas para salas de concertos teria as seguintes fases:

Reunião com os responsáveis dos espaços para aferir a sua disponibilidade em revitalizar o local.

Durante algumas semanas organizar eventos de forma a analisar a receptividade do público a esta nova sala de espetáculos.

Análise com os técnicos responsáveis, segurança, acessibilidades, e infra-estruturas das obras necessárias nas salas de cinema.

Planeamento com os mecenas de forma a obter financiamento e publicidade para o espaço, e para as suas actividades.

Após as obras realizadas, seria ainda necessário dotar as salas de equipamento próprio para os concertos.



a) Sala 1.



Refrências

a) Espaço Maus Hábitos, Salão Nobre. Maus Hábitos.

b) c) d) e) CAAA, Construção. Guimarães. NAAA.

Danceteria, espaço comum para o futuro do “CCStop”

Consideramos que apesar da transformação da Danceteria em espaço de gravações ser uma proposta valiosa, os custos que isso iria acarretar seriam bastante elevados e, provavelmente, não se atingiria os parâmetros desejados. Por outro lado, o próprio “CCStop” já possuiu alguns estúdios, e é frequente a colaboração dentre bandas com a disponibilização dos mesmos, seja de forma gratuita ou taxada.

Na necessidade de condições melhores, aponta-se que o caminho passará por utilizar salas fora do “CCStop”. Existem na cidade do Porto instituições dedicadas ao ensino e à divulgação da música com condições para o fazer. A título de exemplo temos a Casa da Música⁸⁸ que já por várias vezes colaborou com os músicos do “CCStop”, ou a ESMAE, parecerias que poderiam, sem dúvida, ser potenciadas.

As várias discussões que foram acontecendo com os utilizadores do “CCStop” levaram-nos a recuperar este espaço para um estado em que não se assuma a função do mesmo. Tendo sempre em conta as limitações orçamentais optámos por uma abordagem que permitisse gastar o mínimo possível na recuperação deste espaço.

Originalmente este espaço seria um restaurante/cervejaria/pista de dança, mais tarde transformado em algo que se aproxima de uma discoteca. A abordagem para este espaço passou por destruir, remover o que foi sendo adicionado na transformação de discoteca.

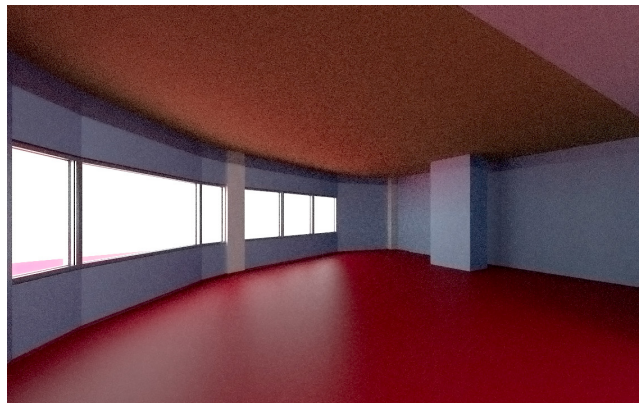
Reconhecimento do potencial

Tal como Lacaton & Vassal, no Palais de Tokyo, que recuperaram as características mais importantes do espaço - a sua luz, procurámos neste contexto mais simples e menos rico encontrar algumas valências espaciais para o uso futuro do espaço.

Mais do que dar um conjunto de funções, procuramos que responda às solicitações que lhe foram feitas. Assume-se que não as cumpra com o total grau de eficiência, mas que seja eficiente na resposta a um largo espectro de necessidades. Transforma-se assim num espaço que prima pela multi-funcionalidade. O espaço possui três zonas distintas, uma em frente ao balcão do antigo bar [zona bar], outra junto às janelas orientadas a Sul [Sala Sul], e uma nave de 25 metros de longitude na fachada Norte [Nave Norte].

As possibilidades de utilização são, assim, várias. Procura-se que o espaço seja divisível conforme as necessidades, desde a abertura completa como open space apenas com o elevador no centro, ou a divisão em espa-

⁸⁸ A Casa da Música dispõe de um total de 10 salas de ensaio de dimensões diversas. As duas maiores, localizadas no piso -2, têm capacidade para grupos de 20 a 100 elementos e estão equipadas com régie própria, podendo funcionar como estúdios de gravação. In Fundação Casa da Música, “A Casa.”



Coluna direita.

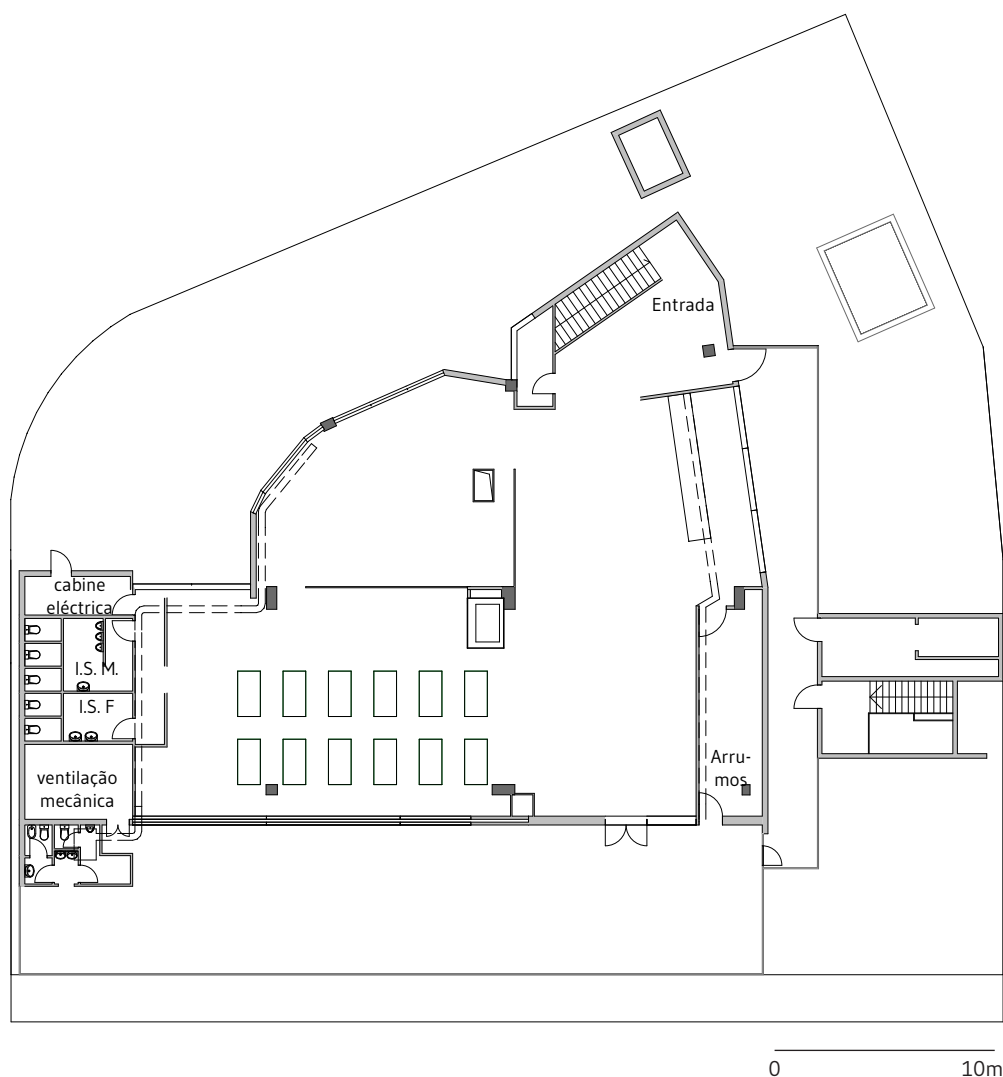
a) b) c) Danceteria do CCStop, Junho de 2013.

Coluna esquerda.

d) e) f) Simulações do para um futuro da Danceteria como espaço colectivo do CCStop

À direita.

a) Planta piso 4.



ços pequenos. A utilização da Sala Sul poderá ser para pequenos concertos, as sessões de rádio ou de televisão a partir do “CCStop”, ou até para o espaço de uma orquestra se houver alguma sessão de dança na Nave Norte. Esta seria, ainda, o espaço privilegiado para a colocação de vários conjuntos de mesas para workshops ou outras actividades.

Proposta

Para a divisão dos espaços, a utilização de biombos, apenas com o objectivo de os limitar e de alguma forma controlar a reflexão do som. Estes podem ser arrumados juntamente com outros itens na antiga copa, servindo esta de arrumos.

Para o funcionamento do espaço, procurar-se-ia a reparação da cobertura, de forma a eliminar as infiltrações que detectámos, o arranjo do chão, onde se propõe a colocação de um auto-nivelante com alguma capacidade de reflexo, de forma a transportar a luz proveniente do exterior, a colocação de novas infra-estruturas de redes, bem como a reparação dos sanitários.

À data, estava agendada, por parte do condomínio, a reparação das infiltrações através da colocação de uma tela impermeabilizante, o que

irá facilitar a recuperação do espaço⁸⁹. Com a colocação da tela será ainda possível, e obrigatório, mudar o pavimento exterior.

Não sabendo da viabilidade das infra-estruturas elétricas existentes, opta-se por colocar, tal como no CAAA, um conjunto de esteiras onde podemos colocar a cablagem, a iluminação superior e todo o aparato necessário. Estas podem ser facilmente fixadas ao tecto e servir de “teia” à colocação de algum equipamento.

Nas instalações sanitárias fazem-se as reparações necessárias para o funcionamento, como a troca de autoclismos de descarga, de torneiras e das louças que se considerar necessárias.

Dados os condicionamentos actuais, entendemos este espaço com a capacidade de receber eventos esporádicos relacionados com o “CCStop”, eventos, workshops, ou até mesmo festas, desde que feitas durante o dia.

Tendo o “CCStop” potencial para evoluir, acreditamos em três alterações que possibilitem a utilização do espaço para concertos/eventos no período nocturno.

Num futuro próximo pode ser possível com utilização da solução de caixilhos duplos. Encontrando-se os actuais caixilhos na face interior os novos seriam colocados no exterior com a devida pormenorização.

Outro problema que não pode ser negligenciado é o isolamento acústico. Para este, utilizar-se-ia celulose projectada quer nas paredes quer no tecto. Este material, após tratamento ignífugo, pode ser utilizado como acabamento, o qual é texturado, não parecendo ser factor que denigra o espaço.

As condutas de ventilação, já presentes no espaço, podem ser reaproveitadas depois de limpas e após a instalação da maquinaria necessária.

Na necessidade de fasear a intervenção apontamos a seguinte proposta:

Fase 1:

Impermeabilização das coberturas (a cargo da administração do “CCStop”)

remoção dos elementos que ocultam os vãos

instalação das infra-estruturas elétricas

recuperação das instalações sanitárias

colocação do material necessário (mesas, bancos, biombos)

Fase 2:

colocação de novo pavimento

pintura e manutenção das paredes e tectos com celulose projectada

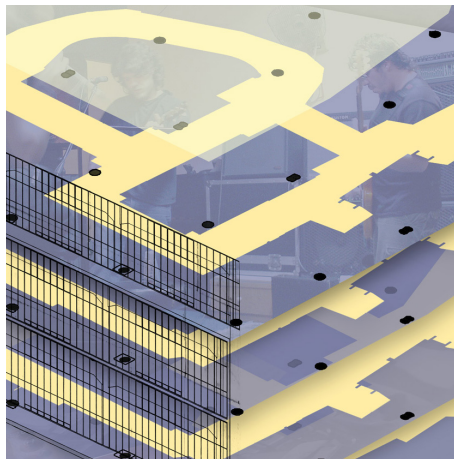
Fase 3:

instalação de caixilhos duplos

recuperação do sistema de ventilação.

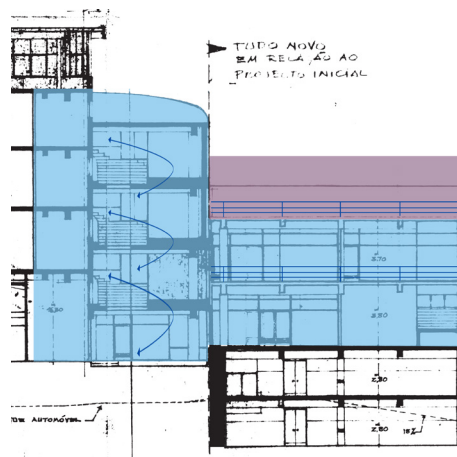
⁸⁹ Nuno Cramês, Entrevista com arquitecto Nuno Cramês, músico e arquitecto responsável pela legalização do “CCStop”.

II, "RUA DO HEROÍSMO, 333"



"Mais prestação por menos custo
Mais qualidade por menos o que é prescindível
Mais espacialidade menos compartimentação
Mais versatilidade por menos rigidez
Mais variação por menos estaticidade
Mais heterogeneidade por menos repetição"

"Do espaço digno ao espaço estimulante
Do espaço normalizado ao espaço personalizado
Do espaço artesanal ao tecnológico
Do espaço em série ao diversificado
Do espaço tipo ao espaço múltiplo
Do espaço mecânico ao espaço múltiplo"



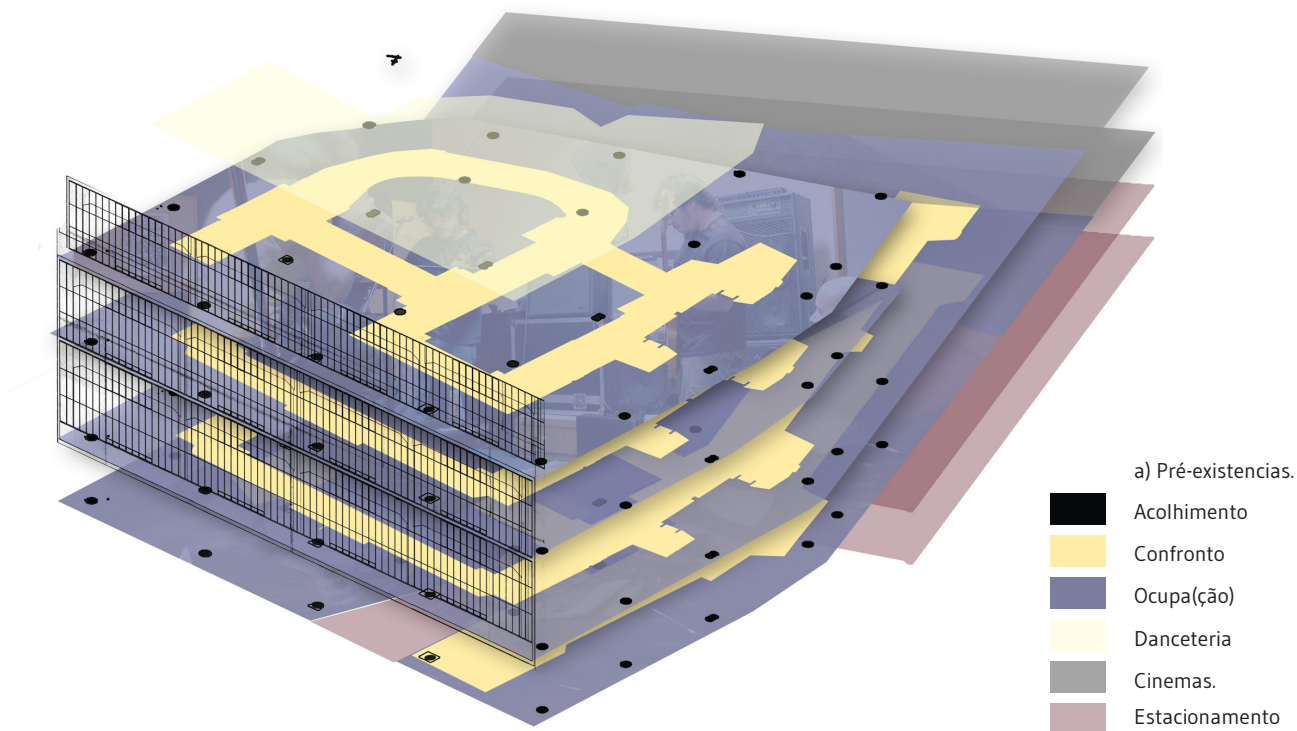
Enquanto “Garagem Austin”, acolheu os princípios da arquitectura modernista enunciados. Recuperamos desta as possibilidades da estrutura pontual, a sua liberdade na organização do espaço e a grelha da fachada que se encontra sub-aproveitada.

A transformação para Centro Comercial Stop, providenciou o edifício existente de uma estrutura urbana que se assemelha a uma rua, uma estrutura pedonal, que alimenta uma série de fracções autónomas. Nestas desenvolveram-se actividades de comércio e serviços, desde cabeleireiros a gabinetes de engenharia.

CCStop, a reciclagem⁹⁰ do edifício encontrou num centro comercial em decadência o local privilegiado para ocupar e reutilizar como espaços de experimentação. Esta ocupação trouxe (para além de dinheiro), modos pervertidos de ocupar as fracções, desenvolvendo formas de habitação que não haviam sido previstas por parte, quer dos projectistas, quer dos promotores do edifício.

Em cada uma das vidas, o edifício estabeleceu diferentes relações funcionais, formais, espaciais e sociais, dentro de si, e com a cidade.

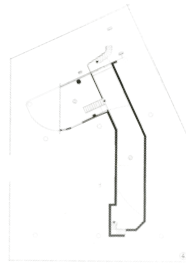
Apontamos uma quarta vida para CCStop. Sedimentar a ocupação e continuar o processo de legitimação, a reciclagem deste e de lhe eliminar a precariedade que o caracteriza. Este edifício que procuramos é uma situação onde recuperamos os pontos fortes de cada fase do edifício, e com estes, compomos um “cadáver esquisito” que sirva os seus utilizadores.



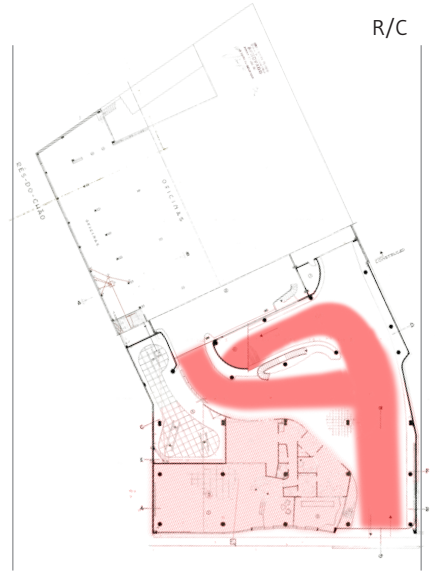
90 Reciclagem, “uma forma de aproveitamento de materiais residuais (...) para conseguir, uma certa partilha de bens económicos (de segunda produção), para os que não têm poder económico, para adquirir produtos de primeira produção, uma vez que estes estão dependentes das leis de mercado” in “Editorial. Reciclaje.”

"Garagem Austin"

-2



-1



R/C

Centro Comercial Stop



CCStop



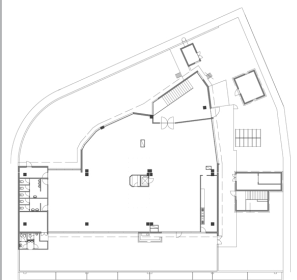
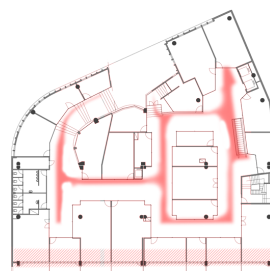
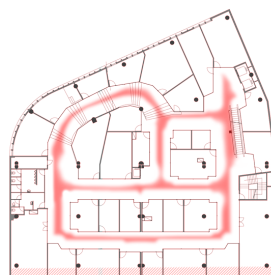
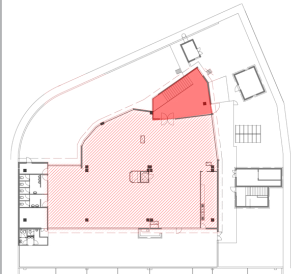
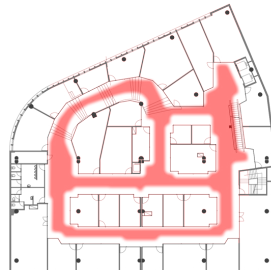
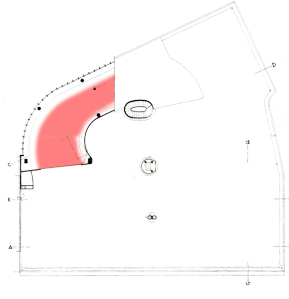
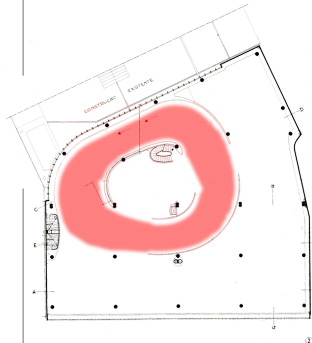
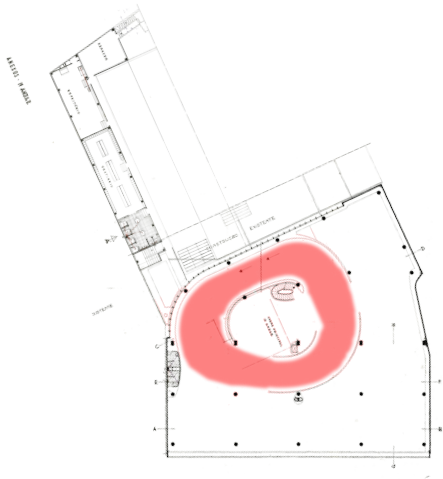
- a) As três fases do edifício. 0 10m
- Espaços de circulação - densidade de utilizadores
 - Espaços de permanência

1

2

3

4



Colaborações

Instituições da cidade do Porto
Casa da Música
Serralves

Instituições de ensino
ESMAE
FBAUP
Universidade Católica
ESAD Matosinhos
Conservatório do Porto
Escola Valentim de Carvalho

Rede de espaços de experimentação
Espaço do Tempo
Oficinas do Convento
Silos.CR
Maus Hábitos
Fábrica Braço de Prata
Cluster das Indústrias Criativas

Espaços de concerto
HardClub
Passos Manuel
Heaven Club
Hot Five Jazz & Blues Club
Fábrica de Som
Teatros municipais
Casa(s) das artes

Outros espaços de características/usos semelhantes:
Centro Comercial Sirius

Passos Manuel
Heaven Club
Hot Five Jazz & Blues Club

Outros
Zon
Canal 180
Rádio/TV pública

Propósitos

Criação de identidade
Workshops
Bolsas de experimentação
Investimentos conjuntos
Residências artísticas
Capacidade de alojar convidados
Hub à escala
Local
Nacional
Internacional
Espaços para arrendar
Salas de ensaio
Ateliers
Espaços multiusos
Estúdios
Divulgação
Múltiplos canais
Múltiplos circuitos
mainstream
underground

“Rua do Heroísmo, 333”

O “CCStop” assumiu-se como um local dedicado à experimentação. Este processo começou por ser legitimado através do Festival *Future Places* que em 2009 teve lugar no CCStop⁹¹.

Após nesta experiência a Casa da Música, através do Serviço Educativo, iniciou uma colaboração com alguns músicos do CCStop, a Stopestra⁹². A entrada em cena da Casa da Música, e o apoio dado no ano de 2010, poderá ter sido o factor que mais contribuiu para a legitimação da estrutura existente no “CCStop”⁹³.

Contudo, este processo não se encontra concluído, e a integração do “CCStop” numa rede de colaborações é a chave para que o local se continue a desenvolver neste sentido, e é também nesta vertente que o espaço tem potencial para se renovar.

Nesta perspectiva fazemos do edifício um espaço de experimentação, com a capacidade de alguma institucionalização, que não retire a informalidade existente no local. Um espaço que, à imagem dos “Silos.CR”, do “Espaço do Tempo” e dos “Maus Hábitos”, lhe dê a consistência necessária para suportar um programa com um propósito. Um programa que possa ter em vista a criação de residências artísticas e, à imagem do “*Future Places*”, continue a estabelecer colaborações com instituições internacionais que permitam a sua visibilidade no exterior, a consolidação do seu estatuto e o aumento da sua área de influência.

“Rua do Heroísmo, 333”, é a recuperação da unidade do edifício enquanto “Estrutura de produção experimental”. O edifício é o elemento estável que se encontra ao serviço da comunidade já existente. Esta estabilidade contrasta com a constante mudança, com a efemeridade, que existe nos intervenientes do “CCStop”.

91 “Comissariado por Heitor Alvelos (professor da Faculdade de Belas Artes) e Karen Gustafson (Universidade do Texas - Austin), o *Future Places* 2009 propõe de cinco dias intensivos de actividades em toda a cidade, na forma de conferências, seminários, concertos, performances, uma competição de projectos e exposições.” in “UP - Festival *Future Places* Regressa Ao Porto.”

92 Fundação Casa da Música, “Stopestra! | Concertos Para Todos.”

93 No relatório de contas da Fundação Casa da Música, de 2010, são feitas várias referências às colaborações desta instituição com os músicos do CCStop. Destas para além da Stopestra, contam ainda com as actividades do “Dia Mundial da Música”, e um ensaio aberto dos músicos do “CCStop” no seu espaço.

“Entre os vários projectos que a Casa da Música desenvolveu em 2010, assumiu relevo o que celebrou o Dia Mundial da Música, a 1 de Outubro, no qual o Serviço Educativo se associou a diversas bandas que ensaiam no Centro Comercial Stop. Além dos diferentes pontos da cidade que se encheram de música ao longo do dia, cinco dessas bandas actuaram numa edição especial do Clubbing dedicada aos artistas portugueses.” Fundação Casa da Música, “Relatório Anual de Actividades & Contas.”

II, PROJECTO⁹⁴

Abordagem

O projecto aqui apresentado encontra-se num registo diferente da “Resposta à situação encontrada”, neste caso a nossa preocupação encontrava-se na resposta imediata às necessidades dos utilizadores do actual edifício. Aqui, procuramos uma estratégia de projecto para a transformação do edifício actual para o pólo “Rua do Heroísmo, 333”.

Concebemos uma visão futura, para os espaços do actual edifício, numa possibilidade de projecto onde, “organizamos e fixamos em sentido arquitectónico os elementos de certo problema”⁹⁵, construído através das circunstâncias que recolhemos.

A estratégia de projecto trata-se de um processo de transformação, desde a situação actual, até à concretização do edifício que responda às “características do espaço contemporâneo: a sua acelerada mutabilidade. Dinâmico, impreciso, progressivamente a-formal, o novo espaço que emerge manifesta-se como um cenário múltiplo sujeito a colisões, mudanças, misturas e deriva.”⁹⁶

A capacidade de adaptação, as incertezas e necessidades, levam-nos para os objectivos de redefinição espacial propostas por Rui Rodas e Mónica Mendes no *briefing* para os “Silos.CR”, “atmosferas funcionais que se adaptem continuamente a novos programas exigidos pela sociedade. [E a criação de espaços produzidos a partir de um sistema], que possibilite o incrementar de elementos, tais como a privacidade, a pluralidade, a autonomia e independência, a flexibilidade e a compunibilidade, e acima de tudo, a capacidade de interagir com um Homem do século XXI”⁹⁷.

O melhoramento das condições levará a que o número de utilizadores de outras áreas aumente e que a introdução de uma vertente multi-disciplinar no espaço o transforme num *hub*, à imagem dos “Silos.CR” e do Espaço do Tempo, para o conhecimento, a partilha e potenciação do futuro do edifício.

94 O projecto aqui apresentado surge da amostra feita para este estudo [ver plantas de indicação de locais levantados]. Para a intervenção final será necessário terminar o levantamento feito.

95 Gregotti Vittorio, *Los Materiales de La Proyección*, 220.

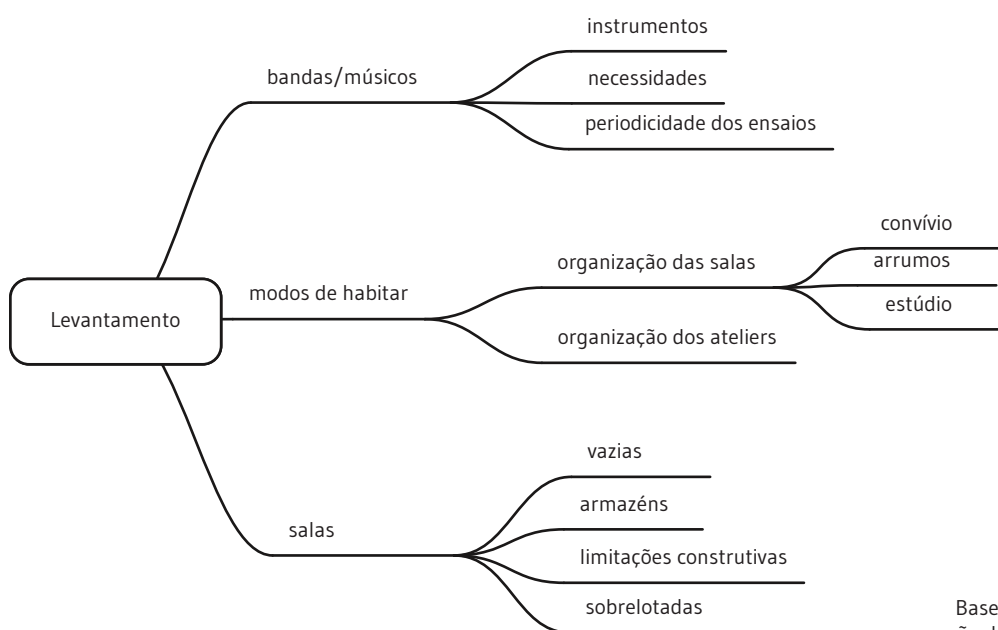
96 Rui Roda e Mónica Corrêa Mendes, *Briefing do Exercício Principal de Projecto III*.

97 Ibid.



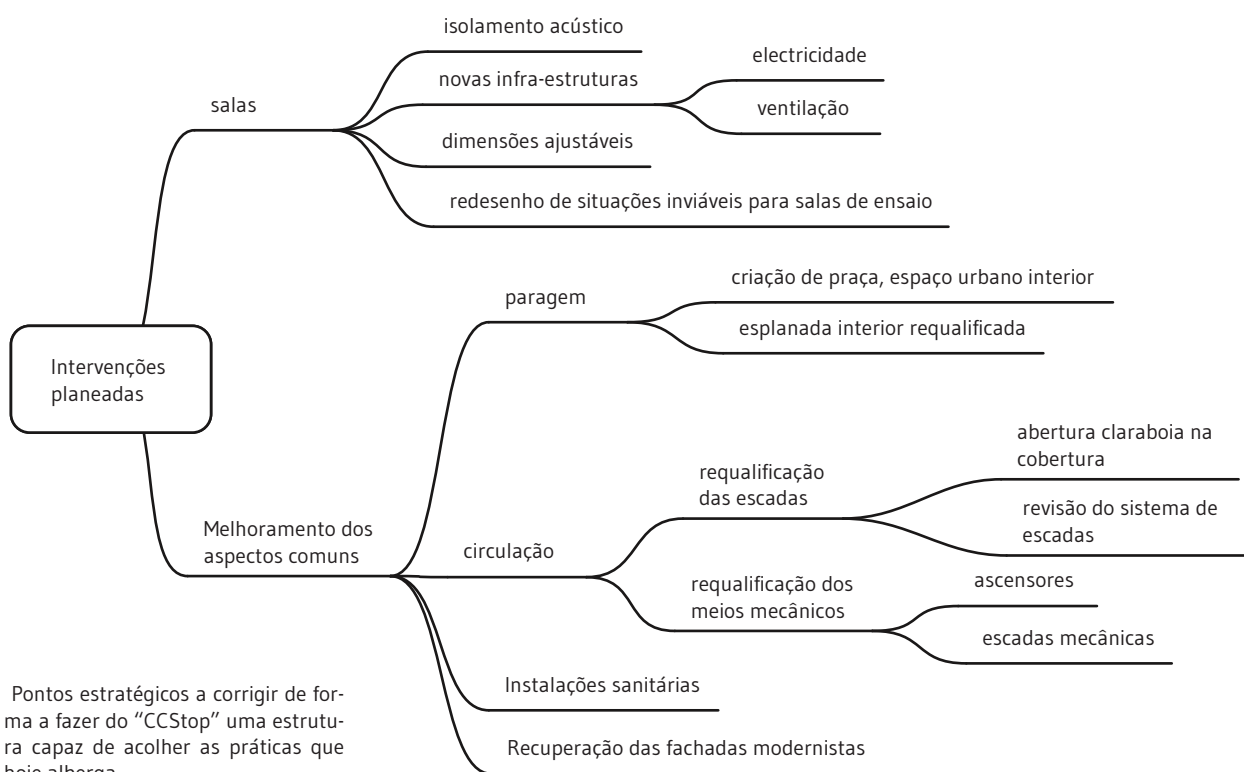
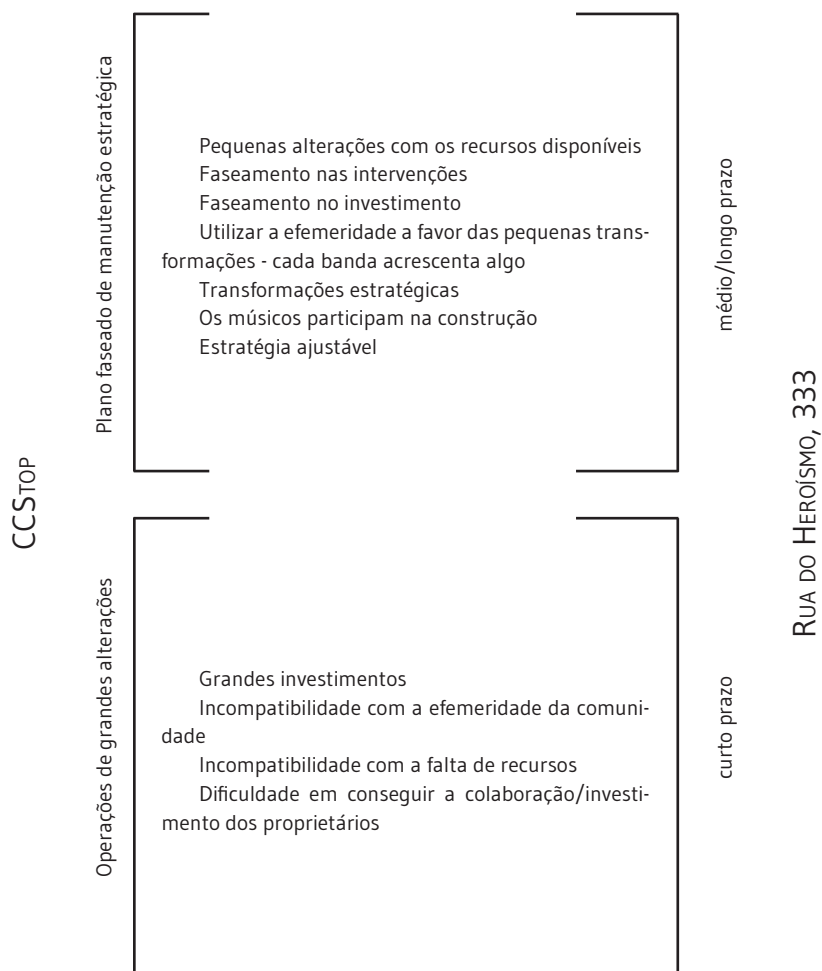
0 10m
a) Indicação dos levantamentos efectuados. Plantas, Sub-cave, Cave, R/C, Piso 1, Piso 2, Piso 3.

- Visita
- Entrevista
- Entrevista e Levantamento



Bases para o levantamento da situação do CCStop.

Do “CCStop” para “Rua do Heroísmo, 333”. Dois caminhos possíveis.



Pontos estratégicos a corrigir de forma a fazer do “CCStop” uma estrutura capaz de acolher as práticas que hoje alberga.

Projecto aberto

No início do apontamento deste projecto procura-se, sem compromisso, um conjunto de premissas que nos permitam apontar de forma aberta uma direcção para a formalização de um objecto arquitectura, a que chamamos 5 pontos, para fazer do “CCStop” um espaço dedicado às práticas experimentais.

- Redefinir a propriedade e os loteamentos, mantendo o direito ao solo e à propriedade.
- Legitimar a construção para a sua ocupação actual
- Redefinir a circulação e criação de uma estratégia de comunicação física e visual entre os pisos do edifício
- Estabelecer estratégias de ocupação do espaço.
- Abrir o “CCStop” à cidade como espaço de partilha conhecimento e potenciador de revitalização urbana.

Projecto aberto é ainda sinónimo de:

- um faseamento possível
- que uma recuperação dos espaços tenha um objectivo/plano a longo prazo
- que este plano possa ser ajustado com a evolução do edifício
- que o edifício nunca deixe de funcionar

Este faseamento, passará por conceber um programa de reabilitação “semi-autónomo”⁹⁸. Começará por mostrar aos proprietários, e à administração, que a potenciação do programa existente num espaço renovado, trará um aumento dos lucros a médio prazo. Partindo depois da motivação dos proprietários e músicos para que a transformação tenha lugar.

⁹⁸ Termo utilizado em Martin Braathen, “Sobre El Punk y La Obra de Brendeland y Kristoffersen Arkitektur.” no contexto de “área urbana experimental ecológica semi-autónoma”, uma experiência em que os próprios habitantes fizeram um concurso de ideias para a reabilitação dos seus espaços, “O objectivo do concurso era encontrar soluções inovadoras ao uso da madeira no contexto urbano e dar à zona vivendas sustentáveis de baixo custo”.

- 1 Criação de um entidade composta pelos músicos que os represente
Re-organização do “CCStop” com base nas necessidades dos músicos, permuta de salas que correspondam às necessidades
Com a criação de um banco de materiais interno
Com a disponibilidade possível, renovação das paredes das lojas para sistemas adequados
Recuperação da fachada modernista à rua do Heroísmo
Com base no capítulo “Renovação das infra-estruturas”
colocação das novas redes
Transformação da danceteria em espaço multiusos.
No corpo Sul
fracções renovadas e recolocadas, deixando livre o espaço central
Criação de um banco de materiais alojado na Cave.

O processo deverá ser levado a bom porto com o tempo necessário
Nas renovações das salas de ensaio serão desde logo colocadas novas condutas de ventilação

- 2 Recolocação do Café “Vitamina” e do “Metalpoint”
Retoma do funcionamento do complexo dos cinemas com o novo programa.

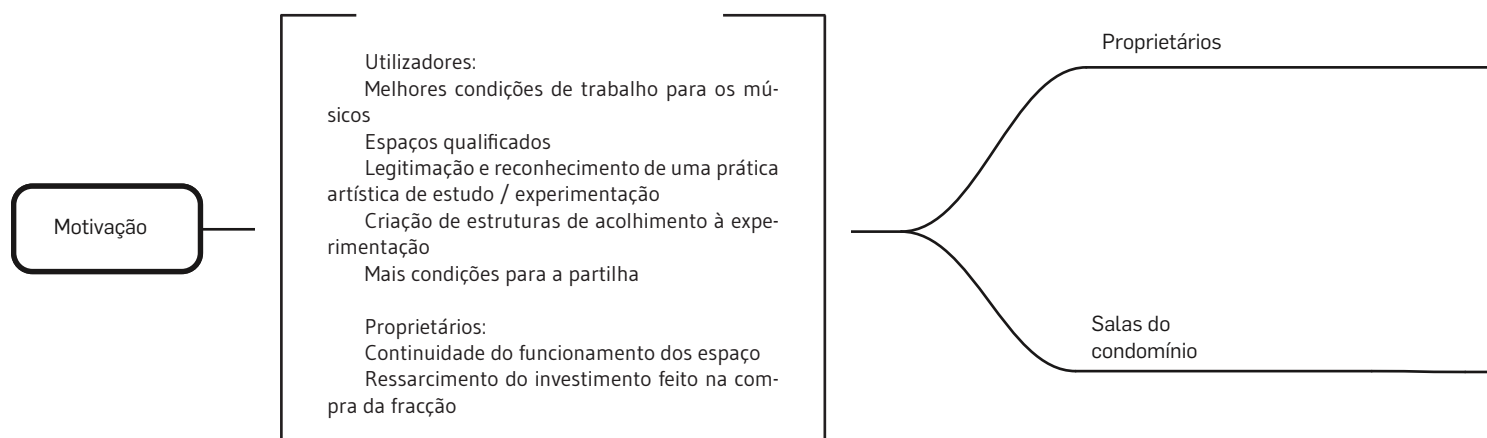
Reactivação das condutas de ventilação

A grande parte das fracções encontram-se renovadas e com condições adequadas à novas práticas
faltarão os espaços comuns

- 3 Ampliação do edifício no corpo posterior, cobertura dos cinemas.
Criação de respectivos acessos.
Construção de salas na ampliação, para recolocação das parcelas na fachada Sul do corpo Norte
Recuperação da fachada Sul
Revisão do sistema de circulação das escadas no corpo Norte.
Ocupação e recuperação de um edifício na imediações do CCStop, transformação em habitação que complemente o programa do CCStop.

“RUA DO HEROÍSMO, 333”

Um faseamento possível para a evolução do “CCStop”.



“Rua do Heroísmo, 333”. Da motivação para algumas possibilidades de investimento.

Proprietários como promotores da mudança.

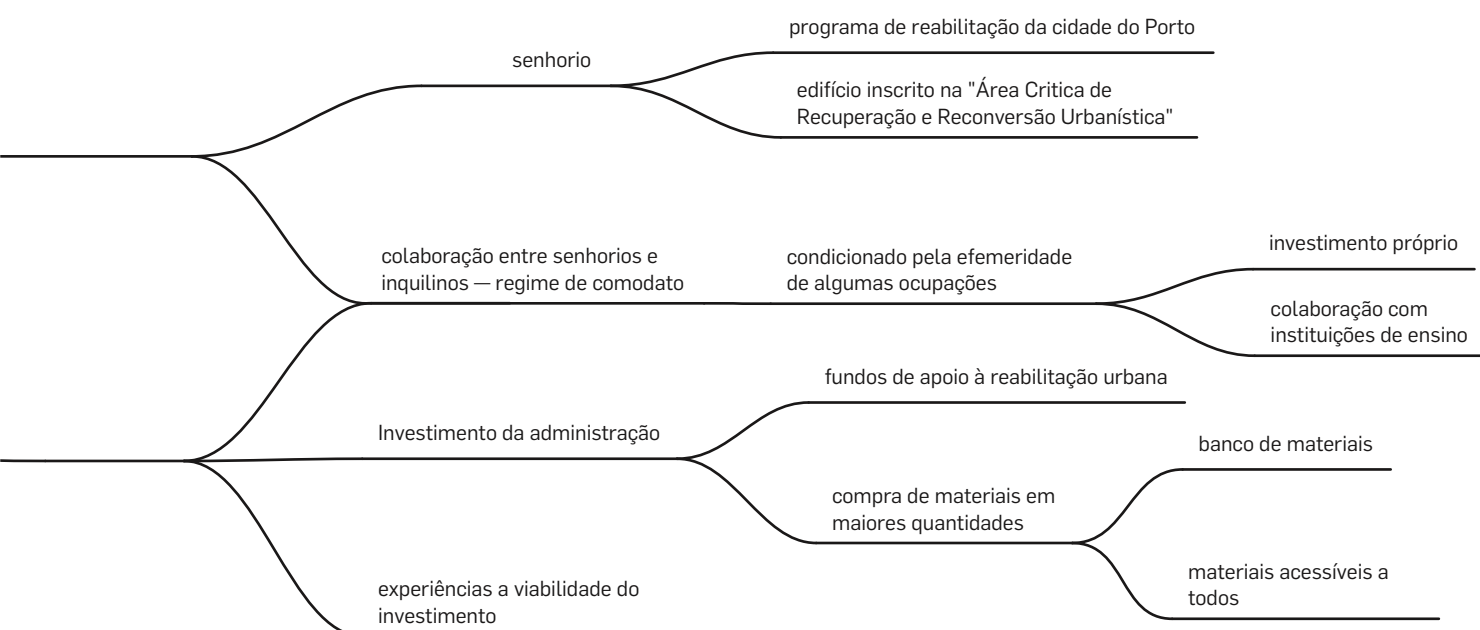
A divisão do espaço em fracções de cadastros diferentes torna-se num obstáculo difícil de ultrapassar. Uma alteração na forma de gestão da propriedade que mantenha o direito a uma área e a um volume, tornam-se imperativos para o sucesso de qualquer intervenção.

Nesta alteração de gestão de propriedade seriam também chamados a participar os proprietários do parque de estacionamento, dos cinemas e da danceteria, os proprietários das maiores fracções do edifício. No primeiro, o aumento de utilizadores do edifício traria igualmente um aumento dos lucros.

Nos cinemas, significaria a reactivação de um equipamento em desuso. Com a existência de um programa no edifício, não se coloca o problema da falta de público, apontada no capítulo anterior, e desta forma, os proprietários poderão obter a sustentabilidade económica do mesmo. Já a danceteria, com a alteração do edifício para centro de experimentação, apenas valida as vontades já materializadas em projecto.

No entanto, o aumento dos lucros para os proprietários não terá de significar um grande acréscimo das rendas. Optimizar o funcionamento das salas e potenciar a partilha de destas, permitirá que continuem a preços acessíveis.

No caso de demolições, e consequente reedificações, os proprietários receberão noutra local, equivalente, a sua parcela, e na possibilidade de aumentar a quantidade de salas estas ficarão a cargo do condomínio.



Fase 1



Fase 2



Fase 3



a) Faseamento

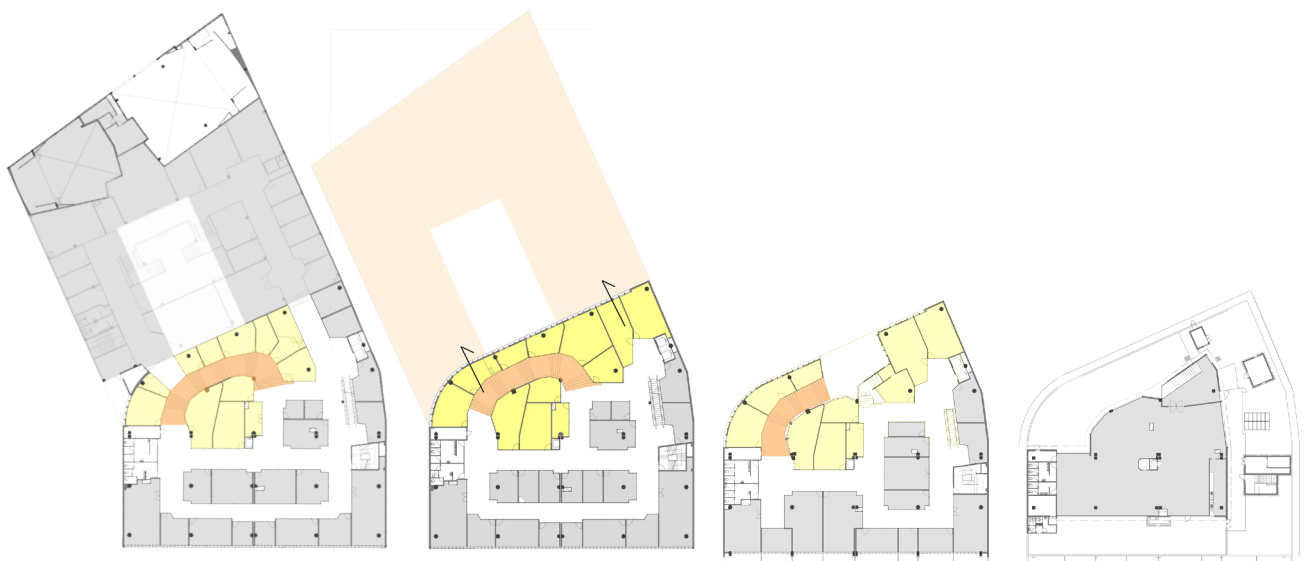


conversão
recolocação
beneficiação

0 10m



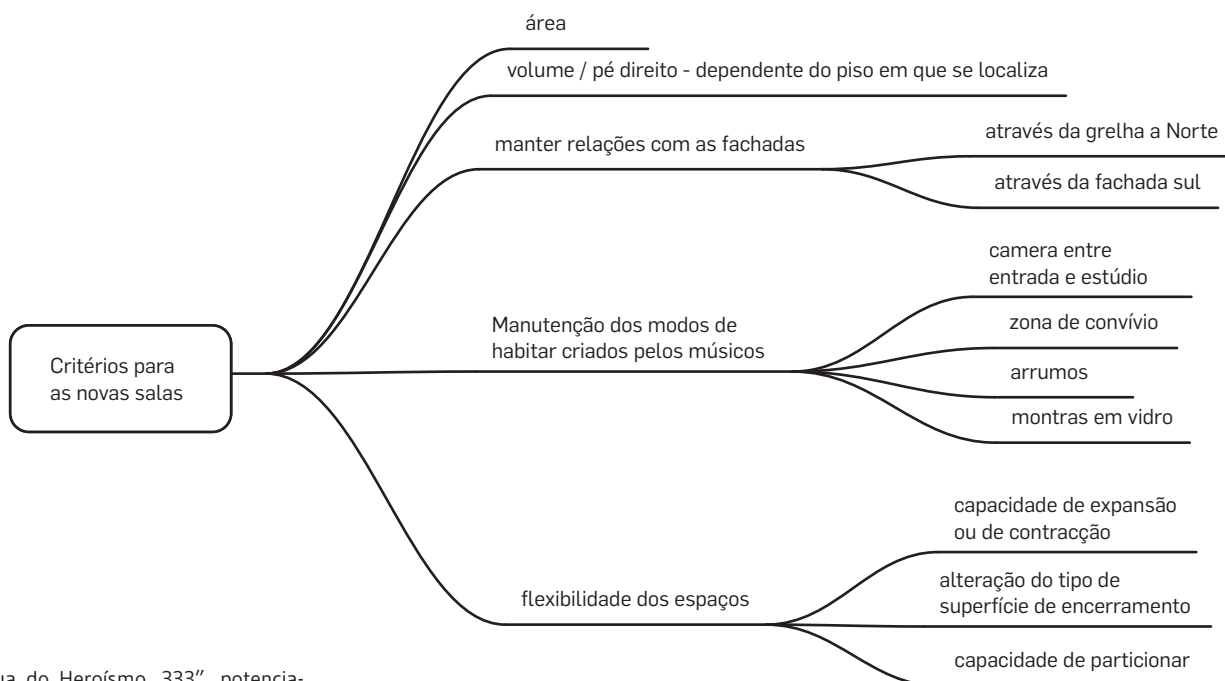
partes alteradas
demolições
alteração



“Mais prestação por menos custo
 Mais qualidade por menos o que é prescindível
 Mais espacialidade menos compartimentação
 Mais versatilidade por menos rigidez
 Mais variação por menos estaticidade
 Mais heterogeneidade por menos repetição”

“Do espaço digno ao espaço estimulante
 Do espaço normalizado ao espaço personalizado
 Do espaço artesanal ao tecnológico
 Do espaço em série ao diversificado
 Do espaço tipo ao espaço múltiplo
 Do espaço mecânico ao espaço múltiplo”

Manuel Gausa, Diccionario Metapolis
 arquitectura avanzada (Barcelona: ACTAR, 2001).



“Rua do Heroísmo, 333”, potenciação das novas salas de ensaios..

Redistribuição de solos e salas

A operação de redistribuição dos espaços seria efectuada com o mesmo princípio do plano da Baixa Pombalina. Focando em três princípios, propriedade, sistema construtivo, e relação urbana.

A já apontada reedificação das salas em espaço semelhante, refere-se às características específicas das parcelas que possuem um ou mais vãos para o exterior. Para além desta será ainda necessário respeitar as áreas e os volumes que cada parcela possui.

No plano construtivo, impera a resolução da questão acústica. No mercado existem várias soluções para a resolução do problema, e o relatório da InAcoustics feito para o actual “CCStop” fornece os dados necessários para a execução das novas paredes.

A relação urbana é feita entre os limites exteriores da parcela com seus respectivos acessos e espaços comuns, as ruas e as praças.

Existem ainda os casos específicos, programas que já existem no actual edifício e cuja re-colocação específica os pode potenciar, como é o caso do “Metalpoint” e do café “Vitamina”.

No corpo onde anteriormente se encontrava a “Garagem Austin”, procuraremos manter a organização actual dos espaços. Os músicos desenvolveram nesta zona modos de apropriação do espaço e de relacionamento com o exterior que não queremos perder. Os que forem forçados a a recolocação serão colocados em zona que possibilite a manutenção dos espaços desenvolvidos na Ocupa(ção).

Já no corpo posterior, procuraremos que se organizem em núcleos de módulos que pré-definem as possibilidades de ocupação. A planta desta zona será mutável e adaptável às necessidades dos músicos.

Os módulos ocupam os espaços entre os pilares, e organizam-se em de unidades à sua divisão modular. Desta forma será possível que um grupo de 80 pessoas possua uma sala com as dimensões que necessita, enquanto um estudante possa ter um pequeno estúdio onde para ensaiar.

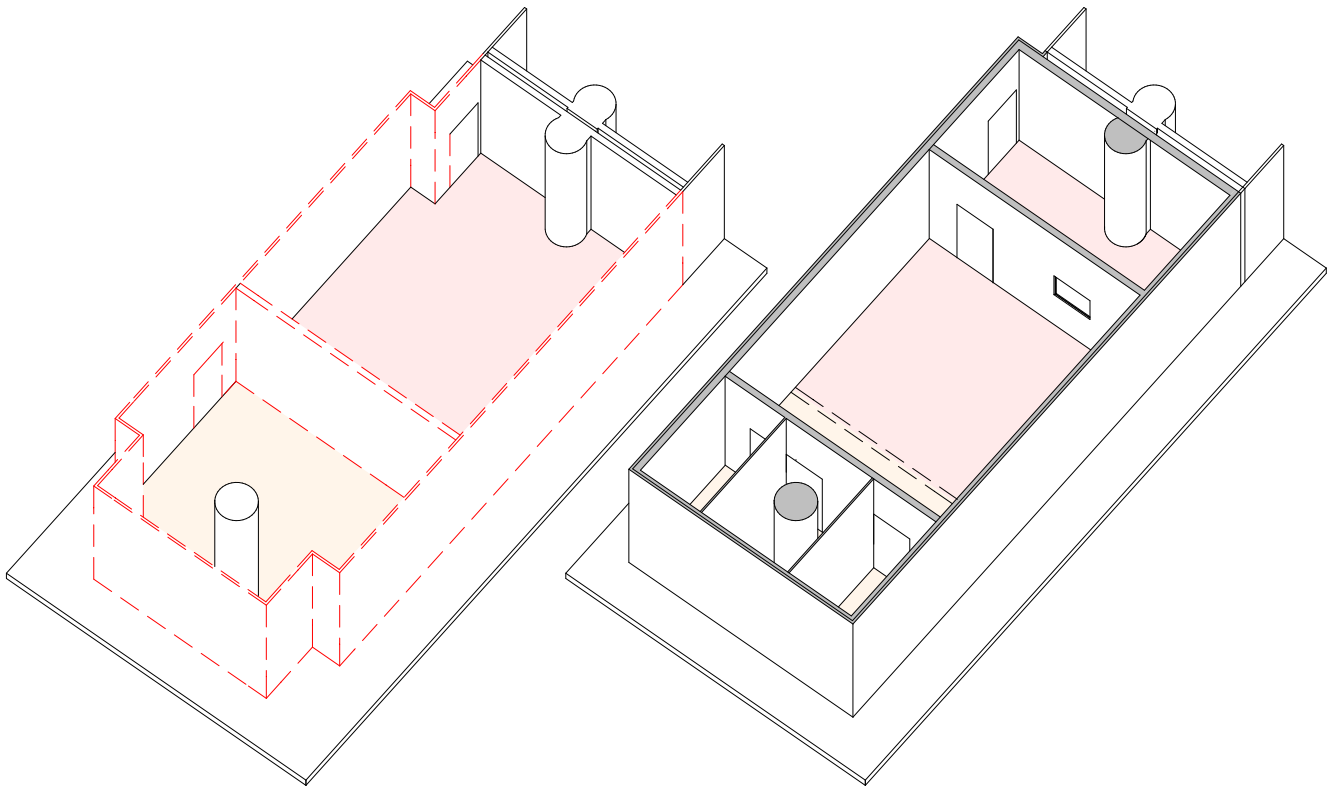
Este sistema pode ser viabilizado através do mesmo sistema utilizado no CAAA, a construção rápida e económica, sem necessidade da intervenção de várias equipas de construção. A opção poderá passar, tal como nesta referencia, pela utilização de placas de OSB com isolamento acústico no centro. Estas poderão ser fixadas aos eixos pré definidos que definem as variantes do módulo.

Uma banda que necessite de uma sala grande poderá juntar várias salas, pagando renda a vários proprietários.

Um proprietário que tenha uma sala de grandes dimensões poderá dividir a mesma em várias partes e arrendar a vários inquilinos.

existindo capacidade para mais lojas estas passaram para a alçada da Administração.

Modos de gestão



Substituição das montras de video por sistemas de isolamento acústico

regularização do polígono desta

Optimização da fracção

Mais área

Mais possibilidades

Alteração das salas

Criação de espaços novos

Régie

Convívio

Arrumos independentes

Vitamena
Carácter urbano
Recolocação contacto com o exterior. Lojas 19, 20, 23

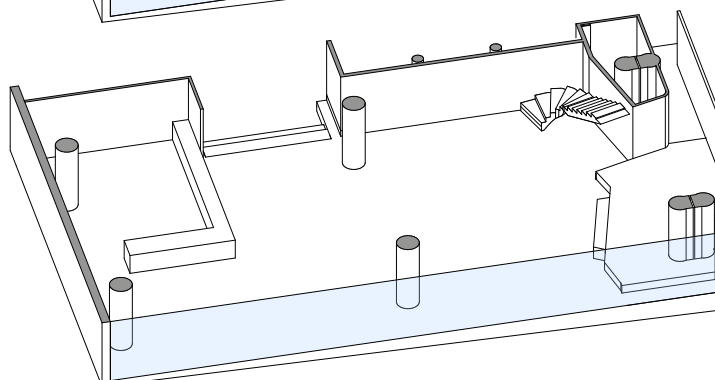
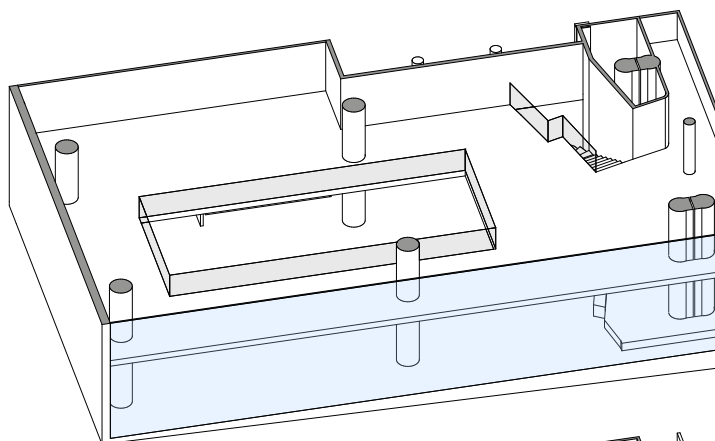
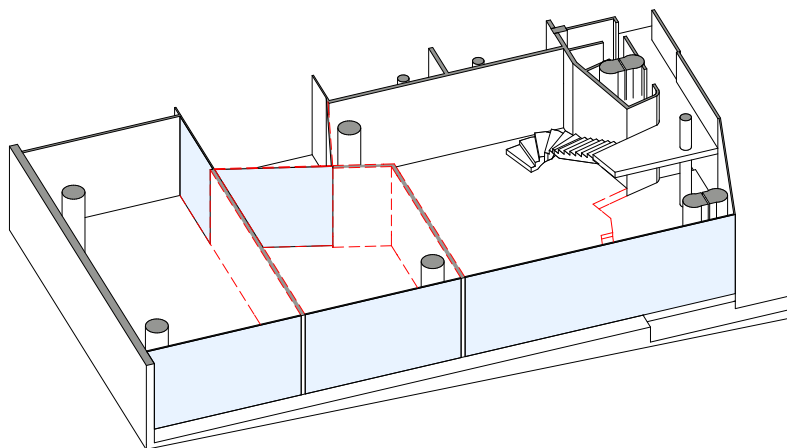
Café/ Snack bar/ Palco

Manutenção de espaço de concertos

Esplanadas interior e exterior

relação para a rua e para o edifício

armazém



Reconversão das lojas 21, 22 e 23
para acolher o Bar "Vitamena"

Metalpoint
Pela periodicidade da sua programação
Seria recolocado na sala 2 do cinema

38% de mais área

seria possível ter backstage

bar na zona posterior do cinema

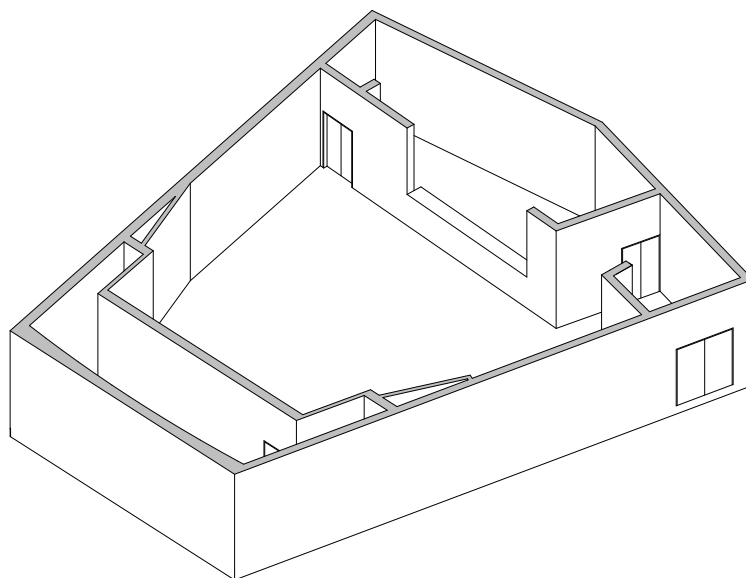
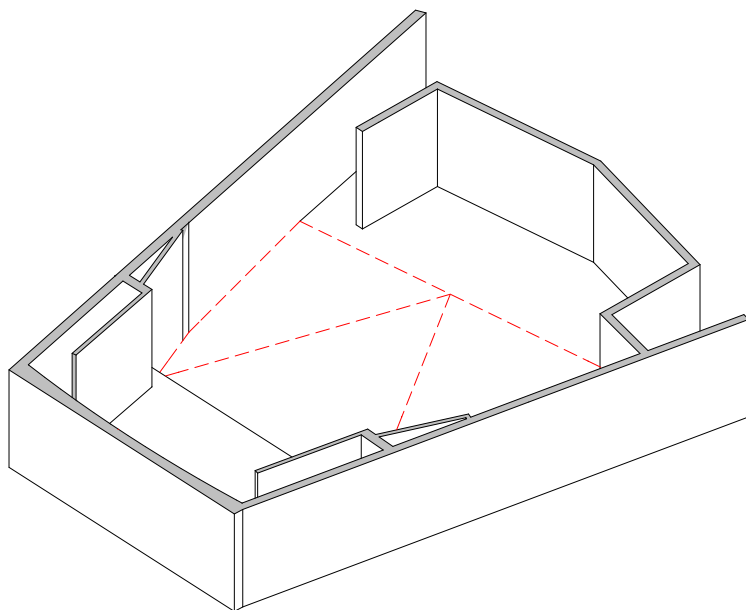
Alterações

segurança

entrada dedicada nas laterais

remoção das cadeiras

particionamento com elementos
de construção rápida



Alteração da Sala 2 dos Cinemas
Stop para acolher o "Metalpoint"

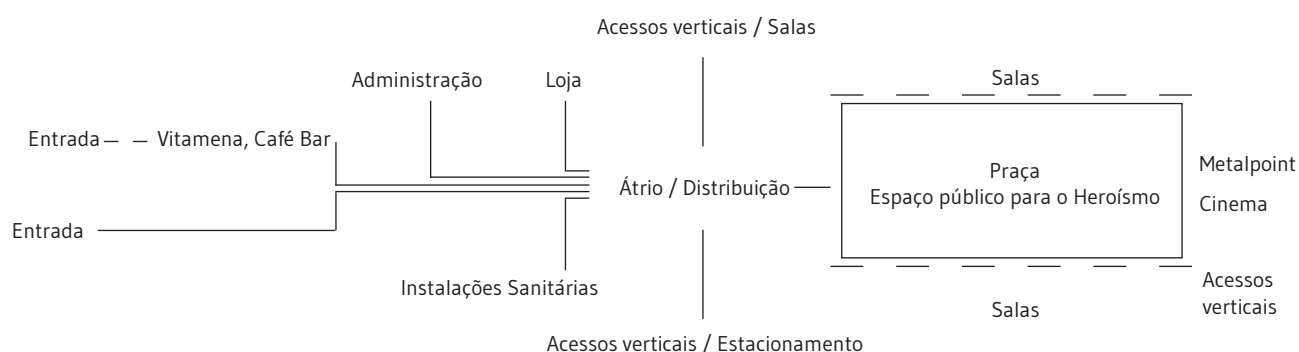
Espaços comuns, redefinição da circulação e nova concepção espacial.

A reflexão proporcionada através do texto *SinPlanta*⁹⁹ de Frederico Soriano, mostra-nos ainda algumas soluções, que permitem relacionar os vários pisos do edifício, através dos mecanismos propostos. Desta, recuperamos a Villa Meyer, a utilização da rampa, a ligação entre os vários pisos, e associamos o novo sistema de circulação a uma nova atmosfera espacial.

A rampa associa as duas partes do edifício e cria, um elemento de separação entre os dois corpos, e um espaço aberto, propício à partilha, à comunicação, ao encontro. É nossa intenção, que este encontro se traduza uma atmosfera, própria do nosso caso de estudo, mas que ligamos à situação encontrada na FAU-USP¹⁰⁰. Nesta obra de Vilanova Artigas, o átrio é definido pelo vão entre as salas de aula, e a urbanidade que este espaço possui.

Sustentamos o nosso sentido, de transformação urbana, no interior do edifício, através da passagem de Soriano, “a coesão de todos os elementos que intervêm na definição espacial, que na modernidade se estabelecia como um jogo livre de forças abstractas, volta-se agora sobre um objecto, ou um lei, alheias ao edifício. Reconhece-se a necessidade de uma ordem exterior, e primitiva, com origem na nostalgia de uma “arquitectura centrada”. A independência do espaço é trocada pela referencia necessária, a um valor externo e estável, que tem sido necessário reinventar, pois foi esquecido. O espaço adquire agora a sua condição unitária quando se relaciona com o que está fora de si, com o urbano, com a condição volumétrica. Os eixos verticais enlaçam os vários níveis e acabam por criar praças urbanas dentro dos edifícios.”¹⁰¹.

Estas praças serão espaços privilegiados não apenas para o convívio para a ocupação, quer de estruturas temporárias, quer como espaço para albergar performances que os cinemas não tenham capacidade de acolher.

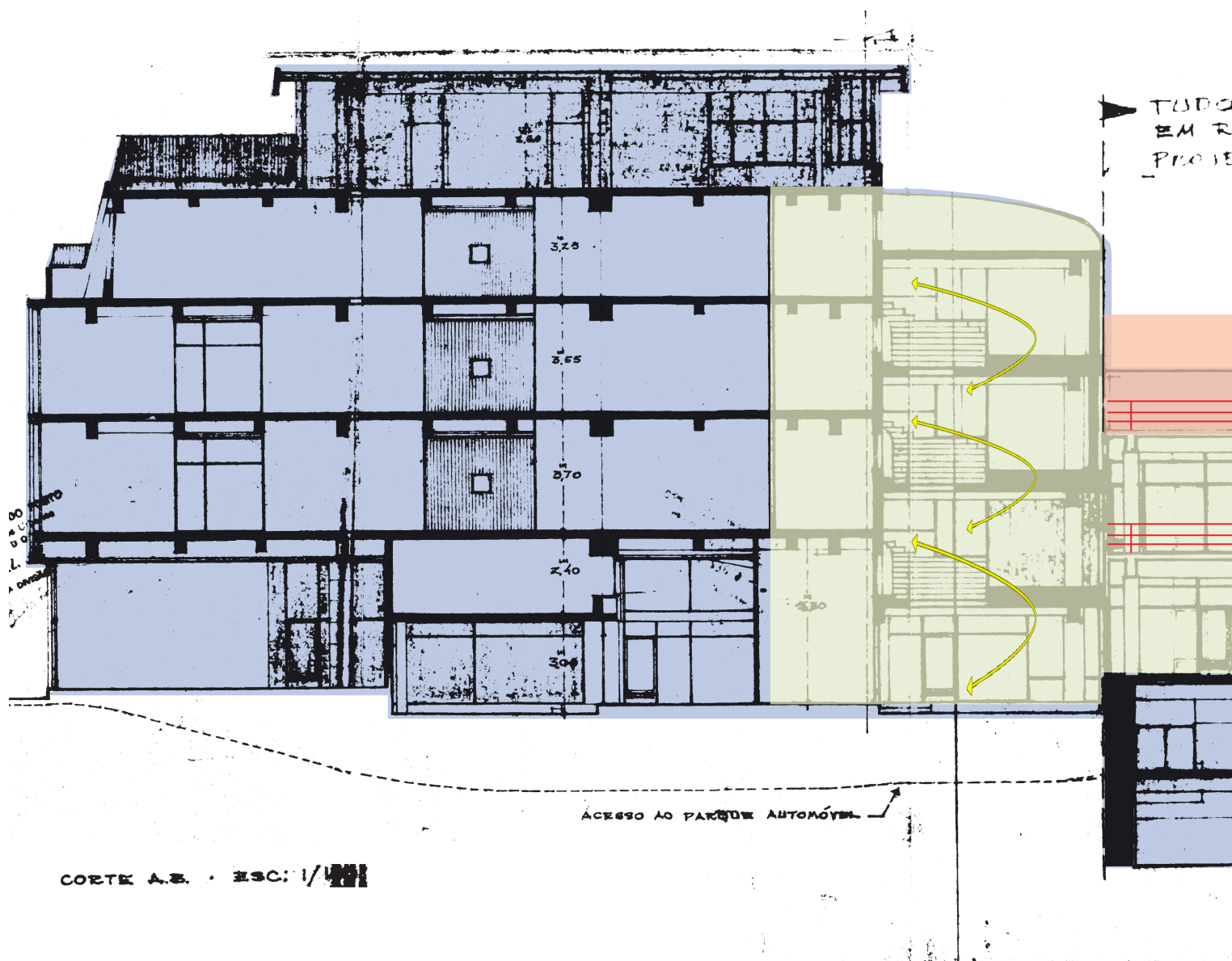


99 Soriano, Sin Tesis, 95–125.

100 Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

101 Soriano, Sin Tesis, 113.

: J. J. CONÇALVES, SUCRS, C.I., S.A.R.L.

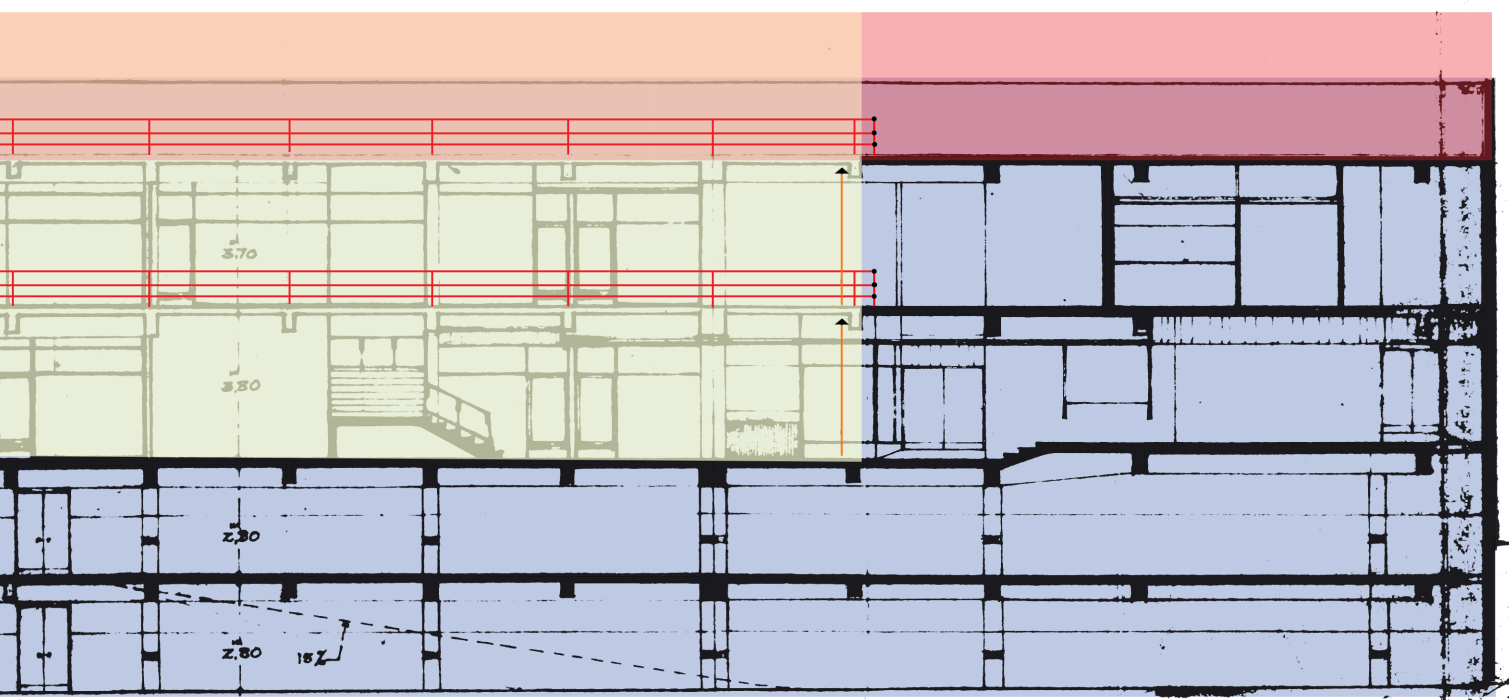


a) Corte AB.

Abertura de vãos entre os vários pisos

Ampliação do corpo posterior para acolher as novas salas.

NOVO
ECLAZAO
ELTO INICIAL



0 5m 10m

Revitalização urbana

A mudança de registo de centro comercial abandonado para “CCStop” espaço de experimentação trouxe à zona do Heroísmo um conjunto novo de utilizadores que com alguma periodicidade passam a usar os serviços da zona.

Se por um lado, um edifício novo poderá ter o efeito Casa da Música no Heroísmo, e provocar uma alteração na postura dos proprietários das habitações, não podemos ter garantias que seja uma recuperação do “CCStop” que transforme esta zona da cidade. Contudo a criação de alguma urbanidade acabará por provocar a médio prazo alterações na zona.

Os acontecimentos recentes, fazem-nos esperar que surjam por parte do investimento do privado, propostas semelhantes à “Disneyficação” do Centro do Porto¹⁰², e a intervenção no Quarteirão das Cardosas. Abordagens à reabilitação cujo o interesse vai de encontro ao lucro das imobiliárias “em detrimento de um processo de (re)alojamento participado, isto é, “feito à medida” dos velhos e novos cidadãos do centro”¹⁰³.

Será sempre necessário o acompanhamento de um projecto deste tipo com um atitude semelhante à dos habitantes de Svartlamoen que “tomaram o controlo da zona e imediatamente prepararam um novo plano de desenvolvimento. Deste modo, protegiam os seus interesses e podiam estabelecer as premissas para futuros desenvolvimentos.”¹⁰⁴.

Não sendo a legitimação do nosso caso de estudo garantia da melhoria dos espaços da cidade, torna-se necessário que exista também uma operação de beneficiação das habitações. A ocupação do “CCStop” forneceu-nos um modelo de reabilitação de espaços abandonados. O “CCStop” é um microcosmos de cidade. Sendo necessário (re)habitar a cidade, torna-se necessário utilizar o modelo desenvolvido pelo CCStop, ocupar as habitações e seguir o mesmo processo, Ocupa(ção), legitimação e projecto, conseguir a reabilitação da cidade.

102 “Revista Punkto: A Cidade, Entre o Efeito Barcelona e o Efeito Bilbao. Nuno Grande.”

103 Ibid.

104 Martin Braathen, “Sobre El Punk y La Obra de Brendeland y Kristoffersen Arkitekter.”



CONSIDERAÇÕES FINAIS,

Na sua vertente actual o O CCStop, apresenta dois caminhos que são o reflexo das pessoas que o usam. Por um lado parece não conseguir passar de uma incubadora de bandas, por outro existe vontade de evoluir para o nível em que se torne numa instituição ligada à experimentação e criação, à imagem de outras que referimos.

Alguns dos vários dos vários projectos que apresentamos são de fácil execução. A reparação dos sanitários, um maior controlo/cuidado com as instalações eléctricas de cada uma das fracções, e mesmo a colocação de alguns bancos nos espaços de circulação, que permitiriam que se fomentasse nestes espaços algum convívio/partilha. É preciso notar estas medidas centram-se apenas numa visão a curto prazo para o CCStop.

A investigação levada a cabo fez-nos concluir que não só é possível, como é viável apontar uma actuação no “CCStop”.

Para além das situações acima apontadas, existe por parte dos músicos a preocupação na resolução dos problemas acústicos. Se na resolução desta adicionarmos a redefinição dos limites e materiais da fracção podemos otimizar o tratamento acústico, e fracção a fracção iniciar o processo de beneficiação do edifício.

Perante os obstáculos encontrados, a inexistência de fundos, a desorganização das salas e espaços alugados, propomos que seja criada a “Associação de Músicos do CCStop”, que organiza eventos que permitam a obtenção de fundos para o melhoramento dos espaços. E ainda, para que possa gerir as salas desocupadas, e fomentar uma melhor gestão das necessidades dos músicos e as salas que estes ocupam.

A optimização destes espaços, provocariam um melhor rendimento dos músicos no seu trabalho, no processo criativo, criando mais possibilidades que o seu trabalho tenha sucesso e se transforme em dividendos.

Agora, basta-nos comunicar à comunidade “CCStop” o nosso projecto, a nossa visão para o seu espaço, atingir o último passo legitimar a sua ocupação. A partir desta legitimação do edifício, também o nosso trabalho, e a nossa postura perante um arquitecto proponente é legitimada.

NOTAS DE LEITURA

O texto aqui apresentado não segue as regras do “Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. A escolha deve-se à fase de adaptação a que o autor se encontra, apesar de já se encontrar estabelecida nos meios normais de comunicação. Assim, e de forma a facilitar a leitura e a elaboração do trabalho, foi decidido adoptar as regras anteriores a este acordo.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ENTREVISTAS

Canha, Anselmo. Conversa com Anselmo Canha., February 26, 2013.

———. Segunda conversa com Anselmo ., May 19, 2013.

Carlos Freire. Entrevista com Carlos Freire, Chefe dos Seguranças do “CCStop”. Texto, April 3, 2013.

Celeste Bandeira, Rogério Soares, e João Carvalho. Entrevista com Rogério, João, músicos e Celeste, utilizadora., July 4, 2013.

Daniel Pires. Entrevista com Daniel Pires, proprietário e gestor do Espaço Maus Hábitos. Texto, June 28, 2013.

Hugo. Entrevista com Hugo, músico e proprietário do “Metalpoint”. Texto, June 11, 2013.

Jorge Porto. Entrevista com Jorge Porto, Mestre do grupo Batucada Radical. Texto, June 13, 2013.

Kiko Brandão. Entrevista com Kiko Brandão, músico. Texto, March 25, 2013.

Lacerda, Ruca. Conversa com Ruca, músico e produtor., August 12, 2013.

Mafalda. Entrevista com a Mafalda, música e estudante de arquitectura., July 4, 2013.

Mamaqueen. Entrevista com os Mamaqueen, banda com espaço no “CCStop”. Texto, March 25, 2013.

Nicola Henriques. Conversa com Nicola Henriques, gestor e dinamizador do espaço “Silos.CR”. , April 2013.

Nuno Cramês. Entrevista com arquitecto Nuno Cramês, músico e arquitecto responsável pela legalização do “CCStop”. , April 16, 2013.

Nuno Mendes. Entrevista com Nuno Mendes, produtor. Texto, March 25, 2013.

Renato, Pedro e Márcio. Entrevista com os “OliveTreeDance”, projecto com espaço no “CCStop”. Texto, March 25, 2013.

Ricardo Areias. Entrevista com Ricardo Areias. Texto, July 9, 2013.

———. Entrevista com Ricardo Areias, arquitecto e co-gestor do CAAA. Texto, July 9, 2013.

Ruca Lacerda. Conversa com Ruca, músico e produtor., March 2, 2013.

Rui. Entrevista com Rui, músico e produtor., February 3, 2013.

Tiago Alves. Conversa no CCStop com Tiago Alves, estudante de design., May 23, 2013.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anselmo Canha. StopNonStop: Contextos Independentes de Produção Criativa e Os Seus Processos de Permuta Com a Organização Social: o Caso Do Centro Comercial. Faculdade de Belas Artes Universidade do Porto. Porto, 2008.

———. StopNonStop: Contextos Independentes de Produção Criativa e Os Seus Processos de Permuta Com a Organização Social: o Caso Do Centro Comercial. Faculdade de Belas Artes Universidade do Porto. Porto, 2008.

Aparicio, L. F.V. La Construcción de La Mirada: Tres Distancias. Universidad, Secretariado de Publicaciones, 2004.

Artur José Alves Patrão, António Pedro Oliveira de Carvalho, e do Porto. Universidade. "Caracterização acústica de salas de ensaio - estudo de casos." s. n., 2010.

Druot, Frederic, Anne Lacaton, e Jean-Philippe Vassal. Plus: la vivienda colectiva : territorio de excepción = les grands ensembles de logements : territoire d'exception = large-scale housing developments : an exceptional case. Barcelona: GG [Editorial Gustavo Gili], 2007.

Dubois, Sara María de Giles, e José Morales. "La Ciudad y Los Cuerpos." Pasajes de Arquitectura y Crítica no. 6 (1999): 36—.

Gregotti Vittorio. "Los Materiales de La Proyección." In Teoría de La Proyección Arquitectónica, by J. E. Cirlot e G. Canella. Gustavo Gili, 1971.

Rui Roda, e Mónica Corrêa Mendes. "Briefing do Exercício Principal de Projecto III, Curso de Design de Ambientes.," 2008.

Silva, A. Santos, e J. Madureira Pinto. Metodologia das ciências sociais. 6a ed. Biblioteca das Ciências do Homem. Sociologia. Epistemologia 6. Porto: Edições Afrontamento, 1984.

Soriano, F. Sin Tesis. Gustavo Gili, 2004.

BIBLIOGRAFIA

AIP-Foruns. "Apresentacao Silos." June 11, 2013. <http://www.slideshare.net/AIP-Foruns/apresentacao-silos>.

Alexandre Alves Costa. Guia de Arquitectura Moderna: Porto 1901-2001. Livraria Civilização, 2001. <http://books.google.pt/books?id=G3r-jPQAACAAJ>.

———. Porto 1901-2001 guia de arquitectura moderna. Porto: Porto 2001, 2001.

Artur Andrade. Licença 609/51, Bloco Na Rua Latino Coelho. 2 vols. Porto, n.d.

Deleuze, G., F. Guattari, e A. A Muñoz. Que é a Filosofia?, O. Editora 34, 2007. <http://books.google.pt/books?id=dasqOI2IfB8C>.

Devesa, R., e M. Gausa. Otra Mirada: Posiciones Contra Crónicas: La Acción Crítica Como Reactivo En La Arquitectura Española Reciente. Editorial Gustavo Gili, S.A., 2010. <http://books.google.pt/books?id=7wV-AbwAACAAJ>.

Druot, Frederic, Anne Lacaton, e Jean-Philippe Vassal. Plus: la vivienda colectiva : territorio de excepción = les grands ensembles de logements : territoire d'exception = large-scale housing developments : an exceptional case. Barcelona: GG [Editorial Gustavo Gili], 2007.

Dubois, Sara María de Giles, e José Morales. "La Ciudad y Los Cuerpos." Pasajes de Arquitectura y Crítica no. 6 (1999): 36–.

Edite Maria Figueiredo e Rosa. ODAM : Valores Modernos e a Confrontação Com a Realidade Produtiva / Edite Maria Figueiredo e Rosa. Vol. 2. Barcelona: Escuela tTcnica Superior de Arquitectura, 2005.

"Editorial. Reciclaje." Pasajes de Arquitectura y Crítica no. 67 (2005): 3.

Fernandes, F., M. Cannatà, e A. Tostões. Guia Da Arquitectura Moderna: Porto, 1925-2002. Edições Asa, 2003. <http://books.google.pt/books?id=QulrAQAACAAJ>.

Gausa, M. "LINKS. Correr y Volar : Hacer (y Difundir) La Arquitectura Hoy." Pasajes de Arquitectura y Crítica no. 8 (1999): 30–.

José Ballesteros. "Editorial. Absorciones." Pasajes de Arquitectura y Crítica no. 72 (2005): 3.

José Pedro de Galhano Tenreiro. O Grupo ODAM : Organização Dos Arquitectos Modernos : a Construção Do Racionalismo Portuense / José Pedro de Galhano Tenreiro ; Prof. Responsável Domingos Tavares. Porto: FAUP, 2008.

Lacaton, A., J. P. Vassal, P. Goulet, France) Cité de l'architecture et du patrimoine (Paris, I. Ruby, A. Ruby, e Lacaton & Vassal. Lacaton & Vassal.

X [i.e. HYX], 2009. <http://books.google.pt/books?id=5h4-QwAACAAJ>.

Maria Luís Neiva. "Contentor e Conteúdo. Interseções Entre Museologia e Arquitetura. CAAA Centro Para Os Assuntos Da Arte e Arquitectura." Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, May 10, 2013.

Martin Braathen. "Punk y Arquitectura. Viviendas En Trondheim, Noruega. Brendeland et Kristoffersen Arkitekter." *Pasajes de Arquitectura y Crítica* no. 72 (2005): 34.

———. "Sobre El Punk y La Obra de Brendeland y Kristoffersen Arkitekter." *Pasajes de Arquitectura y Crítica* no. 72 (2005): 38.

Montoya, Paula, e Miguel Barahona. "Peter Smithson. La Arquitectura de La Experiencia." *Pasajes de Arquitectura y Crítica* no. 7 (1999): 36–.

PASAJES Nº 72. PUNK Y ARQUITECTURA (PERRAULT, GONZALEZ VIGIL, MACHADO+LOURENÇO, BRENDLAND+KRISTOFFERSE | AA.VV., 2013. <http://www.naoslibros.es/libros/pasajes-no-72-punk-y-arquitectura-perrault-gonzalez-vigil-machadolourenco-brendelandkristofferse/XXXX-00104271>.

Pedro Soares da Silva. *Obra e Vida de Artur Andrade*, Dissertação de Licenciatura Em Arquitectura e Urbanismo Apresentada à Faculdade de Ciencias e Tecnologia Da Universidade Fernando Pessoa. 2 vols., 2008.

Prélorenzo, C., O. Seyler, e J. L. Cohen. *La Recherche En Architecture: Un Bilan International: Actes Du Colloque "Rencontres, Recherche, Architecture,"* Marseille, Nancy, Nantes, Paris, 12-13-14 Juin 1984. Parenthèses, 1986. <http://books.google.pt/books?id=sACIQYDTGTYC>.

Presente y futuros: Arquitectura en las ciudades. Comitè d'Organització del Congrés UIA Barcelona 96, 1996.

OUTROS DOCUMENTOS

Diário Da República, 1.a Série — N.º 250 — 29 de Dezembro de 2008, n.d.

Eugénio Alves Sousa. Licença 170/49, "Garagem Austin". Vol. 1. 1 vols. Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto. Porto, 1949.

———. Licença 294/80, Centro Comercial Stop. 9 vols. Arquivo Geral da Câmara Municipal do Porto. Porto, 1980.

Fundação Casa da Música. "Relatório Anual de Actividades & Contas," 2011.

InAcoustics. Centro Comercial Stop, Rua Do Heroísmo, Porto — Projecto de Condicionamento Acústico. Maia, July 6, 2011.

"Antigos Silos Nas Caldas Da Rainha Transformados Em Viveiro de Criatividade Para Artistas | Região de Leiria." Accessed August 28, 2013. <http://www.regiaodeleiria.pt/blog/2010/08/16/antigos-silos-nas-caldas-da-rainha-transformados-em-viveiro-de-criatividade-para-artistas/>.

CAAA. "CAAA /missão : CAAA Centro Para Os Assuntos Da Arte e Arquitectura," 2012. http://www.centroaaa.org/index.php/apresentacao_.

———. "CAAA /press : CAAA Centro Para Os Assuntos Da Arte e Arquitectura," 2012. <http://www.centroaaa.org/index.php/press>.

Colectivo RUA. "Colectivo RUA." Accessed August 16, 2013. <https://www.facebook.com/COLECTIVORUA/info>.

"Fábrica Do Braço de Prata." Accessed July 8, 2013. <http://www.bra-codeprata.net/FBP.shtml>.

Fundação Casa da Música. "A Casa." Accessed August 1, 2013. <http://www.casadamusica.com/CDMHouse/default.aspx?channelID=9A288486-0E99-432A-AE33-471B7A5A9B09&id=74FA3DE2-1D4F-4F90-97B6-745DBEE35CC5&l=9A288486-0E99-432A-AE33-471B7A5A9B09&contentChannelID=3A3A2AE3-091B-44AC-A6A4-AE29706DD9B3>.

Fundação Casa da Música. "Stopestra! | Concertos Para Todos." Accessed September 24, 2013. http://www.casadamusica.com/CulturalAgenda/event_detail.aspx?idShow=19AC22FB-3E0E-41A3-8ADD-5DD44C2506BD&channelID=D942065E-C2D3-4D5B-BD96-C213BE6C9429&contentID=1FC63ED6-96F4-4616-9062-EF4FD805C7C6&leftChannelID=D942065E-C2D3-4D5B-BD96-C213BE6C9429.

"Gazeta Das Caldas » Bazar à Noite Vai Animar Praça Da Fruta." Accessed August 28, 2013. <http://www.gazetacaldas.com/32412/bazar-a-noite-vai-animar-praca-da-fruta/>.

"Incêndio No Centro Comercial STOP Faz 3 Vítimas Ligeiras | Porto24." Accessed August 18, 2013. <http://porto24.pt/porto/25062012/incendio-deflagra-no-centro-comercial-stop/>.

Joaquim Moreno. "O Centro 'sexy' Ou Nova Iorque No Minho | Jornal Arquitectos." Versão digital do Jornal Arquitectos. O Centro "Sexy" Ou a Nova Iorque No Minho, 2013. <http://www.jornalarquitectos.pt/o-centro-sexy-ou-nova-iorque-no-minho/>.

NAAA. "CAAA : Naaa - Neiva + Areias Arquitectos Associados," 2012. <http://www.naaa-arq.com/index.php?/institutional/caaa-/>.

O Espaço do Tempo. "Apresentação." Accessed July 4, 2013. http://www.oespacodotempo.pt/pt/esp_tem.php?idpan=conceito.

———. "Historial." Accessed July 4, 2013. http://www.oespacodotempo.pt/pt/esp_tem.php?idpan=historial.

"Revista Punkto: A Cidade, Entre o Efeito Barcelona e o Efeito Bilbao \ Nuno Grande." Accessed September 11, 2013. <http://www.revistapunkto.com/2013/04/a-cidade-entre-o-efeito-barcelona-e-o.html>.

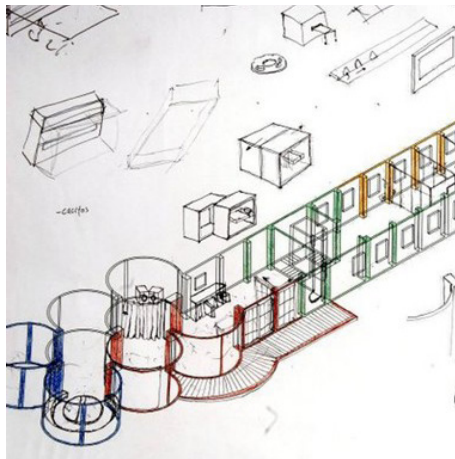
"UP - Festival 'Future Places' Regressa Ao Porto." Accessed September 24, 2013. http://sigarra.up.pt/up/pt/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=7699.

FONTES DE IMAGENS

As imagens não indexadas foram produzidas pelo autor.

- 28 a) b) c) Arquivo da Histórico da CMP
- 29 a) b) c) Arquivo Histórico Municipal do Porto.
- 29 d) Panorama, Revista de Arte e Turismo, 1941.
- 30 a) b) c) Arquivo Histórico Municipal do Porto.
- 30 e) José Manuel Pagés y Madrigal
- 31 Arquivo Urbanístico da CMP.
- 32 Arquivo Urbanístico CMP.
- 33 a) b) Arquivo Urbanístico CMP.
- 34 a) Le Corbusier, 1914. Fondation Le Corbusier.
- 34 b) Le Corbusier, Vegap.
- 38 Arquivo Urbanístico CMP e Arquivo histórico
- 39 Arquivo Urbanístico CMP e Arquivo histórico
- 40 d) e) Arquivo Urbanístico CMP e Arquivo histórico
- 41 a) Arquivo Urbanístico CMP
- 42 a) b) Arquivo Urbanístico CMP
- 44 a) Arquivo Urbanístico CMP
- 44 c) Carlos Castro
- 46 a) b) c) Anselmo Canha
- 48 Anselmo Canha
- 56 d) e) f) We Trust+Best Youth.
- 58 g) h) Anselmo Canha
- 66 b) c) Fundação Casa da Música, “Re-timbrar”.
- 68) b) d) Simulações com pinturas murais de Frederico Draw e Ilustração de Binau Coelho
- 76 a) d) Anselmo Canha
- 86 b)
- 89 a) Imagens das bandas, Anselmo Canha
- 137 Fotografia da “Garagem Austin”, Arquivo Geral da CMP
- 139 c) e) f) Silos.CR
- 141 a) b) Maus hábitos
- 142 a) Maus Hábitos
- 143 a) b) c) d) Maus Hábitos
- 145 a) b) c) d) NAAA, Arquitectos
- 147 a) NAAA, Arquitectos

ANEXOS



Nas Caldas da Rainha, a conversão de uma antiga estrutura de moagem e armazenamento de cereais deu lugar a uma estrutura que alberga hoje um conjunto de espaços destinado às chamadas indústrias criativas.

Esta iniciativa começou como um projecto de reconversão deste espaço no curso de Design de Ambientes da Escola Superior das Caldas da Rainha [ESAD.CR]. Mais tarde, em 2010/11, um dos elementos do grupo que desenvolveu o trabalho, o Nicola Henriques, conseguiu arrendar o espaço, passar do projecto à prática e assumiu o papel de dinamizador e gestor do espaço e dos protocolos que vão conseguindo estabelecer.

O projecto de transformação do espaço previu a criação de vários espaços, no rés do chão, do lado direito, na base dos cilindros dos silos, encontra-se a galeria de exposições. Do lado esquerdo uma sala com algum tratamento acústico, home made, paredes feitas em tábuas de madeira com lã de rocha no meio. Este espaço possuía uma grande sala e uma pequena regie, a sala grande serve como sala de concertos, conferencias e captação de som, para gravações, a acústica não era a ideal mas era muito aceitável.

No piso 1, lado direito um espaço de reuniões, e do lado esquerdo o espaço de co-working. Estes são os espaços mostrados no diagrama.

Nos pisos superiores estavam a ser algumas salas arranjadas. Numa delas estava a ser construída um atelier corpo humano para dança e performance.

Quando foi executado, começou por ter como objectivo ser um "um projecto "low cost" dirigido a antigos alunos da ESAD que pretendam iniciar a vida activa alugando espaços a preços reduzidos"¹ e os próprios ocupantes trabalharam nas obras de recuperação do espaço.

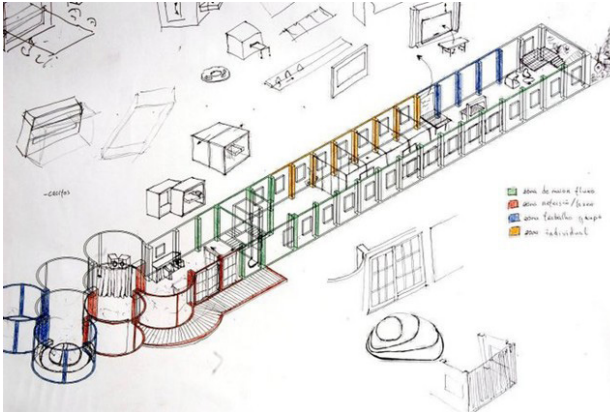
O espaço começou por ser arrendado pela quantia de 50 euros mensais com espaço de trabalho 20m², água luz e internet. Com a diminuição do poder de compra que adveio da crise os estudantes, o público alvo, começaram a não conseguir pagar a mensalidade dado que esta representava 10% dos seus gastos mensais.²

A diminuição de utilizadores levou a que fosse criado um protocolo com a ESAD de forma a receber os alunos e mais recentemente um protocolo com a Camara Municipal das Caldas da Rainha permite algum desafogo financeiro.

O protocolo com a ESAD.CR prevê que durante o período de mês e meio a um semestre sejam fornecidas 8 vagas para alunos da ESAD. Estas

1 "Antigos Silos Nas Caldas Da Rainha Transformados Em Viveiro de Criatividade Para Artistas | Região de Leiria."

2 Nicola Henriques, Conversa com Nicola Henriques.



- Da esquerda para a direita de cima para baixo
- a) Conjunto dos Silos
 - b) Nave sem transformação.
 - c) Esquema da transformação.
 - d) Sala de ensaio e conferencias com régie.
 - e) Espaço de trabalho.
 - f) Galeria de exposições.

vagas são conseguidas através da submissão de um projecto apresentado a um júri que dá o seu parecer sobre a viabilidade comercial do Projecto. Caso seja aceite, os alunos comprometessem-se a desenvolver o projecto durante o período acordado.

Por ser um polo ligado à criatividade acabou por atrair uma série de outros profissionais, um deles é o Marco Telmo Martins, divide a sua actividade entre a cenografia e o VJ/video mapping sobre as marcas de Tigre Anão Produções e Pixel Bitch.

No espaço dos Silos já funcionam várias empresas, para além do Tigre Anão existe ainda a Cliente Designer que procura divulgar e reencaminhar designers para empresas consoante as suas necessidades.

Para além dos “Silos.CR” encontram-se agregados outras partes que procuram dinamizar a cidade. A Associação Destino Caldas, e a Cr&ativa procuram através de vários eventos como foi o caso do Bazaar³ que procura mais do que animar educar e incutir espírito de urbanidade na cidade.



a) b) Salão Nobre

O Maus Hábitos, Espaço de intervenção cultural foi criado em 2001 no quarto piso do edifício Garagem Passos Manuel, no Porto, frente ao Coliseu do Porto. O edifício da Garagem foi concebido pelo Arquitecto Mário Abreu em 1943/45. Tal como a “Garagem Austin” também a este sofreu transformações no curso da sua existência. Apesar da sua função principal se manter apresenta-nos pistas para reflectir na transformação de um espaço existente para equipamento cultural ligado à experimentação.

Na sua abertura para além da função de Garagem acumulava ainda uma série de serviços, barbearia, tabacaria, que ainda hoje se mantém, zona de banhos públicos no primeiro andar, um alfaiate, representantes das marcas de automóveis, escritórios de advogados, escritório do director do Coliseu do Porto e na habitação um bordel⁴. Foi ainda escritório da Garagem Passos Manuel e teve ainda um laboratório de cosmética⁵ e antes de ser os Maus Hábitos, uma parte do piso, o Salão Nobre, serviu como espaço de ensaios dos GNR, estes desistiram da utilização do espaço devido ao estado de degradação que se encontrava. A contínua transformação foi algo essencial a sobrevivência do espaço. “O espaço foi redireccionado pelo espírito do tempo.”⁶.

A reabilitação deste espaço deu-se na altura da Porto 2001, o seu promotor Daniel Pires, fotógrafo que viu neste espaço o potencial de criar um espaço/serviço que enriquecesse o panorama cultural portuense. Estando consideravelmente degradado, Daniel Pires conseguiu entrar em acordo com a proprietária do espaço. As obras foram possíveis através da permuta do valor da renda pelo custo das obras. Através deste acordo de comodato foi possível investir cerca de 125 mil euros a renovação do espaço, foi mudado o chão, das paredes e das instalações eléctricas⁷.

Quando iniciou a actividade o propósito dos Maus Hábitos foi definido como propósito o intercâmbio cultural e definiu que os seus objectivos se-

4 Daniel Pires, Entrevista com Daniel Pires.
 5 Susana Branco e Rui Duarte Silva, “Copos e Cultura.”
 6 Daniel Pires, Entrevista com Daniel Pires.
 7 Susana Branco e Rui Duarte Silva, “Copos e Cultura.”

- 1 - Entrada
- 2 - Escritórios
- 3 - Salão Nobre
- 4 - Pátio
- 5 - Oficina
- 6 - Sala de Espectáculos
- 7 - Palco
- 8 - Bar
- 9 - WC Masculino
- 10 - WC Feminino
- 11 - WC Deficientes
- 12 - Sala de Exposições
- 13 - Regie
- 14 - Cozinha
- 15 - Sala Inwork
- 16 - Foyer
- 17 - Atelier de Serigrafia



a) Planta

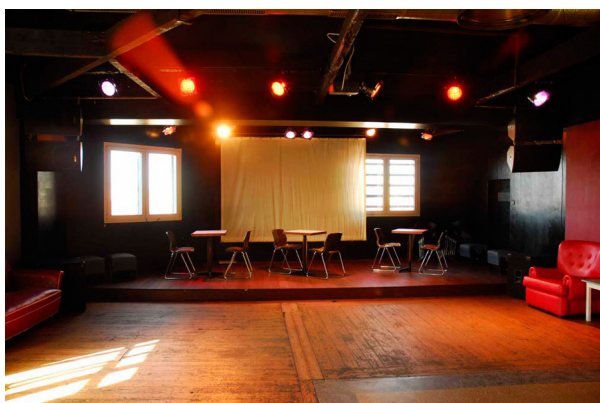
riam englobar, “três pontos essenciais: a cedência de espaço para ensaios e apresentações, a produção de eventos e conteúdos, e a formação.”⁸. Mesmo hoje o local aponta para um grande espectro de actividades, existe no seu programa consta música, cinema, teatro, dança e performance.

Após a abertura do espaço o seu dinamizador procurou que este fosse auto suficiente procuraram não depender de subsídios, o financiamento era feito através do aluguer dos espaços para “castings” e sessões de fotografia. As receitas do bar e os “art dinners” serviam para captar mecenases. Depois criaram uma associação sem fins lucrativos de forma a poder receber subsídios do estado. Na altura a entrada no concertos não era paga, a receita do bar pagava as actividades, no entanto não se tornou viável e foi forçado a alterar a estratégia de gestão. “A vertente de bar pelo qual o espaço é conhecido foi imposta pela necessidade monetária: “A ideia nunca foi ter lá um bar, mas sim um espaço para ter produção”.⁹

Em 2004, altura em que a situação financeira não estava favorável, surgiu um sócio, Mário Canijo que injectou capital e evitou que o espaço fechasse portas.¹⁰ Em 2008 Daniel assumiu que é venda de álcool e o funcionamento como bar que paga as contas e que se pudessem trocar a actividade nocturna pela diurna o fariam.¹¹

À data os Maus Hábitos continuam a ser um espaço para a cultura que diariamente luta para sobreviver, continua a apoiar-se nas três vertentes da actividade com que começou, “ao longo de oito anos de trabalho é pos-

8 “Apresentação.”
 9 Ana Cristina Pereira, “Maus Hábitos Ou Nem Por Isso...”
 10 Susana Branco, “A Arte Dos Maus.”
 11 Ana Cristina Pereira, “Maus Hábitos Ou Nem Por Isso...”



sível formar uma ideia do lugar que o Maus Hábitos pode ocupar numa cidade como o Porto, oferecendo um espaço excepcional para a mostra de eventos das mais diversas áreas da vida cultural”¹².

- a) Pátio
- b) Galeria de exposições
- c) d) Sala de concertos

A experiência dos Maus Hábitos é relevante para entender de que forma pode um espaço sobreviver durante doze anos no Porto de forma relativamente auto-suficiente. Não podemos deixar de recordar que embora a baixa estivesse esquecida na altura da inauguração deste espaço na última década tornou-se o local para onde se movem as massas e eventos como o ALTA/baixa em que o bar Passos Manuel, os Maus Hábitos e o Pitch se juntam numa joint venture de uma noite que dinamiza a rua de Passos Manuel.

O espaço dos Maus Hábitos continua a ter a Casa no quinto piso, sendo a actividade menos visível revela-se a parte mais importante do projecto. Actualmente é aqui que são hospedados artistas em residências artísticas, estes são acolhidos em quartos-atelier onde desenvolvem os seus trabalhos, estas têm criar/manter ligações com projectos semelhantes em cidades da Europa¹³.

A realidade do “CCStop” pode à partida parecer mais complexa, no entanto com uma abertura semelhante pode ser possível dinamizar o espaço da danceteria, o programa não será para fazer concorrência aos Maus Hábitos, mas como complemento das necessidades do CCStop.

¹² “Apresentação.”

¹³ Roterdão (projecto MORGEN), Barcelona (Feira NEW ART) ou Hannover (projecto TRANS_HÁBITOS) in Ibid.



- a) CAAA, obras, colocação dos prumos de pinho e dos tabiques.
- b) CAAA, sala de dança/ensaio.
- c) CAAA, Arrumos

ANEXO I

REFERENCIAS. O CAAA EM GUIMARÃES^{14 15}



a) CAAA, Edifício encontrado.
b) CAAA, Limpeza.
c) d) CAAA, obras, colocação dos prumos de pinho e dos tabiques.

Apresentação

O CAAA em Guimarães, é um espaço que tem como objectivo “apoiar e estimular a criação artística e a aplicação de novos métodos de produção, promovendo a interacção entre as mais diversas áreas de manifestação artística (...) e arquitectura.”¹⁶ Ocupa uma antiga fábrica textil, esta foi recuperada para acolher as novas funções. Neste projecto interessa-nos a operação de projecto, na transformação de um espaço/pavilhão, em equipamento com uma utilização de largo espectro.

O projecto foi ao mesmo tempo criação de espaço e de modelo de funcionamento.

O projecto foi feito por Maria Neiva e Ricardo Areias [NAAA] e o programa previa a transformação para um centro cultural com galerias de exposição, ateliers, oficinas, sala de ensaio e blackbox. Segundo Maria Luís Neiva em Nova Iorque encontraram os exemplos de cooperativas de artistas onde pessoas de várias áreas produzem os programas.

Construção

O edifício encontrava-se abandonado à 8 anos. A construção foi bas-

14 Exeptuando os casos referenciados os dados existentes, nos primeiros três paragrafos foram recolhidos na conferencia de Maria Luís Neiva, “Contentor e Conteúdo. Interseções Entre Museologia e Arquitectura. CAAA Centro Para Os Assuntos Da Arte e Arquitectura.”

15 Exeptuando os casos referenciados os dados existentes, do quarto parágrafo em diante foram recolhidos entrevista com Ricardo Areias, Entrevista com Ricardo Areias.

16 CAAA, “CAAA /missão : CAAA Centro Para Os Assuntos Da Arte e Arquitectura.”



a) b) CAAA, Instalações Sanitárias

tante rápida, cerca de três meses, e económica. Inicialmente procuraram desenhar todos os pormenores do projecto a ser realizado. Inclusive, um dos colaboradores elaborou todos os desenhos “conforme os preceitos da escola”. As várias escalas, Os pormenores, as portas e janelas pivotantes, e os sistemas de tabique em gesso cartonado.

Com a entrada em obra e a procura de controlo de custos começaram por reduzir drasticamente o número de equipas existentes em obra. As equipas que permaneceram mais tempo foram a de carpintaria, electricistas e canalizadores, em vez de trolhas, serralheiros e técnicos de gesso cartonado.

Todo o grosso da construção foi feito em placas de OSB com lã de rocha no meio e com prumos em pinho. É um material barato que no curto tempo de vida do CAAA não mostrou ainda fragilidades. Foi utilizado em todas as situações, dos escritórios às instalações sanitárias.

Os vãos foram fechados com caixilhos de perfil metálicos T. No entanto em vez de massa de vidraceiro, como na construção “tradicional” acabaram por utilizar silicone que acabou por cumprir os mesmos fins sendo menos oneroso.

A instalação eléctrica foi feita da forma mais simples possível, em cada parede longitudinal correram uma esteira para redes e comunicações. Nestas são colocadas todas as cablagens, luminárias, sinalética de emergência, tomadas eléctricas e de rede, *routers* e demais aparelhos eléctricos que sejam necessários.

Este sistema de cesteiras possui uma grande capacidade de alteração, os objectos são colocados nas esteiras o que precisasse de ser colocado ou retirado seria possível de fazer com a utilização de cintas de plástico de custo muito baixo e de fácil instalação/remoção.

Mecenato e improvisação

Na construção houve uma grande ajuda por parte de um conjunto de mecenas que permitiram reduzir os custos do espaço/re-direccionar para outros gastos o dinheiro.

Na re-construção do CAAA parte do material foi oferecido por parte dos mecenas, este factor acabou por definir que fossem escolhidos os segmentos mais económicos do material. Grande parte do material de luminária foi oferecido pela “Spectrolux”, o material eléctrico pela JMM. O mesmo aconteceu com a louça de sanitários que foi oferecida pela “Sanitana”, os pavimentos de algumas partes, escritórios e sanitários foram resolvidos com um auto-nivelante também foram oferecidos por uma empresa da região, era material que estava fora de validade mas ao qual foi feita triagem. A fachada foi pintada com tintas Barbot que foram compradas mas as plataformas elevatórias foram emprestadas por uma empresa da região. A lã de rocha que se encontra dentro das placas de OSB foi oferecida pela “Termolan”.



a) CAAA, *Blackbox*.

A *blackbox* encontra-se equipada com estrados e cadeiras cedidas pelo Rui Horta e o equipamento de palco pertence ao Centro Cultural Cila Flor, que quando é necessário o vai buscar e levar. Nas instalações sanitárias os azulejos existentes foram cobertos também com auto-nivelante. As portas encontram-se em bruto, sem tratamento .

Todos estes elementos apontam para uma resolução de problemas que levam o espaço para o domínio dos industriais, no entanto o conjunto aguenta-se muito bem, e participa de uma lógica coerente, tendo visitado o espaço vi nele uma grande capacidade de adaptação às necessidades e embora subjectivo considero o espaço agradável para estar e para trabalhar.

Patologias pós uso

Após a sua utilização edifício começou depois a apontar algumas patologias. Parte delas por o edifício se encontrar abandonado tantos anos. A água que entrou e que se acumulou na laje do piso 1 provocou que esta se degradasse. Quando submetido a uma carga ligeiramente superior a teia da *blackbox* cedeu ligeiramente e foram forçados a reforçar fazendo perfurando a laje e colocando uma chapa de aço de forma a aumentar a área de descarga sobre a mesma.

Alguns dos espaços como as instalações sanitárias apresentam já sinais de uso e auto-nivelante começa a degradar-se, no entanto não visto como um problema mas uma condição, quando for necessário dar-se-á de novo o acabamento. Foram ainda apontados outros problemas, o facto das portas não estarem preparadas para receber dobradiças embutidas levou a que cedessem com o uso e agora consoante o desgaste são trocadas por dobradiças normais.

Conclusão

Encontrámos neste projecto muitos dados que nos permitiram ver com intervir em espaços com orçamentos baixos. Estes forçam a diminuir

o número de pessoas em obra bem como a complexidade da construção. Levam ainda à procura de apoios, de mecenas que possibilitam a construção de um espaço cultural de experimentação, provavelmente apenas possível porque vêm neste mecenato a possibilidade de criação de riqueza na região, boa publicidade e na altura em que foi feito a participação e inclusão na marca Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura.

Em Montemor-o-Novo encontramos o projecto Espaço do Tempo. Situa-se no Convento da Saudação e é gerido por Rui Horta, coreógrafo. O conjunto assume-se como “estrutura transdisciplinar que serve de apoio a inúmeros criadores nacionais e internacionais”¹⁷, tem como principal propósito a “pesquisa e na experimentação, base da renovação e da inovação das linguagens artísticas”¹⁸. Tal como o Maus Hábitos, o e os “Silos. CR” situa-se no campo dos espaços intermédios como locais privilegiados para a experimentação e criação.

Aqui são acolhidas várias disciplinas, Dança, Teatro, Cinema, Video, Arquitectura, Artes Plásticas, Instalação, Fotografia, Edição de Imagem, Sistemas que operam em tempo real, Som Digital, 3D.

A instituição tem ainda parte na vida da cidade, apontam que Montemor-o-Novo é um conselho mais pobres do país, e vendo na cultura um factor para o desenvolvimento do conselho procuram fazer através da cultura alguma actividade económica.

Tornou-se ainda um potenciador de urbanidade quer pelos eventos dinamizados quer através dos espaços criados que se encontram ao dispor da cidade como a esplanada de verão que passou a ser ponto de encontro.

Enquanto estrutura fornecem aos artistas instalações de grande dimensão, cinco estúdios, doze quartos, estúdios de som, luz, e outros; acesso a um excelente espaço de apresentação, o Teatro Curvo Semedo, e uma pequena *Blackbox* (10x20x6,5m) totalmente equipada; a qualificação da equipa de produção e técnica que assegura a qualidade das produções. Apontam ainda a vantagem de estarem localizados longe das exigências da cidade criando espaço/tempo para a criatividade, com um “entorno paisagístico privilegiado e dentro de um monumento nacional, e que, não obstante, está apenas a 1h de Lisboa.”¹⁹

Os custos da gestão do espaço são assegurados pela Câmara Municipal de Montemor-o-Novo que aqui viu uma estratégia para a dinamização cultural, social e económica do Conselho.

O Convento da Saudação teve obras de reabilitação por parte da DGEMN nos anos 90, estas impediram a derrocada do conjunto. Em 1998 a Câmara Municipal restaurou as carpintarias²⁰.

17 O Espaço do Tempo, “O Espaço Do Tempo - Apresentação.”

18 Ibid.

19 Ibid.

20 O Espaço do Tempo, “Convento Da Saudação.”

ANEXO II

RELATÓRIO DO RESULTADO DO INQUÉRITO,

De forma a ampliar a quantidade de informação disponível acerca das bandas, salas usadas, e características das mesmas procurou-se construir um inquérito e fazê-lo correr através dos meios digitais mais usados, o *Facebook*, através do contacto directo, *emails* no Directório Stop²¹.

O questionário foi feito com base nas recolhas espontâneas que foram sendo feitas. Definiram-se os parâmetros que interessavam e procurou-se definir o grupo dos indivíduos no género e faixa etária. Procurou-se depois perceber que tipo de utilização era feita do espaço bem como a sua génese e duração. Neste questionário procurou-se ainda aumentar os dados do directório Stop.

Acerca do espaço o interesse estava na procura das modificações e optimizações que as bandas tinham feito, a nível acústico e visual e o nível de satisfação da qualidade da sala. Nas questões acerca do espaço comum foram colocados vários parâmetros bem assim o nível de necessidade que os utilizadores anteviam. Estes foram definidos através dos questionários anteriormente feitos, e de questões levantadas através da observação e estudo do trabalho do Anselmo Canha.

As 13 respostas obtidas foram em grande parte dadas por um dos elementos do grupo que representou a opinião, e estado das salas referentes a um universo de cerca de 40/50 músicos.

Dos músicos que aceitaram preencher o inquérito apenas um é do sexo feminino, e foi através de contacto directo que pedi a participação.

Obtivemos mais respostas de músicos entre os 25 e 30 anos havendo também um grupo significativo de projectos entre os 18-24, 31-35 e 35-40.

Dos músicos que responderam grande parte deles, 13, utilizam os como espaço de ensaio e dos quais um terço o usa ainda como estúdio de gravação.

Das respostas obtidas 12 utilizam o o "CCStop" como espaço para o seu *hobbie* e apenas um para estudo. O tempo que passam no "CCStop" é também reflexo da principal utilização que os inquiridos fazem dele sendo que não passam mais do que 16 horas sendo predominante à noite.

Acerca da a grande maioria fez uma personalização própria à sala. Para o isolamento acústico parte das respostas conseguimos ter alguma noção dos materiais usados, lã de rocha, esponjas, *roofmate*, espumas absorventes, pladur, caixas de ovos. Podemos constatar que alguns dos materiais não serão dos mais indicados para o tratamento acústico e no caso das caixas de ovos e esponjas são materiais altamente combustíveis. Uma falha na informação recolhida encontra-se na finalidade

dos materiais, no entanto esta alienação foi forçada de forma a que o questionário não fosse extensivo. Mais de um terço dos inquiridos encontravam-se satisfeitos ou muito satisfeitos com o tratamento acústico das suas salas, assim como parte igual dos inquiridos as considera razoáveis e apenas três das respostas apontam para insatisfação da acústica das mesmas.

Relativamente à criação da Associação de Músicos grande parte considera com algum interesse a indispensável.

Tratamento visual/gráfico das montras, existe uma parte expressiva que considera sem interesse.

Arranjo das instalações sanitárias, isolamento acústico entre salas, funcionamento dos elevadores e a segurança (controlo de entradas e vídeo vigilância), é algo que concordam como sendo importante/indispensável. Relativo às escalas rolantes uma pequena parte considerou sem interesse o seu funcionamento.

Notas: Segundo Ulisses Carvalho, músico da sala 114-A, existem infiltrações de água nas condutas do ar condicionado, e este sistema de condutas é um dos principais condutores quer do ar viciado quer do som entre as salas.

O projecto Kravus apontou que os antigos cinemas podiam servir de espaço de concertos, a necessidade de arranjar os quartos de banho e as infiltrações na clarabóia do terceiro andar.

ANEXO III

EUGÉNIO ALVES SOUSA, LICENÇA 170/49, "GARAGEM AUSTIN", ARQUIVO GERAL DA CAMARA MUNICIPAL DO PORTO (PORTO, 1949).

Pag	descrição	Esc.	+ info
3 até 6	memória descritiva		
7	foto local ants construco		
8	implantação		
9	Pisos R/C, Andares 1 e 2, terraço.	Esc 1/100	plantas escala 1/100
10	Plantas, Cave, Entre-solo, Cortes, E.F. E corte G.H.	Esc 1/100	plantas e cortes escala 1/100
11	Alçado Sul, Poente, Cortes A.B. C.D.		Alçados e cortes esc 1/100 alçado poente
	reprovado pela comição de estética		
12	Alçado Norte	Alçado 1/150	
	Pedido de aditamento do alçado		
14	Alçado Poente	Esc 1/100	
	aditamento, acresto do projecto estruturas		
	termo de responsabilidade		
17	Projecto de Betão, Memória		
29	Início das peças estruturais desenhadas de betão		desenhos Índice dos desenhos de 1 a 29.
	Plantas 1/100 das lajes		
45	desenho nº 17 – início de desenhos com desenhos das armaduras		
57	terminam os desenhos do projecto de betão		
58	custos		
59	fiscalização		
60	fiscalização		
61	registo da repartição de finanças		
62	folha alvará		
63	pedido da faixa do passeio para as obras		
64	pagamento de material para a vedação do espaço		
65	folha alvará anexo		
66	pedido de aumento do prazo das obras		
67	pagamento da progogação		
68	pedido de aditamento		
69	memória descritiva do aditamento		Ciração de um anexo na parte traseira da Gara-
	gem		
70	planta de implantação do aditamento	Escala 1/500	
71	Planta anexo, 1º Andar	Esc 1/100	Reprovado pela, comissão de estética urba-
	na		
72	Cortes e alçados do anexo	Reprovado pela, comissão de estética urbana	Esc 1/100
73	Planta anexo, R/C	Esc 1/100	
75	Cortes e alçados do anexo	Aprovqdo pela, comissão de estética urbana	E s c 1 / 1 0 0
	Aprovado pela, comissão de estética urbana		
76	Planta anexo, 1º Andar	Esc 1/100	
79 até 80	Cálculos betão		
81	Telas finais (?) Aditamento anexo do R/C	Esc 1/100	Janeiro de 1951
82	Telas finais Alçado poente e Empena Nascente, Corte AB	Esc 1/100	1951
83	Telas finais (?) Aditamento anexo do 1º Andar	Esc 1/100	1951
84	Projecto de Betão Armado	Esc 1/100	
107	Aditamento, Escritórios, Armazém de peças	Esc 1/100	Abril de 1952
108	Aditamento, Anexo, 1º andar, corte AB	Esc 1/100	alteração dos vestiários que separa-
	vam Homens de Rapazes num só	Abril de 1952	
109	Aditmaneto escritórios, EF	Esc 1/100	
110	Aditamento, Planta R/C, Aditamento dos saneamentos (penso eu)	Esc 1/100	
111	Additmaento alçado Norte, (o principal)	Esc 1/100	tem apenas a fracção do R/C e o ar- ranque dos pisos superiores

ANEXO III

EUGÉNIO ALVES SOUSA, LICENÇA 294/80, CENTRO COMERCIAL STOP, 9 VOLS.,
ARQUIVO GERAL DA CAMARA MUNICIPAL DO PORTO (PORTO, 1980).

Pag descrição Esc. + info

Vol 1 PROJECTO INICIAL

1	Pedido para iniciar o processo	
2	termo de declaração	
3	memória descritiva	
4	memória descritiva	
5	memória descritiva	
6	memória estimativa	
7	ficha electrotecnica	
8	foto	
9	planta topografica	
10	Cave esc. 1:100	
11	Rés-Chão 1:100	
12	Sobre loja e parte superior do cinema	1:100
13	1º e 2º Andar	1:100 (Nota, toda a estrutura se mantém, todo o interior é novo)
14	3º andar	1:100 (Nota, toda a estrutura se mantém, todo o interior é novo)
15	Alçado	1:100
16	Corte A-B	1:100
17	Corte C-D	1:100
18	Aditamentos	
19	memória descritiva	
20	memória descritiva	
21	memória descritiva	
22	memória descritiva	
23	termo de declaração	
24~37	cálculos	
38~43	Desenhos	
44~47	Projecto Betão, desenhos	
48	Aditamentos	
49~57	desenhos	
58	plante topografica	
59	ficha electrotecnica	
60	memória descritiva e justificativa electricidade	
61	memória descritiva e justificativa electricidade	
62	memória descritiva e justificativa electricidade	
63	memória descritiva e justificativa electricidade	
64	memória descritiva e justificativa electricidade	
Até 82	memória descritiva e justificativa electricidade	
83~93	Desenhos electricidade	
94	Aditamento	
95	memória descritiva	
96~98	desenhos	
99	Aditamentos	
100	aditamento entrada rampa estacionamento	
101	desenhos dos aditamentos da cave	
102	Aditamento	
103	memória descritiva	
	Plantas e cortes gerais	
	plantas estruturais e vigas	
	Planta electricidade	
	Planta alteração da cave e acesso	

Vol 2

	30 Setembro de 1980	
	Alteração do programa fim <i>Bowling</i>	
111~	2 cinemas, 200 lugares + 300 lugares	
113	Corte. Esquema da alteração	1:500
117	Desenhos das vigas e pilares	1:100
118	Desenhos das vigas e pilares	1:100
131	Desenho das lajes	1:100

132	Desenho das lajes	1:100	
135	colocação de uma sub-cave e de um 4º piso recuado		
140 até 157	Descrição extensiva de cada uma das fracções das lojas		
158	Sub cave	1:100	
159	Planta piso Sub-cave, aditamento	1:100	
160	planta piso R/C, aditamento	1:100	
161	Planta piso Sobre-loja e piso superior dos cinemas	1:100	
162	Planta piso 1	1:100	
163	Planta piso 2	1:100	
164	Planta piso 3	1:100	
165	Planta piso 4	1:100	
179	Planta piso Cave, Aditamento	1:100	
180	planta piso R/C, aditamento	1:100	
181	Planta piso 1, aditamento	1:100	
182	Planta piso 2	1:100	1ª fase
183	Planta piso 3	1:100	1ª fase
184	Planta piso 4	1:100	1ª fase
185	Planta piso Sub-cave	1:100	
195	Planta piso Sub-cave	1:100	2ª fase
196	Planta piso Cave	1:100	1ª e 2ª fases
197	Planta piso R/C	1:100	1ª e 2ª fases
198	Planta piso 1	1:100	1ª fase
199	Planta piso 2	1:100	1ª e 2ª fases
200	Planta piso 3	1:100	1ª fase
201	Planta piso 4, recuado	1:100	1ª fase
202	Planta Piso Sub-cave	1:100	
203	Planta piso Cave	1:100	
204	Planta piso 2, onde é alterada a loja 204	1:100	
205	Planta piso 3, aditamento	1:100	
206	Planta piso 4, danceteria	1:100	
207	Alçados, recuado e Sul planificado	1:100	
208	Corte, alteração	1:100	2ª fase
209	Corte C-D, com partes novas	1:100	
210	Cinemas, Cave e Sub-cave	1:100	
Vol 3	Projecto e especificações electricidade		
239	Localização das peças eléctricas, quadro, tomadas, iluminação emergência, indicação saídas.		
240	Localização das peças eléctricas, quadro, tomadas, iluminação emergência, indicação saídas.		
241	Localização das peças eléctricas, quadro, tomadas, iluminação emergência, indicação saídas.		
255	Planta piso Cave		
256	Planta piso R/C		
257	Planta Piso Sub-cave		
258	Planta piso Cave, Aditamento		
259	planta piso R/C, aditamento		
260	Planta piso 1, aditamento		
261	Planta piso 2, aditamento		
262	Planta piso 3, aditamento		
263	Planta piso 4, recuado, aditamento		
264	Alçados, recuado e Sul		
265	Corte A-B		
266	Corte C-D		
267	Corte G-H, Cinemas		
287	Alterações no projecto, caixas de correio, alteração da escada na Cave e Sub-Cave que leva ao R/C, Alteração do limite em fachada das lojas 139, 140, 147		
	Alteração do Bar junto ao Cinema. Acesso à casa das máquinas do elevador a Sudeste		
289	Planta piso Sub cave, Aditamento 2		
290	Planta piso Cave, Aditamento 2		
291	Planta piso R/C, Aditamento 2		
292	Planta Piso 1, Aditamento 2		
293	Corte C-D, Aditamento 2		
298	Informação acerca da alteração do 4º piso		
300	Plantas e cortes Piso 4	1:100	
301 até 306	Alterações feitas a vários espaços	1:100	
307	Aditamentos relativos as lojas Piso R/C		
308	Aditamentos relativos as lojas Piso 1		
309	Aditamentos relativos as lojas Piso 2		

310	Aditamentos relativos as lojas Piso 4	
311	Alteração a cada loja	
312	Alteração a cada loja	
315	Cinemas, Sala 1 c/ iluminação	1:50
316	Cinemas, Sala 2 c/ iluminação	1:50
	Sala de projecção	1:50
318	Cinema, Sala 1, tomadas, máquinas, equipamento, alimentação	1:50
319	Cinema, Sala 2, tomadas, máquinas, equipamento, alimentação	1:50
320	Sala de projecção, tomadas, máquinas, equipamento, alimentação	1:50
321	Cinema, Sala 1, instalação eléctrica, iluminação emergencia ambiente, alimentação de ??? luminosos, inicação de filas	1:50
322	Cinema, Sala 2, instalação eléctrica, iluminação emergencia ambiente, alimentação de ??? luminosos, inicação de filas	1:50
323	Sala de projecção, iluminação emergencia ambiente, degraus e calhas dos projectores	
1:50		
324	Cinema, Sala 1 Circuito B.F., telefone	1:50
325	Cinema, Sala 2 Circuito B.F., telefone	1:50
326	Sala de projecção Circuito B.F., telefone	1:50
327	Esquema do cinema	1:50
331	planta piso 1 com alimentação das lojas	
334	planta piso R/C com alimentação das lojas	
337	planta piso 2 com alimentação das lojas	
340	planta piso 3 com alimentação das lojas	
365	planta loja 11/22	
371	planta piso R/C com alimentação das lojas	
386	planta piso 1 com alimentação das lojas	
398	planta piso 2 com alimentação das lojas	
409	planta piso 3 com alimentação das lojas	
425 até 474	planta com circuitos de iluminação de espaços "colectivos"	
478 até 481	fr/vr alterações 30 Jun 1985	
483	planta cave	
484	planta sub cave	
485	planta rc, aditamento das lojas	
486	planta 1º piso, aditamento das lojas	
487	planta 2º piso, aditamento das lojas	
488	lanta 3º piso, aditamento das lojas	
489	planta 4º piso, aditamento das lojas	
490	Plantas cortes, alterações de lojas e outros espaços	
969	-Bar, desenhos 1:50 loja 138	1:50
1092	- foto do stop antes da renovação da fachada,	
1095	- café snck bar desenhos 1:50 loja 37	1:50
1103	- foto do stop antes da renovação da fachada,	
1534	Certidão para o arquitecto Manuel Francisco de Almeida Pinto – fracção H-3	
1653	- Rrlatório de Ensaio do ruído, Maria João Teles em 10-08-06	
1712-1732	relatório de ensaio, medições acústicas sa "fracção Z" feitas pela empresa "oita-va"	
1766	28 de junho de 2010	
1763	alvará de utilização ALV/52/07/DMU	
1764	Pedido de declaração de extinção de procedimento para licenciar a "Fracção Z", Loja 23 – teve início em 30/10/2006	

